

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA  
DAS ESTRATÉGIAS RELACIONADAS À SEXUALIDADE EM  
UMA ESCOLA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**LARISSA PEREIRA LASNEAU BERNARDINO**

**2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DAS  
ESTRATÉGIAS RELACIONADAS À SEXUALIDADE EM UMA  
ESCOLA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**LARISSA PEREIRA LASNEAU BERNARDINO**  
*Sob a Orientação da Professora*  
**Dra. Sílvia Maria Melo Gonçalves**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica-RJ**  
**2023**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B523p

BERNARDINO, LARISSA PEREIRA LASNEAU , 1995-  
PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DAS  
ESTRATÉGIAS RELACIONADAS À SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO / LARISSA PEREIRA LASNEAU  
BERNARDINO. - Seropédica, 2023.  
109 f.: il.

Orientadora: Sílvia Maria Melo Gonçalves.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação  
Agrícola, 2023.

1. Adolescência. 2. Sexualidade. 3. IST. 4.  
Métodos Contraceptivos. 5. Adolescência. I. Gonçalves,  
Sílvia Maria Melo , 1950-, orient. II Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós  
Graduação em Educação Agrícola III. Titulo.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed  
in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil  
(CAPES) - Finance Code 001"



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA



**HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO N° 81 / 2023 - PPGEA (11.39.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.067834/2023-22**

**Seropédica-RJ, 08 de outubro de 2023.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**LARISSA PEREIRA LASNEAU BERNARDINO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 22/09/2023

---

Profª. Drª. Sílvia Maria Melo Gonçalves - UFRRJ

(Orientadora)

---

Prof.ª Dr. Allan Rocha Damasceno - UFRRJ

---

Profª. Drª. Fátima Niemeyer da Rocha - UV

*(Assinado digitalmente em 09/10/2023 15:11 )*

ALLAN ROCHA DAMASCENO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)  
Matrícula: 2572431

*(Assinado digitalmente em 09/10/2023 17:00 )*

SILVIA MARIA MELO GONCALVES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)  
Matrícula: 1043457

*(Assinado digitalmente em 09/10/2023 16:31 )*

FÁTIMA NIEMEYER DA ROCHA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 568.736.467-68

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: **81**, ano: **2023**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **08/10/2023** e o código de verificação: **a982b5e4d4**

## AGRADECIMENTOS

Os últimos anos não foram fáceis, foram longos anos de muito estudo, esforço e empenho. O ombro amigo de algumas pessoas, foram essenciais para a realização de mais este sonho, por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, toda a importância que elas tiveram, e ainda têm, nesta conquista e registro aqui, a minha sincera gratidão a todas elas.

Primeiramente, expresso toda minha gratidão à Deus, que nunca me deixou faltarem forças, fez de mim um ser humano melhor e me fornece todo amor e amparo.

Agradeço a minha mãe, pelo apoio e estímulo mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada pelo esforço que fez para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar até aqui, por vivenciar os meus sonhos, por sempre desejar o melhor para mim e, principalmente, pelo seu amor e carinho.

Agradeço à minha família, por dividirem comigo o dia a dia e tornar a jornada ao longo dos anos mais leve e divertida, independentemente de qualquer adversidade do cotidiano.

Estendo meu agradecimento aos meus sogros pela ajuda, pela parceria, abrigo, colo e pelo ânimo em todos os longos dias em que era necessário me manter forte. Em especial a minha sogra Adriana, que sempre me impulsionou a explorar os meus potenciais. Você é a minha maior inspiração e eu sou grata pelos seus ensinamentos.

À professora Dra. Sílvia Maria Melo Gonçalves, um incalculável “muito obrigada”, por ter sido a professora responsável por me auxiliar a chegar até o fim dessa longa jornada. Agradeço por toda a sua dedicação, pela sua amizade, pelos aconselhamentos e estímulos ao longo desses anos. E, principalmente, obrigada por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim.

Por fim, agradeço ao João, meu marido, por me incentivar a ter coragem e confiança, por me apoiar e me fazer enxergar que a caminhada é muito mais bonita quando compartilhada com quem nós amamos. Você meu amor, foi o elo mais importante dessa jornada, obrigada pelas palavras que acalmavam meu coração e pelo seu colo sempre disponível, quando eu sentia medo. João, você é o maior presente da minha vida. Nós conseguimos juntos meu amor, eu amo você.

## **RESUMO**

BERNARDINO, Larissa Pereira Lasneau. **Para além dos muros da escola: a importância das estratégias relacionadas à sexualidade em uma escola do estado do rio de janeiro.** 2023. 109f. (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

As questões relacionadas à sexualidade ainda se encontram insuficientemente inseridas na realidade da maioria das escolas. Em geral, a exposição do tema nas escolas limita-se a uma abordagem biológico-higienista e ao sexismo, ligada apenas aos fatores biológicos presentes nos livros didáticos, quando se debate e discute sobre prevenção e promoção da saúde, infecções sexualmente transmissíveis, reprodução humana, formação biológica e gravidez na adolescência. O estudo objetivou implementar ações visando a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, as consequências do não uso dos métodos contraceptivos e a gravidez indesejada na adolescência, a partir de uma reflexão sobre a temática sexualidade numa abordagem que enfatizou a promoção da saúde e do autocuidado. Pretendeu-se contribuir para clarificar a relevância da implementação de eventos de qualificação para os profissionais que lidam com este público, para que possam promover uma educação voltada para a formação de sujeitos críticos, livres de preconceitos e discriminação. Para o desenvolvimento do estudo foi realizada uma pesquisa-ação, com análise qualitativa dos dados, baseada na técnica de Análise de Conteúdo de Bardin. O público-alvo da pesquisa foi alunos do 2º ano do Ensino Médio, ativos no CIEP Padre Salésio, situado no Município de Vassouras-RJ. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com questões abertas, a ser aplicado nos estudantes antes e depois das ações realizadas. Os resultados serviram como parâmetros que possam subsidiar o planejamento de intervenções futuras, pautadas na prevenção e promoção de saúde da região.

**Palavras chaves:** Adolescência; Sexualidade; IST; Métodos Contraceptivos; Gravidez na Adolescência.

## ABSTRACT

BERNARDINO, Larissa Pereira Lasneau. **Beyond the school walls: the importance of sexuality -related strategies in a school in the state of Rio de Janeiro.** 2023. 109p. (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Issues related to sexuality are still insufficiently included in the reality of most schools. In general, exposure of the topic in schools was limited to a biological-hygienist approach and sexism, linked only to biological factors present in textbooks, when discussing and discussing prevention and health promotion, sexually transmitted diseases, human reproduction, biological training and teenage pregnancy. The study aimed to implement actions aimed at preventing sexually transmitted diseases, the consequences of not using contraceptive methods and unwanted teenage pregnancy, based on a reflection on the theme of sexuality in an approach that emphasized health promotion and self-care. It was intended to contribute to clarifying the relevance of implementing training events for professionals who deal with this public, so that they can promote an education aimed at forming critical subjects, free from prejudice and discrimination. For the development of the study, an action research was carried out, with qualitative data analysis, based on Bardin's Content Analysis technique. The target audience of the research were students in the 2nd year of high school, active at CIEP Padre Salésio, located in the municipality of Vassouras-RJ. As an instrument for data collection, a questionnaire with open questions was used, to be applied to students before and after the actions taken. The results served as parameters that can support the planning of future interventions, based on prevention and health promotion in the region.

**Keywords:** Adolescence; Sexuality; STI; Contraceptive Methods; Teenage pregnancy.

## **LISTA DE ABREVIASÕES**

- BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CIEP – Centro Integrado de Educação Pública  
DIU – Dispositivo Intrauterino  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
IST – Infecção Sexualmente Transmissível  
MEC – Ministério da Educação  
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais  
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1:</b> Vista da principal praça da Cidade, a praça Barão de Campo Belo .....	28
<b>Figura 2:</b> Divisão por cidades do Estado do Rio de Janeiro.....	29
<b>Figura 3:</b> Visibilidade do pátio de entrada ao CIEP.....	30
<b>Figura 4:</b> Vista panorâmica da estrutura escolar observada de cima. ....	30
<b>Figura 5:</b> Secretaria do CIEP Padre Salésio .....	31
<b>Figura 6:</b> Infraestrutura da sala de Maker da instituição. ....	31
<b>Figura 7:</b> Alunos concentrados na temática abordada durante a palestra .....	32
<b>Figura 8:</b> Primeiro contato com os alunos para explicação sobre o trabalho.....	34
<b>Figura 9:</b> Alunos respondendo ao questionário pela primeira vez.....	35
<b>Figura 10:</b> Momento da palestra em que era abordado o assunto sobre preservativos femininos. ....	36
<b>Figura 11:</b> Alunos reunidos após participarem ativamente da palestra.....	36
<b>Figura 12:</b> Implementação da cartilha.....	38

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Análise percentual das respostas da pergunta 1 .....	39
<b>Gráfico 2</b> - Análise da faixa etária dos participantes.....	39
<b>Gráfico 3</b> – Índice de escolaridade dos chefes de família dos alunos estudados.....	40
<b>Gráfico 4</b> - Religião dos participantes da pesquisa.....	41
<b>Gráfico 5</b> - identificação de moradia dos participantes .....	41
<b>Gráfico 6</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 8 antes da intervenção: “Você conversa com seus pais sobre gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?” .....	44
<b>Gráfico 7</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 8 após a intervenção: “Você conversa com seus pais sobre gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?” .....	44
<b>Gráfico 8</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 10 antes da intervenção: “A sua escola oferece informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?” .....	47
<b>Gráfico 9</b> – Questionário - análise percentual das repostas da questão 10 após a intervenção: “A sua escola oferece informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?” .....	48
<b>Gráfico 10</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 13 antes da intervenção: “Você sabe qual a principal forma de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis?” .....	52
<b>Gráfico 11</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 13 após a intervenção: “Você sabe qual a principal forma de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis?” .....	53
<b>Gráfico 12</b> – Questionário - análise percentual das respostas da questão 14 antes da intervenção: “Você acha que tem informações suficientes sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez?” .....	54
<b>Gráfico 13</b> – Questionário - análise percentual das respostas da questão 14 após a intervenção: “Você acha que tem informações suficientes sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez?” .....	55
<b>Gráfico 14</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 14 antes da intervenção: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?”.....	56
<b>Gráfico 15</b> – Questionário – análise percentual das respostas da questão 14 após a intervenção: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?” .....	56

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Questionário: análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 7 antes da intervenção: “Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo?”.....	42
<b>Tabela 2</b> – Questionário: análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 7 após a intervenção: “Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo? .....	43
<b>Tabela 3</b> – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 9 antes da intervenção: “Onde você busca informações sobre sexo, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos?”.....	45
<b>Tabela 4</b> – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 9 após a intervenção: “Onde você busca informações sobre sexo, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos?”.....	46
<b>Tabela 5</b> – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 11 antes da intervenção: “Em sua opinião, como a escola deveria abordar temas como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez e métodos anticoncepcionais?” .....	49
<b>Tabela 6</b> – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 11 após a intervenção: “Em sua opinião, como a escola deveria abordar temas como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez e métodos anticoncepcionais?” .....	50
<b>Tabela 7</b> – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 12 antes da intervenção: “Quais os tipos de métodos contraceptivos que você conhece?” .....	51
<b>Tabela 8</b> – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 12 após a intervenção: “Quais os tipos de métodos contraceptivos que você conhece?” .....	52

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>4</b>
2.1	Objetivo Geral: .....	4
2.2	Objetivos Específicos: .....	4
<b>3</b>	<b>ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>5</b>
<b>4</b>	<b>SEXUALIDADE PARA ALÉM DO SEXO .....</b>	<b>11</b>
4.1	A construção de gênero e a repercussão na sexualidade humana.....	15
4.2	Sexualidade na adolescência .....	17
<b>5</b>	<b>SEXUALIDADE NAS ESCOLAS COMO FORMA DE PREVENÇÃO, PROMOÇÃO DA SAÚDE E INCLUSÃO SOCIAL .....</b>	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>26</b>
6.1	Participantes .....	26
6.2	Instrumento .....	27
6.3	Procedimentos .....	27
6.4	Local da pesquisa.....	28
6.5	Estratégia Pedagógica.....	32
6.6	Análise de Dados .....	38
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>39</b>
7.1	Perfil Sociodemográfico dos Participantes.....	39
7.2	Questionário Aplicado Antes e Após a Intervenção.....	41
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
<b>10</b>	<b>ANEXO.....</b>	<b>69</b>
<b>11</b>	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>71</b>
	Apêndice A .....	72
	Apêndice B .....	74
	Apêndice C .....	76
	Apêndice D .....	78
	Apêndice E .....	83
	Apêndice F.....	84

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o tema sexualidade vem ganhando espaço dentro das escolas com o objetivo principal de promover a prevenção de IST (Infecção Sexualmente Transmissível) e gravidez na adolescência. Observamos a preocupação de diversos setores, como o da saúde e o da educação, o que ocasiona uma necessidade contínua de busca de estratégias para o enfrentamento de problemas relacionados à sexualidade em crianças e adolescentes, objetivando resultados mais consistentes (BRASIL, 2006; BRASIL, 2008).

De acordo com Piscitelli (2009), na escola, em geral, a discussão do assunto sexo/sexualidade encontra-se vinculado à biologia (genes, sistema nervoso, hormônios e morfologia) e gênero está relacionado com a cultura (sociologia, psicologia, incluindo todo o aprendizado biopsicossocial alcançado desde o nascimento).

Na contemporaneidade, abordar o tema sexualidade ainda é um tabu que envolve preconceitos, provocando dificuldades no diálogo entre os indivíduos. No cenário escolar, tais dificuldades podem ser ainda maiores, onde educadores encontram, diversas vezes, dificuldades em tratar de assuntos envolvendo questões sexuais com seus alunos por razões tais como: familiares, religiosas ou culturais. No entanto, existem educadores que reconhecem e investem na importância de estratégias e discussões sobre o tema no espaço escolar, uma vez que a instituição escola é responsável pela disseminação e produção do conhecimento, agindo na formação crítica e social das pessoas. Porém, ocorrem alguns desafios quando falamos de questões relacionadas à sexualidade, dentre as quais podemos destacar: a falta de conhecimento para lidar com o tema, a falta de preparo dos educadores, a cultura que perpassa a educação, além dos aspectos religiosos e morais que estão em torno desse debate (RUSSO; ARREGUY, 2015).

Conforme abordado por Louro (2018), o ser humano é compreendido em diversas unidades de ensino; quando falamos no corpo humano logo buscamos explicações em sua biologia para explicar aquilo que acontece com e nele. Porém a autora enfatiza que o corpo humano está além da “pura” biologia, pois envolve processos culturais e históricos na medida em que ele também é sociedade.

Deve-se levar em consideração que corpo é também espaço de pluralidades, de expressão e de constituição de identidades. É aquele que possui história, é caracterizado por linguagem, fala e exprime seus anseios de uma maneira significativa. Portanto, faz-se necessário que as práticas educativas não se limitem a trabalhar apenas o biológico, que sejam também implementadas práticas que tenham como base a aproximação das vivências dos alunos, estimulando a troca de experiências, o raciocínio crítico-reflexivo e o protagonismo individual de cada um no campo reprodutivo e afetivo-sexual. Afinal, um corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno (GOELLNER, 2003; SILVA et al., 2011).

Podemos identificar que no cenário da educação, os assuntos relacionados ao tema sexualidade tiveram avanços nas últimas décadas a partir de alguns marcos históricos que, ao logo dos anos, deram maior visibilidade à esta temática. Dentre os avanços identificados, consideraremos a inclusão de tais conteúdos como tema transversal: Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). De acordo com os PCN

a abordagem de questões ligadas ao corpo humano na área de ciências naturais: [...] inclui a comparação entre os principais órgãos e funções do aparelho reprodutor masculino e feminino, relacionando o seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade e respeitando as diferenças individuais. Além disto, estuda o organismo, a reprodução e prevenção; entende-se que a Educação para Sexualidade deve abordar aspectos biológicos vinculados às

questões de gênero, e assim desconstruindo conceitos heteronormativos, ensinando o respeito acima de tudo. (BRASIL, 1997, p. 27)

Para se trabalhar com o tema relacionado à sexualidade nas escolas é importante pesquisar e entender o espaço que esta Instituição oferece para diálogo e troca de informações sobre o tema e de que forma acontece. Pensamentos como o de Ribeiro (2007), destacam que o ambiente de aprendizagem é pautado dentro de uma perspectiva heterossexual, tradicionalista, presente em todos os trabalhos, atividades, currículos etc.

A Instituição Escola é um local de formação de sujeitos pensantes, ativos e libertários. É na escola que construímos parte do nosso ser, do nosso caráter e moral. Segundo esta lógica, Rosa (2011, p.139) pontua que “é na relação com os diferentes indivíduos que perpassam a nossa história – que construímos quem somos. A isso chamamos de alteridade [...].” Entendemos que um dos papéis fundamentais da escola é o de desconstruir o padrão hegemônico da sociedade. Então, quando reafirmamos a real necessidade de uma Educação voltada à disseminação das informações sobre sexualidade, estamos buscando ir além de uma educação machista, higienista e reproduutora de tabus, preconceitos e violência.

O interesse pelo tema originou-se dentro do meu lar, onde a minha mãe engravidou aos 15 anos, tornando-se mãe solo aos 16 anos. Assim eu cresci, observando as inquietações da minha mãe e também os impactos que a gravidez precoce causou em sua vida, prejudicando seus estudos e também seu emocional, criando dificuldades e frustrações que pude entender melhor na minha fase adulta. Isso me fez pensar em como os adolescentes acessam informações relacionadas a sexualidade, uma vez que a contemporaneidade traz um acesso a uma infinidade de informações sobre sexo, mas nem sempre essas fontes são confiáveis ou educativas. Além disso, existe uma preocupação legítima sobre os fatores familiares e externos que colaboram com os índices alarmantes de gravidez na adolescência. A falta de educação sexual adequada em casa e na escola, a pressão social para iniciar a atividade sexual precoce e a falta de acesso a métodos contraceptivos eficazes são apenas alguns dos fatores que são relevantes para esse problema de saúde pública.

Outro fator desencadeador da motivação para essa pesquisa é a minha formação, onde iniciei na educação através do Curso de Formação de Professores, o meu primeiro sonho de menina que deu início a minha carreira como Professora do ensino fundamental I onde me dediquei e exercei a profissão por 5 anos. No meio dessa trajetória iniciei a minha graduação em Psicologia, onde me deparei com a literatura a respeito do tema sexualidade, que logo despertou em mim o desejo pela produção de artigos na área, além da busca permanente por maior participação em eventos que trouxessem informações e formações atuais e relevantes sobre o assunto. Desde então, direcionei minha formação específica para o campo da sexualidade humana, a fim de associar tais conhecimentos com a minha experiência anterior na minha vida e também no magistério. Após a minha formação em Psicologia, me deparei com o tema no meu consultório, atendendo aos adolescentes que sempre traziam dúvidas relacionadas a sexo, sexualidade e prevenção, o que mais uma vez reforçou a importância desse debate de forma segura e aberta.

No ano de 2020, iniciei a minha trajetória no Núcleo de Apoio Psicopedagógico da Faculdade de Miguel Pereira, como Psicopedagoga atendendo as necessidades cognitivas e emocionais dos discentes.

Neste mesmo ano, iniciei a docência na Universidade de Vassouras, instituição em que me formei e onde pude experimentar através de pesquisa e estágios com os alunos as vertentes da adolescência, seus desafios, inquietações e possibilidades de acolhimento. Desde então, tive certeza que este era o caminho que eu deveria seguir.

Acredito que a escola desempenha um papel fundamental na prevenção da gravidez na adolescência de maneira educativa e responsável. A educação sexual nas escolas não deve ser apenas sobre transmitir informações básicas, mas também sobre promover a compreensão dos aspectos emocionais, psicológicos e relacionais da sexualidade. Os adolescentes precisam de um ambiente seguro onde possam fazer perguntas, discutir preocupações e aprender a tomar decisões informadas sobre sua saúde sexual.

Este trabalho foi dividido em 3 tópicos, onde iniciamos nossa discussão sobre o processo histórico da Adolescência sob o olhar de importantes teóricos, seguimos para a identificação do tema sexualidade como um viés que encontra-se para além do sexo, onde abrimos mais 2 sub tópicos que irão discutir sobre a construção de gênero ao longo dos séculos e como se dá a sexualidade na adolescência. E para a finalização da discussão teórica, discutimos sobre a sexualidade nas escolas, trazendo para reflexão a importância da prevenção e promoção de saúde neste espaço educacional, onde o tema sexualidade precisa ser explorado.

Para concluir, observamos através da pesquisa realizada que é evidente que a sexualidade ainda é um tabu nas escolas, e muitas vezes a abordagem desse tema ocorre de forma ineficaz. Além disso, as famílias também enfrentam dificuldades em conversar abertamente com seus filhos sobre sexualidade, muitas vezes devido a constrangimentos, crenças e valores sociais. Vale ressaltar que, o impacto do tabu na relação com a sexualidade é frequentemente exacerbado por influências religiosas que podem perpetuar estigmas e preconceitos. No entanto, é crucial considerar que a educação sexual adequada é fundamental para o bem-estar dos adolescentes e a prevenção de questões como a gravidez na adolescência e as infecções sexualmente transmissíveis.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral:**

Analisar ações para conscientização de alunos do Ensino Médio de uma escola visando a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, consequências do não uso dos métodos contraceptivos e gravidez indesejada na adolescência.

### **2.2 Objetivos Específicos:**

- Analisar a perspectiva dos alunos participantes sobre a importância das intervenções sobre sexualidade na escola.
- Investigar se os alunos participantes conversam com seus pais e responsáveis sobre a temática.
- Identificar as principais fontes de informações dos alunos adolescentes sobre IST, gravidez e métodos contraceptivos.

### **3 ADOLESCÊNCIA**

O filósofo Aristóteles (séc. IV a.C.) descreveu os jovens, no século IV a.C., como apaixonados, irascíveis e capazes de serem levados por seus impulsos. Os adolescentes deveriam focar em explorar diferentes atividades e descobrir seus interesses e habilidades. Nesta fase, acreditava que a autodeterminação era crucial para o amadurecimento dos jovens. Ser capaz de fazer escolhas e assumir responsabilidades era um sinal de maturidade e crescimento. No entanto, alertava que essa habilidade deveria ser desenvolvida gradualmente, à medida que os jovens ganham experiência e conhecimento (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Na perspectiva do filósofo Jean-Jacques Rousseau (séc. XVIII), a adolescência é um período peculiar do desenvolvimento humano. Argumentava que é um momento turbulento e instável, onde os jovens buscam descobrir sua identidade, explorar seus desejos e enfrentar desafios. Para Rousseau, os adolescentes deveriam ser guiados e apoiados nessa jornada, mas também encorajados a desenvolver sua própria individualidade e autonomia, além da visão naturalista da infância e adolescência, estados inerentes ao desenvolvimento humano (CONTINI, 2002).

Logo no século XIX, com o desenvolvimento da ciência e da psicologia, surge uma preocupação em compreender melhor a fase de transição entre a infância e a idade adulta. A adolescência passa a ser vista como um período de transformação e descobertas, tanto físicas como psicológicas (BERNI; ROSO, 2014).

Portanto, o conceito de adolescência ganhou difusão no século XX. Influenciado pelo darwinismo, descrevia a adolescência como um período de “tempestade e tormenta”, os adolescentes experimentam o desejo por novas experiências e abrem-se a possíveis descobertas. A eclosão de sua sexualidade manifesta-se por meio de mudanças no corpo e no comportamento, descoberta de características existentes em si mesmo, que antes dessa fase nem eram percebidas (OLIVEIRA, 2017).

Diante disso, o psicólogo Granville Stanley Hall (1925) foi apontado como um dos pioneiros estudos sobre adolescência, fase que ainda permanecia associada a estereótipos e estigmas. Hall acreditava que a adolescência era uma fase de crise e conflitos, em que os jovens passavam por uma série de mudanças biológicas e psicológicas, a identificou como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade. Essa concepção foi reforçada por algumas abordagens psicanalíticas que a caracterizaram como uma etapa de confusões, estresse e impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento (CONTINI, 2002).

Os desenvolvimentistas modernos, especialmente aqueles que estudam a adolescência, procuram explicar como os fatores biológicos, sociais, cognitivos, comportamentais e culturais estão interligados durante o desenvolvimento, incluindo a transição da infância para a vida adulta. Erikson observou uma combinação desses fatores em sua pesquisa sobre os problemas que surgiram entre os jovens soldados que tinham dificuldade de se ajustar à vida antes da Segunda Guerra Mundial, quando seus planos de servir ao país foram interrompidos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Erik Ekson (1976 p. 130) conceituou:

A adolescência, portanto, é menos “tempestuosa” naquele segmento da juventude talentosa e bem treinada na exploração das tendências tecnológicas em expansão e apta, por conseguinte, a identificar-se com os novos papéis de competência e invenção e aceitar uma perspectiva ideológica mais implícita.

Após o apanhado histórico que mapeou de forma temporal as concepções de infância e adolescência por meio da Filosofia e Psicologia, em tempos modernos, a adolescência passou a ser definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965):

a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos. Em geral, a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010 p. 227).

O ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, tem o principal objetivo de proteção integral e garantir que crianças e adolescentes tenham condições necessárias para seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social. Para alcançar essa proteção integral, é preciso que haja uma ampla articulação entre governo, sociedade civil, famílias e crianças e adolescentes, de forma a garantir a implementação de políticas públicas efetivas e a criação de um ambiente seguro e acolhedor para o pleno desenvolvimento desses sujeitos (CONTINI, 2002).

De acordo com a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990:

Artigo 3º: A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Embora a adolescência possa ser geralmente associada à uma faixa etária determinada, nem todos os indivíduos experimentam o mesmo conjunto de mudanças ao mesmo tempo. Alguns podem entrar na adolescência mais cedo, enquanto outros podem enfrentar essas transformações mais tarde na vida. Portanto, definir a adolescência puramente com base em uma coordenada temporal é inadequado, pois ignora a natureza individualizada do desenvolvimento humano. Em vez disso, é mais útil entender a adolescência como um estado de espírito, independentemente da idade cronológica (JERUSALINSKY, 2004).

As diferentes culturas têm seus próprios sistemas de significação e interpretação da adolescência, que estão intrinsecamente relacionados a questões de gênero, hierarquias

familiares e sociais, assim como à construção de identidades pessoais e sociais. Por exemplo, certas culturas podem atribuir maior importância à virilidade masculina ou à feminilidade, enquanto outras podem valorizar a pureza e a castidade. Essas interpretações moldam a maneira como a puberdade é vivenciada e como as pessoas são socialmente inseridas após esse período (OLIVEIRA, 2006).

A fase do adolescer está sendo contemplada como um sentido único e não uma transição da criança para vida adulta. A experiência juvenil possui elementos constitutivos e seus próprios conteúdos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010). Estes elementos são definidos por características físicas e fisiológicas. No entanto, a maneira como essas características são interpretadas e significadas é influenciada pelo contexto cultural, social e pelos adultos que cercam a pessoa em desenvolvimento. Essas mensagens sociais e culturais podem afetar a autoestima, a autoimagem e a forma como o jovem vê a si mesmo. (BERNI; ROSO, 2014).

A antropologia social aponta que o sentido do adolescer, ao analisar diferentes sociedades e suas influências ao redor do mundo, não é único, já que as experiências da adolescência variam amplamente de acordo com fatores sociais, culturais e econômicos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Esse período intermediário é marcado pelo momento de transição e desenvolvimento, no qual os indivíduos passam por mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais significativas (BERNI; ROSO, 2014). Essa concepção natural da adolescência considera esse estágio da vida como algo inevitável e inerente à condição humana, ignorando as influências sociais, culturais e históricas que moldam esse período. No entanto, a concepção sócio-histórica destaca que a adolescência é um processo socialmente construído e interpretado (ORCASITA, 2018).

Na perspectiva de Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2010), a diversidade entre os adolescentes pode ser observada em vários aspectos. Os grupos aos quais pertencem podem variar de acordo com interesses comuns, como esportes, música, arte e religião. Além disso, as atitudes e comportamentos podem ser influenciados pelo ambiente em que vivem, suas famílias, amigos e escolas. Os gostos também podem ser bastante diferentes entre os adolescentes, desde preferências por diferentes estilos musicais, filmes, séries, livros, entre outros. Cada um tem suas próprias preferências e formas de se expressar.

Oliveira (2017) aborda que para o adolescente o tempo é vivencial ou experimental, pode desenvolver novas mentalidades e competências cognitivas, nas quais sejam capazes de “decidir” ser adulto ou criança, de acatar responsabilidades que serão adjudicadas quando adulto e se adaptar ao novo cenário em que se encontra, de maneira consciente. E isso depende da estruturação do processo educativo, da força emocional e da qualidade dos vínculos socioafetivos estabelecidos.

Durante a adolescência nota-se a incessante busca de identidade, autonomia e independência. É nessa fase que começam a se questionar sobre quem são, o que querem e em que acreditam. Observa-se o senso de individualidade e a capacidade de formar sua própria identidade. Podem enfrentar desafios sozinhos, como lidar com a pressão social, estabelecer relacionamentos românticos, lidar com novas responsabilidades e tomar decisões importantes sobre sua educação, carreira e futuro (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, SILVARES, 2010), neste sentido, acrescentam Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003):

quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e comprehende menos as pessoas como distintas (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p.107)

Oliveira (2006) se fundamenta a teoria de Erik Erikson em que a adolescência é uma fase de transição importante, na qual o indivíduo se confronta com questões relacionadas à sua identidade. É crucial que o adolescente reflita sobre seu passado, suas experiências e conflitos, ao mesmo tempo em que projeta suas expectativas e antecipa seu futuro. Erikson propõe uma abordagem mais individualizada e contextualizada da adolescência e enfatiza a singularidade de cada indivíduo e a importância de considerar a interação entre as vivências passadas e as expectativas futuras na formação da identidade adolescente.

Ao partir da premissa de Erikson, Aberastury, Debesse e Knobel viam a adolescência com um momento de busca por independência, experiências e liberdade, o que pode resultar em comportamentos rebeldes, desafiadores e de oposição às normas vigentes. Essas características são consideradas normais e esperadas, pois fazem parte do processo de construção da identidade e da busca pela autonomia. (OLIVEIRA, 2006).

Portanto, Erikson propõe que ocorre um processo de recapitulação e antecipação, no qual o adolescente revisita seu passado, procura compreender suas identificações e conflitos, e projeta seu futuro, visualizando suas perspectivas e antecipações. Essa integração de passado e futuro é fundamental para uma redefinição da identidade e para o desenvolvimento de uma visão coerente de si mesmo. Erikson destaca a importância de considerar fatores sociais, culturais e históricos na compreensão do desenvolvimento adolescente (OLIVEIRA, 2006).

Essa construção da adolescência como fase de transição e instabilidade, marcada por rebeldia, irresponsabilidade e busca de identidade, serve para aprisionar os jovens em estereótipos e limitações. Ao reforçar a ideia de que a adolescência é uma fase de crise e transformação, a mídia contribui para estigmatizar e marginalizar os jovens, colocando-os como um grupo problemático e perigoso. Isso resulta em políticas de controle social, como leis e medidas que restringem a liberdade e autonomia dos adolescentes (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005).

Esses elementos de identificação podem incluir questões de identidade, autoestima, pertencimento a grupos sociais, formação de valores e crenças, entre outros. A adolescência é um período em que o indivíduo está em busca de sua identidade e busca se afirmar como um indivíduo único e independente. A intensidade dos processos biológicos durante a adolescência, como a puberdade e as mudanças hormonais, também contribuem para essa intensidade do desenvolvimento (OLIVEIRA, 2006).

Sob a ótica de Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2010), gênero, contextos sociais e gerações impactam na fase de desenvolvimento. O gênero desempenha um papel importante na forma como a adolescência é vivida. O contexto social também influencia a adolescência. Diferentes grupos sociais podem ter valores, normas e práticas específicas que afetam a forma como os adolescentes se relacionam com os outros e com eles mesmos. Adolescentes de comunidades rurais podem ter experiências muito diferentes daqueles que vivem em áreas urbanas. Além disso, fatores como classe social, etnia, religião e orientação

sexual podem também influenciar a forma como os jovens vivenciam essa fase. A geração a que os adolescentes pertencem também desempenha um papel importante. Gerações diferentes podem ter experiências e desafios específicos, devido a diferenças históricas e culturais. A forma como os adolescentes vivenciam essa fase é moldada por uma variedade de fatores, como gênero, grupo social e geração, o que leva a múltiplas adolescências. Compreender essa diversidade é fundamental para trabalhar com e apoiar os adolescentes de maneira adequada e empática.

Em geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens. Desenvolver uma identidade madura supõe identificar-se com uma ocupação determinada e com um núcleo de relações interpessoais relativamente estáveis (ERIKSON, 1972 apud SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Oliveira (2006) defende as mudanças físicas e biológicas como fatores determinantes que podem influenciar o estado emocional e psicológico do adolescente, gerando uma busca pela compreensão de si mesmo e de sua identidade. Portanto, a adolescência se torna um objeto privilegiado de atenção na pesquisa em psicologia do desenvolvimento devido à sua natureza única e complexa, que envolve a interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Os adolescentes também passam por uma fase de construção da independência, que envolve tomar decisões e assumir responsabilidades. Isso pode incluir a escolha de carreira, tomar decisões sobre educação continuada, gerenciar finanças pessoais, entre outros aspectos da vida adulta. No geral, a adolescência é uma fase de transição e crescimento, e embora possa ser desafiadora, também oferece grandes oportunidades para o desenvolvimento pessoal e a construção da identidade. É importante que os jovens sejam apoiados e orientados durante esse período, para que possam enfrentar os desafios de forma saudável e construtiva (MEDEIROS et al., 2021).

Além disso, é um período marcado por mudanças psicológicas significativas. O adolescente está construindo sua identidade, buscando sua independência e explorando novas experiências. Ele experimenta a necessidade de se encaixar em grupos sociais e lidar com questões como amizades, relacionamentos amorosos e pressões acadêmicas. Essa fase de transição pode ser desafiadora e, se o adolescente não recebe suporte emocional e social adequado, podem surgir problemas como a depressão e até mesmo o risco de suicídio. O sentimento de confusão e insegurança somado a fatores como bullying, problemas familiares, baixa autoestima e isolamento podem agravar esses sentimentos negativos (SILVA; BARROS, 2021).

Erikson (1976 s/p), por sua vez, argumenta que

essa identidade é construída ao longo da vida, através das experiências, influências culturais, educação e interações sociais. Ela também pode ser influenciada pelas expectativas da sociedade e das pessoas ao redor. Os valores são princípios ou ideais pelos quais a pessoa se guia e que são fundamentais para sua tomada de decisões e comportamentos. Eles podem ser éticos, morais, religiosos, familiares, sociais, entre outros. Os valores refletem o que a pessoa considera importante e valioso na vida.

Identidade, valores, crenças e metas estão interligados e formam a base da construção da personalidade de uma pessoa. Eles influenciam suas escolhas, sua perspectiva de mundo, seus relacionamentos e sua trajetória de vida. Portanto, é importante refletir sobre esses aspectos e buscar conscientemente construir uma identidade alinhada com seus valores e objetivos pessoais (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Diante disso, Oliveira (2006) aborda que a nova epistemologia da adolescência deve se afastar das perspectivas psicanalítica e psicogenética, que enfocam apenas critérios normativos de desenvolvimento e prescrevem comportamentos considerados como normais para a adolescência. Em vez disso, essa nova abordagem deve se concentrar na descrição e compreensão das práticas sociais que constroem a identidade do adolescente em um determinado contexto.

Os adolescentes frequentemente sentem a pressão de se encaixar em grupos sociais e de se moldar aos padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade. Isso pode levar à insegurança e à ansiedade social. Durante a adolescência, os jovens estão descobrindo quem são e qual é o seu papel no mundo. Esse processo de autoconhecimento pode ser desafiador e gerar dúvidas e conflitos internos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Essa mudança de orientação é necessária para que a Psicologia do Desenvolvimento da Adolescência deixe de ser prescritiva e restritiva em relação ao que é considerado como desenvolvimento normal. Ao invés disso, essa nova epistemologia deve se interessar em entender as diferentes experiências e contextos socioculturais que moldam a vivência da adolescência. Dessa forma, a nova epistemologia da adolescência irá valorizar a diversidade e complexidade da experiência adolescente, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada do desenvolvimento nessa fase da vida. Isso implica em uma abordagem mais flexível e aberta, que reconheça a importância das influências sociais e culturais na formação da identidade adolescente (OLIVEIRA, 2006).

Portanto, é essencial que exista um ambiente seguro e acolhedor para os adolescentes durante esse período. A presença de família, amigos e profissionais de saúde pode fornecer o apoio necessário para lidar com as dificuldades enfrentadas. Além disso, é importante promover a conscientização e a educação sobre saúde nas escolas e na sociedade como um todo, para que os adolescentes se sintam à vontade para buscar auxílio e tenham acesso a recursos adequados em casos de necessidade (SILVA; BARROS, 2021).

#### **4 SEXUALIDADE PARA ALÉM DO SEXO**

Durante a adolescência, os jovens enfrentam desafios como lidar com a pressão social, buscar aceitação dos colegas, alcançar as expectativas dos pais e da sociedade, enfrentar mudanças escolares e acadêmicas, desenvolver relacionamentos interpessoais, lidar com as primeiras experiências amorosas e sexuais e enfrentar as demandas da própria autonomia e independência. Além disso, é um período de descoberta da identidade individual, o que pode levar a conflitos internos e confusão de valores e ideais (MEDEIROS et al., 2021).

É preciso atender as necessidades dos adolescentes, fornecendo-lhes informações e orientações sobre sua sexualidade e sua saúde. Diante desses desafios, podemos destacar a gravidez na adolescência que geralmente traz desafios adicionais para esses jovens, como a interrupção dos estudos e dificuldades financeiras. A falta de oportunidades educacionais e profissionais também pode dificultar a inserção dessas jovens mães no mercado de trabalho, perpetuando um ciclo de desigualdade social (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Até aproximadamente meados do século XX, a gestação na adolescência não era considerada uma questão de saúde pública; isso refletiu não só o aumento das taxas de gravidez na adolescência, mas também forneceu uma nova lente de observação para muitos acadêmicos e organizações de saúde. De fato, com o aumento da gestação precoce, vieram também muitas pesquisas, campanhas e programas para lidar com o fenômeno, além de um esforço para conscientizar os jovens sobre as consequências que a gravidez precoce pode trazer (DIAS; TEIXEIRA, 2010).

Segundo Guimarães Neto et al. (2007), é importante oferecer a educação sexual, desde as primeiras séries do ensino fundamental, para que cada estudante possa desenvolver um senso de responsabilidade e conscientização sobre as consequências de situações e atitudes ligadas ao ato sexual. Desta maneira, o adolescente poderá não só conhecer melhor seu corpo e suas funções, mas também, entender qual o papel do sexo na vida dos indivíduos, suas possíveis consequências e riscos.

Portanto, é necessário investir em Políticas Públicas que promovam o acesso à educação de qualidade, a informações sobre saúde sexual e reprodutiva, bem como o empoderamento das jovens para que possam tomar decisões conscientes e responsáveis em relação à maternidade. Somente assim, será possível reduzir a incidência de gravidez na adolescência e proporcionar melhores perspectivas de futuro para essas jovens (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Sob a ótica de Dias e Teixeira (2010 p. 128):

A gravidez/maternidade na adolescência pode fazer parte do projeto de vida das adolescentes, uma vez que funciona como uma espécie de “passaporte” para entrar na vida “adulta”. Esse fenômeno parece demarcar, neste contexto estudado, a entrada da jovem no mundo adulto, de maneira legítima, uma vez que a adolescente passa a ser reconhecida como adulta pela família, professores e colegas de escola.

Diante disso, deve-se estabelecer conexões com o ensino das escolas e saúde, promover ações educativas sobre as mudanças que ocorrem com a puberdade, as devidas

orientações sobre infecções sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV, e o uso de métodos contraceptivos seguros. A saúde, segurança e educação dos jovens devem ser a prioridade de todos os profissionais envolvidos, levando-se em conta as necessidades desses adolescentes, seja na instituição de ensino, seja nos programas comunitários de saúde e educação. Assim, pode-se dizer que a educação sexual, pautada em abordagens abertas e construtivistas, é uma excelente forma de auxiliar o adolescente a desenvolver seus sentimentos e alinhar seu comportamento aos valores da sociedade (BARRETO et al., 2016).

Com relação ao aspecto biológico, filhos de mães adolescentes, em comparação com crianças nascidas de mães com 20 anos ou mais, eram mais propensas a ter um peso menor ao nascer e, portanto, mais propensas a morrer. Esse grupo também apresentou maior taxa de partos prematuros, aumentando o risco de morte. Os efeitos adversos da gravidez precoce são mais pronunciados quando se examina a relação entre educação, pobreza e gravidez precoce (OLIVEIRA, 1998).

Para Borges (2007), há influências sobre o comportamento sexual de homens e mulheres mais velhos e são considerados como modelos para a tomada de decisões sexuais, orientação e ideias para os adolescentes. Nesse sentido, pode-se sugerir que os jovens se tornam mais propensos a adotar comportamentos sexuais quando analisam as opiniões de amigos mais experientes e praticantes de tais práticas. Por outro lado, houve evidências de que a influência atua fundamentalmente de acordo com a idade dos adolescentes, além de ser influenciada pela educação sexual que eles recebem em casa. Os jovens que vivem em ambientes mais conservadores, religiosos e rígidos tendem a ter menos amigos do sexo oposto, encontrar menos parceiros sexuais e ter menos interações sexuais, tornando possível que os seus comportamentos sexuais sejam menos influenciados pela sua rede social.

O prognóstico da gravidez precoce resulta em alterações psicológicas e emocionais dos pais adolescentes e estão diretamente relacionados ao grau de assistência médica e social prestada. É fundamental compreender os fatores que levam à gravidez, desmistificar a ideia de que toda gravidez é involuntária com consequências desastrosas para o futuro da adolescente e engajar os adolescentes do sexo masculino na prevenção e no cuidado (BOUZAS; MIRANDA, 2004).

Em termos sociais, a gravidez na adolescência pode estar associada com pobreza, evasão escolar, desemprego, ingresso precoce em um mercado de trabalho não-qualificado, separação conjugal, situações de violência e negligência, diminuição das oportunidades de mobilidade social, além de maus tratos infantis (DIAS; TEIXEIRA, 2010 p. 125).

Além disso, somam-se, ainda, as dificuldades que os próprios serviços de saúde e educação revelam ao tratar do tema e assegurar universalmente os direitos sexuais e reprodutivos dessa população (BARRETO et al., 2016). A fase da adolescência é difícil, pois é o momento em que os adolescentes estão passando por transformações e conflitos; é à saída da infância e a entrada na adolescência, que é marcada por mudanças físicas, emocionais e psicossociais. É nessa fase que ocorre o descobrimento da sua sexualidade, conhecimento do seu corpo e a busca por prazer (AMORAS; CAMPOS; BESERRA, 2015).

Através de espaços de diálogo é possível levar à discussão temas ligados a preservativos, uso de anticoncepcionais, comportamentos de risco, incidência e prevenção de IST e gravidez precoce e não planejada. Além disso, é importante avaliar as particularidades

de diferentes faixas etárias e contextos culturais específicos, para que sejam desenvolvidos conteúdos educacionais interessantes e pertinentes (BARRETO et al., 2016).

Contudo, adaptar-se ao papel materno, ao mesmo tempo em que é adolescente e filha, não é uma tarefa fácil para a jovem. De fato, as transformações emocionais e cognitivas características pelas quais as adolescentes passam nesse período do desenvolvimento fazem com que as jovens apresentem mais dificuldades para desempenhar de maneira satisfatória o papel materno, uma vez que não dispõem, na maior parte das vezes, dos recursos psicológicos necessários para entender e tolerar as demandas diárias e frustrações da maternidade (DIAS; TEIXEIRA, 2010 p. 125).

Diante disso, deve-se considerar atividades que estimulem a participação ativa dos adolescentes, através de técnicas mais informais, como relatos de experiências, bate-papo, uso de linguagem lúdica e uso de tecnologias multifacetadas para o alcance de diversos públicos. O fundamental nesses espaços de diálogo entre adolescentes e envolvidos é estabelecer um ambiente de compreensão e respeito, possibilitando a criação de acordos entre os diversos alvos sociais envolvidos e garantindo acesso a informações. Estas devem ser oferecidas por profissionais experientes e periodicamente atualizadas, cabendo a estes estabelecer estratégias eficazes para possibilitar o seu efetivo alcance (BARRETO et al., 2016).

Dentre os riscos, as doenças provenientes das infecções sexualmente transmissíveis (IST) têm sido um fenômeno global, apresentando-se na atualidade como um dos mais importantes problemas de saúde pública. Na adolescência, a não adesão às medidas de prevenção para IST, associada ao início precoce da vida sexual, tornam essa população mais suscetível a estas infecções e mesmo com divulgação na mídia e informação, os adolescentes e jovens ainda possuem dúvidas sobre a prevenção da transmissão das IST e certa resistência ao uso do preservativo, tornando-se vulneráveis e aumentando as incidências de infecções (CARVALHO et al., 2018).

Atualmente, as dificuldades enfrentadas pelos serviços de saúde, especialmente os da rede de atenção básica, colocam-se na contramão da efetivação da atenção integral à saúde de adolescentes, destacando-se nesse âmbito a falta de profissionais capacitados para o atendimento ao adolescente, a ausência de uma demanda organizada em consonância com a estratégia da territorialidade voltada para o desenvolvimento de ações como: busca ativa, captação precoce de adolescentes grávidas e estratégias de trabalho com grupos de adolescentes na perspectiva do protagonismo juvenil (BARRETO et al., 2016).

Neste sentido, sexualidade é um tema complexo e tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Sociologia, Biologia, Fisiologia e Antropologia, entre outras. Todas essas áreas do conhecimento possuem características distintas, com diferentes concepções teóricas. Com isso, parte dos pesquisadores afirmam que não é possível igualar sexualidade e sexo, sendo este último uma palavra utilizada para distinguir o homem da mulher, o sexo masculino do feminino.

Comumente associa-se sexo a um referencial fisiológico, estreitamente relacionado às características dos órgãos sexuais e à anatomia dos corpos, assim como também utilizamos tal referência para citar ou fazer menção ao ato sexual. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006), o sexo relaciona-se com características biológicas, classificando os seres

humanos como fêmea ou macho. Fazendo um contraponto a este conceito determinista, vimos surgir, a partir do século XIX, a compreensão da sexualidade como uma maneira de representar a qualidade e a significação do que é sexual, ampliando assim a ideia de sexo (SNOEK, 1981).

Sigmund Freud foi um dos pioneiros a falar sobre sexualidade como um fenômeno diferente do sexo. Para Freud, o conceito de sexualidade está além do ato sexual ou de qualquer vínculo com a reprodução ou com os órgãos genitais (FREUD, 1905/1972; PERSON, 2005; STEARNS, 2010).

Ainda, de acordo com Freud, a sexualidade humana faz parte das vivências dos indivíduos desde o início da vida; porém, a maioria dos estudos sobre o desenvolvimento infantil de sua época não abordava essa questão (FREUD, 1905/1972). Para ele, para a compreensão da sexualidade de um adulto, faz-se necessária a análise da sexualidade infantil do mesmo. Freud nos aponta que

[...] a investigação psicanalítica teve de ocupar-se também com a vida sexual das crianças, e isto porque as lembranças e associações emergentes durante a análise de sintomas adultos remetiam-se regularmente aos primeiros anos da infância. O que inferimos destas análises mais tarde se confirmou, ponto a ponto nas observações diretas das crianças. (FREUD, 1905/1976, p. 363)

Foucault (1988), outra importante referência no mundo da sexualidade humana, nos aponta para, por volta do século XVII, a hipótese repressiva da sexualidade, defendendo a tese de que ela se constitui na cultura a partir dos objetivos políticos da classe dominante.

Por muitos séculos, e ainda no século XXI, o sexo e suas práticas são malvistos e estão diretamente ligados à busca da verdade, principalmente no cristianismo, tornando-se algo que precisa ser vigiado, examinado e confessado, onde o indivíduo deve reprimir seus desejos em busca de sua salvação. Fala-se em sexualidade, porém, apenas com a intenção de proibi-la, gerando uma história política de produção de “verdades” ou de “falsas verdades” que resultam na formação de poderes específicos. Desta forma, as “verdades” que foram produzidas em relação à sexualidade humana tornaram-se um problema, causando a repressão sexual dos indivíduos (FOUCAULT, 1988).

A repressão da sexualidade funciona como uma forma de silenciamento do indivíduo, de interdição e de inexistência de práticas sexuais consideradas adequadas. Segundo Foucault (1988), na era vitoriana, o único modelo aceitável de prática sexual foi aquele submetido ao poder da burguesia e correspondia ao modelo heterossexual da família conjugal reprodutora. Todo ato que fugisse da reprodução era reprimido; e a homossexualidade estava relacionada a um determinado grupo de pessoas conhecidas como sodomitas, cujas condutas eram vistas como aberração.

A partir do século XVIII, o sexo foi instituído como uma questão política e econômica, pois passou a ser associado ao aumento populacional, unido à noção de que “[...] um país devia ser povoados se quisesse ser rico e poderoso [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 32). Portanto, o desenvolvimento do capitalismo coincide com o nascimento da ideia de interdição da sexualidade, como parte da ordem da sociedade burguesa que, além de prezar pelo aumento populacional, determinava que o sexo e o rendimento no trabalho eram incompatíveis, uma vez que o prazer era considerado desperdício e o trabalho poderia diminuir na presença do outro. Porém, a partir da década de 1960, com a chegada dos

movimentos sociais de contracultura (feminista e *hippie*), que buscavam em suas lutas a liberdade sexual, com abordagem social e política, ocorreram variadas mudanças comportamentais e, com elas, o sexo passou a ser representado em diversos meios de comunicação (BLANC, 2010).

No contexto atual, a sociedade está mais consciente de que a sexualidade não se esgota no ato sexual; ela vai além: é prazer, descoberta, palavra, gesto, satisfação e sofrimento; enfim, é expressão da nossa existência. A sexualidade se expressa não só no saber, mas principalmente nos sentimentos, atitudes e comportamento. No entanto, compreender o cotidiano e os aspectos culturais de cada período da história, é um método para entender as contradições da sexualidade, pois é reconhecida como uma das mais ricas expressões da vivência humana.

#### **4.1 A construção de gênero e a repercussão na sexualidade humana**

A construção de estudos sobre o feminino e o masculino trouxe grandes reflexões acerca do essencialismo biológico e do poder, dando origem à um novo olhar sobre o sujeito e sua sexualidade, onde ocorre a compreensão do seu processo histórico e cultural em tornar-se mulher ou homem. Através deste novo cenário Joan Scott (1992), historiadora e teórica feminista, assim como Foucault (1988), analisa o poder como um sistema de relações turbulentas e em constante atividade, que não apenas nega, mas questiona, constrói e incita.

O conceito de gênero, surgiu, inicialmente, através das discussões entre as feministas americanas, que buscavam respostas relacionadas às diferenças baseadas no sexo. Este conceito aborda de forma impositora uma questão relacionada ao determinismo biológico subentendido no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Segundo Heilborn e Rodrigues:

Gênero tem sido o conceito mais utilizado para analisar as relações entre a subordinação das mulheres e as transformações sociais e políticas. Gênero denota o significado político, social e histórico referido a um determinado sexo. Alguém nasce macho ou fêmea: alguém é “feito” homem ou mulher. E o processo de “fazer” homem ou mulher é histórica e culturalmente variável, podendo, portanto, ser potencialmente alterado através da luta política e das políticas públicas. Entretanto, a maneira como os interesses de gênero são definidos e articulados no interior das instituições políticas dão pistas para o entendimento das relações entre “mulher” e “política”. (HEILBORN; RODRIGUES, 2018, p. 10)

Bueno et al. (2016), ao discutirem a questão de gênero, consideram que, relacionado às noções de classe e raça, o termo gênero assinalava o interesse da historiografia por uma história que incluía os discursos dos oprimidos, numa análise da natureza e do sentido de tal opressão.

Segundo Scott (1992), torna-se necessário transpor os seus usos descriptivos, buscando a reformulação de questões teóricas. Propõe, ainda, que, no seu uso descriptivo, o conceito gênero está fortemente associado ao que se refere às mulheres, sem o suporte necessário para questionar ou transpor barreiras históricas existentes.

Esse tipo de reação, segundo Heilborn e Rodrigues (2018), é um desafio teórico que propõe um necessário conhecimento de todas as relações existentes e vivenciadas entre ambos os sexos, ou seja, homens e mulheres no passado e a vinculação deste passado com o presente histórico. Destacam, ainda, que:

[...] indivíduos nascidos e classificados como homens e mulheres seriam socializados para agir, pensar e sentir segundo roteiros culturalmente construídos em posições vinculadas ao sexo anátomo-biológico. São perspectivas que trabalham a partir da construção cultural dos papéis de gênero e tendem a conceber as relações entre os sexos a partir de pressupostos de costume e estabilidade social. Em geral, tendem também a descartar a possibilidade de mudança nesse arranjo social. (HEILBORN; RODRIGUES, 2018, p.10).

Os estudos sobre gênero conduzem a uma reflexão acerca da necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária “masculino versus feminino” e a importância de sua história, revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, sem aceitá-la como óbvia ou como essência de tudo. É o que nos aponta Lauretis (1994):

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade. Sob essa ótica, a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através das diferentes culturas (embora cada qual de seu modo) são entendidas como sendo sistematicamente ligadas a organização da desigualdade social. (LAURETIS, 1994, p.38)

Dessa forma, percebemos que tais concepções não se constituem em oposição, mas se relacionam mutuamente, sendo que, por esta lógica, cada uma é condição de existência da outra. Através da reflexão de Saffioti (1991), é possível perceber que o termo gênero guarda pouca relação com o sexo, muita relação com as classes sociais e organiza socialmente as diferenças sexuais.

[...] o gênero é a representação de uma relação social: do pertencimento de um indivíduo a uma categoria social e da posição deste indivíduo face a outros grupos previamente constituídos. O gênero distribui os indivíduos pelas posições sócio-culturalmente significativas. Assim, não se trata apenas de uma construção sócio-cultural, mas também de um aparelho semiótico, ambos convergindo para a emergência de um conjunto de representações que atribuem significados aos membros de uma sociedade (SAFFIOTI, 1991, p. 38).

Consideramos, portanto, que a partir dos estudos de gênero poderemos observar as ligações de poder nas relações entre homens e mulheres entendendo-os como seres sociais. Desta forma, o gênero irá expor, inúmeras vezes, o dilema da diferença e suas repercussões na sexualidade humana. Alguns comportamentos podem ser instituídos pela cultura como sendo pertinentes a um ou outro sexo e através deles o homem e a mulher podem ser reconhecidos ou tolhidos e limitados em sua sexualidade.

#### **4.2 Sexualidade na adolescência**

A sexualidade é uma dimensão da vida humana que inclui gênero, identidade, papéis sexuais e orientação sexual, prazer, intimidade e reprodução. Para os adolescentes, este é um momento de experimentação e descoberta, influenciado por relações de poder, questões de gênero, valores, cultura, comportamento, contexto político, econômico e espiritual, questões de raça/cor e padrões sociais, gênero, identidade, papéis sexuais, bem como orientação, erotismo, prazer, intimidade e reprodução (AMARAL et al., 2017).

Durante a adolescência, os jovens passam por um processo de amadurecimento sexual, onde ocorrem mudanças hormonais e físicas que afetam o desenvolvimento do corpo, despertando novas sensações e desejos. A sexualidade na adolescência é influenciada por diversos fatores, como a cultura, a educação recebida, a religião e as experiências pessoais. É uma fase em que os jovens começam a explorar sua sexualidade e a questionar sua orientação sexual, sentir atração por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou por ambos (BARBOSA et al., 2019).

As sensações, comportamentos e decisões sexuais são influenciados pelas interações com outras pessoas, especialmente aqueles que têm um vínculo familiar e social importante no cotidiano. Crescer em um ambiente que valoriza a liberdade sexual e a exploração saudável da intimidade, é mais provável para o desenvolvimento de uma visão positiva e aberta em relação à própria sexualidade. Por outro lado, ser criado em um ambiente onde existe tabu ou estigmatização em relação ao sexo, poderá afetar negativamente a forma de perceber e expressar a sexualidade (ANDRADE, 2019).

É essencial que os adolescentes recebam uma educação sexual adequada, aberta e livre de tabus, para que possam compreender e enfrentar de forma saudável as mudanças e desafios relacionados à sua sexualidade. Além disso, é fundamental que exista um ambiente seguro e acolhedor, onde os jovens possam buscar apoio e orientação para lidar com suas questões pessoais e emocionais relacionadas à sexualidade (BARBOSA et al., 2019).

As amizades, relacionamentos românticos e experiências compartilhadas com outros jovens podem nos expor a diferentes perspectivas, valores e comportamentos sexuais. Essas interações podem influenciar nossas próprias sensações, comportamentos e decisões sexuais, pois muitas vezes nos espelhamos nos outros para entender o que é considerado aceitável ou desejável. Portanto, é importante reconhecer a influência que as interações com outros jovens, tanto do âmbito familiar quanto social, têm em nossa evolução sexual. Ao nos cercarmos de pessoas com visões saudáveis e respeitosas sobre sexualidade, podemos desenvolver uma compreensão mais positiva e empoderadora sobre nós mesmos e nossas escolhas sexuais (ANDRADE, 2019).

A educação sexual saudável deve oferecer informações sobre a relação entre sexo e saúde, assim como direitos sexuais, contracepção, prevenção de IST e gravidez indesejada.

Também é essencial garantir um espaço de diálogo para tratar questões como preconceito, discriminação, heteronormatividade e toda uma parafernália social relacionada à sexualidade. O importante é que esses jovens se sintam acolhidos para falar sobre suas questões e liberdades sexuais e possam discutir assuntos complexos de maneira segura (AMARAL et al., 2017).

Nesse sentido, a educação escolar desempenha um papel crucial na formação da sexualidade dos adolescentes. Na escola os jovens podem ter acesso a informações sobre sexualidade, seja por meio de aulas de educação sexual, orientação de professores, palestras ou materiais educativos. Além disso, a escola também é responsável por criar um ambiente seguro e acolhedor para que os adolescentes possam expressar suas dúvidas, preocupações e curiosidades sobre o tema. No entanto, é importante ressaltar que a educação sexual na escola vai além de fornecer informações sobre anatomia e reprodução. Ela deve abordar questões relacionadas ao consentimento, respeito mútuo, diversidade sexual e de gênero, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Ademais, a educação sexual também deve ajudar os adolescentes a desenvolverem habilidades de comunicação, assertividade e autoconhecimento, para que possam tomar decisões conscientes e responsáveis em relação à sua sexualidade (KERNTOPF et al., 2016).

## **5 SEXUALIDADE NAS ESCOLAS COMO FORMA DE PREVENÇÃO, PROMOÇÃO DA SAÚDE E INCLUSÃO SOCIAL**

É imprescindível que, nas escolas, a temática educação sexual seja abordada. Nela, os sujeitos passam grande parte da vida e estabelecem suas primeiras relações sociais. Dessa forma, durante a fase da adolescência é também neste cenário em que buscam as principais contribuições para o desenvolvimento e compreensão da sexualidade, demonstram suas dúvidas, estranhezas às diversidades e à incidência de infecções sexualmente transmissíveis (RODRIGUES, 2010). Durante toda a nossa vida, a sexualidade está presente, porém no período da adolescência ocorre uma grande vulnerabilidade devido a alterações hormonais, novas experiências e grande influência do meio (GENZ et al., 2017).

Nossa realidade atual nos aponta para um despreparo, muitas vezes mencionado pelos pais, para discutirem sobre questões delicadas como as que envolvem gênero e sexualidade. Tentando fugir de tal função, muitos tentam se eximir e transferir para a escola a tarefa de promover o diálogo sobre as questões de sexualidade com os adolescentes, por entenderem que os professores estejam mais preparados para esta tarefa. Em contrapartida, os professores também se sentem inseguros para orientar seus alunos quanto ao assunto. De certa forma, o adolescente acaba por ficar sem uma opção segura para conversar e esclarecer suas dúvidas e questionamentos (ARATANGY, 1995; COLLING, 2015).

Essa dificuldade identificada nas figuras parentais, nos remete à ideia de que as mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas, relacionadas à sexualidade deixaram os pais confusos e amedrontados. Segundo Bauman (2011), um caráter fluído e líquido se instaurou nas relações e nas concepções como as de gênero, por exemplo. Para este autor, a modernidade trouxe à luz um processo grande de liquefação, de derretimento e desconstrução dos valores sólidos estabelecidos anteriormente, representando um rompimento com o passado e a tradição.

Enquanto antigos conceitos sólidos têm forma nítida, mantida com facilidade, os fluídos ou líquidos não apresentam dimensões espaciais rígidas, tornando-se muito vulneráveis. Bauman (2011) ressalta que esta desconstrução deveria ser gradativa, abrindo espaços para “novos e aperfeiçoados sólidos”, sem que proporcionasse tantas inseguranças. Pode-se dizer que nesse processo de derretimento, a consequência foi a desconstrução de padrões e configurações institucionalizados, que adquiriram um caráter fluído, instável, volátil, com forte tendência, portanto, à mutabilidade.

As noções, bem demarcadas, sobre o que se considerava certo, ou errado, perderam suas delimitações. Conceitos de desvio de comportamento, pensamento ou desejo, perderam clarezas. E instaurou-se, repentinamente, um universo pluralista, carregado de possibilidades de escolhas, limitadas apenas pelo respeito à individualidade do outro, o que tem sido identificado como um grande desafio a ser superado pelos pais e educadores no contexto escolar, no século XXI (LOURO, 2018).

É consenso que a escola seja compreendida como um espaço voltado para o ensino formal. Contudo, é inegável a sua influência na socialização e nas relações interpessoais que nela se estabelecem e em função da grande parte do tempo de vida que nela vivenciamos as nossas experiências. Também faz parte de sua função, promover a educação de maneira

integral, contribuindo para a formação de cidadãos com visões críticas, conscientes e responsáveis, que possam contribuir com uma sociedade livre de preconceitos, tabus ou mitos (RIBEIRO, 2007; ROCHA, 2011).

A orientação sexual nas escolas acaba sendo uma importante ferramenta para a desconstrução de modelos e estereótipos, socialmente determinados e pautados no desconhecimento, na discriminação, no racismo e em uma religiosidade injustificada, que, na maioria das vezes, promovem a exclusão e o sofrimento psíquico de parte daqueles que se tornam alvos nessa barbárie.

No ano de 1997, foi implantado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), que propunham

temas transversais, como a preocupação com o trabalho escolar, outros relacionadas à contemporaneidade, com a sexualidade, com o meio ambiente, com a saúde e também trazendo à luz, questões éticas relacionadas à desigualdade nos direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade. (BRASIL, 1997, p. 27)

O documento destacava ainda:

No contexto atual, a inserção no mundo do trabalho e do consumo, o cuidado com o próprio corpo e com a saúde, passando pela educação sexual, e a preservação do meio ambiente, são temas que ganham um novo estatuto, num universo em que os referenciais tradicionais, a partir dos quais eram vistos como questões locais ou individuais, já não dão conta da dimensão nacional e até mesmo internacional que tais temas assumem, justificando, portanto, sua consideração. Nesse sentido, é papel preponderante da escola propiciar o domínio dos recursos capazes de levar à discussão dessas formas e sua utilização crítica na perspectiva da participação social e política. (BRASIL, 1997, p. 27).

Tais Parâmetros Curriculares Nacionais ressaltavam como responsabilidade da escola abordar, a partir de diversos âmbitos, valores ou crenças, temas relacionados à formação pessoal de seus alunos, de modo que lhes propiciasse a autopercepção, autorresponsabilidade e compromisso, apoiados em reflexões críticas e problematizadoras. Importante é destacar que o trabalho realizado pela escola, na área da educação sexual, não deveria ter a função de substituir o papel da família nesse meio, mas sim o de complementar. (BRASIL, 1997.)

Apoiados nessa perspectiva, os PCN se propuseram a reforçar o papel da escola como ambiente não apenas de construção da aprendizagem, mas também um facilitador para a manutenção do diálogo e da disseminação de informações relevantes para a qualidade de vida e dos relacionamentos que pudessem advir destas experiências cotidianas. Até pouco tempo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio possuíam claras indicações para que fossem inseridos os temas sobre Orientação Sexual, Identidade de Gênero, bem como programas de prevenção de Saúde nos projetos político-pedagógicos das escolas. Cabe, nesse sentido, às escolas desempenhar o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, fundamentadas no pressuposto do respeito e da valorização das diferenças, entre outras, de condição física, sensorial e socio emocional, origem, etnia, gênero, classe social, contexto

sociocultural, que dão sentido às ações educativas, enriquecendo-as, visando à superação das desigualdades de natureza sociocultural e socioeconômica. Contemplar essas dimensões significa a revisão dos ritos escolares e o alargamento do papel da instituição escolar e dos educadores, adotando medidas proativas e ações preventivas. (BRASIL, 2016, p. 27)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) continuam a influenciar as escolas na contemporaneidade, embora o nível de adesão e implementação possa variar de acordo com a região e a escola. No entanto, é importante destacar que, mesmo com suas diretrizes em vigor, a implementação eficaz pode encontrar desafios devido às implicações culturais, à resistência de alguns setores e à falta de formação adequada para os educadores. Portanto, embora os PCN tenham avançado na promoção de uma educação mais inclusiva em relação a gênero e sexualidade, desde o ano de 2017, temos identificado constantes ataques ao termo Gênero, culminando com a sua exclusão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada recentemente. Pesquisando tal documento, é possível identificar que não se encontra mais termos como identidade de gênero, orientação sexual e a palavra gênero especificamente no sentido textual e literário. A exclusão desses termos não significa impedimentos para se abordar a Educação para Sexualidade e Gênero. Entre as competências gerais da base nacional comum curricular se encontra, no item 9, pontos defendidos pela Educação para Sexualidade e Gênero: exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 10)

No entanto, percebemos que o foco se tornou mais subjetivo, sendo colocado nas mãos de cada um dos educadores e das suas próprias percepções sobre o assunto, a maneira como deveriam, ou não, abordar a temática junto aos seus alunos. O que identificamos, atualmente, é uma constante luta pela implementação da Educação para a Sexualidade e Gênero, sendo esta, muitas vezes, atacada pelos(as) conservadores(as) e alguns(as) religiosos(as). Percebe-se uma insistente necessidade de associar tais aspectos à expressão um tanto reducionista: “ideologia de gênero”, que na verdade traduz uma manifestação conservadora contra os avanços que os estudos feministas promoveram como impacto sobre o conceito de gênero e a educação para sexualidade. Tal expressão ganhou força, mas sempre com conotação pejorativa que vem se colocando à frente das relações sociais de gênero e de todo e qualquer movimento intrinsecamente ligado a essas questões. Trata-se de uma interpretação confusa e equivocada, que não traduz o entendimento de ‘gênero’ presente na Educação e escolarização brasileiras, nas práticas docentes e/ou nos cursos de formação inicial e continuada de professoras(es). (FURLANI, 2011)

É fundamental que as discussões sobre sexualidade sejam articuladas entre vários segmentos sociais, como educação, saúde e família, sendo esta última, a principal referência na formação e educação sexual de seus integrantes. Contudo, atualmente, observa-se um afastamento das figuras parentais em relação aos filhos e à vida escolar dos mesmos, fato que acentua a necessidade da Instituição Escola fornecer informações, sanar dúvidas e apoiar os adolescentes em suas questões, dúvidas e escolhas (RODRIGUES, 2010).

É inegável a importância da escola como ambiente privilegiado para que os adolescentes possam expor suas dúvidas, questionamentos e inseguranças acerca da sexualidade. Trata-se de um espaço onde os adolescentes não devem se sentir expostos às

críticas, cobranças ou qualquer tipo de preconceito. Neste ambiente a discussão sobre sexualidade deve ser aberta e sincera e os preconceitos devem ser postos de lado, para que os adolescentes possam ter a liberdade de esclarecer suas dúvidas, expor os seus medos e conflitos (BRITZMAN, 2018).

Conforme relata Xavier (2019), a escola deve relacionar os temas sexualidade e sexo aos princípios de igualdade e de livre expressão. A abordagem desse tipo de assunto deve distanciar-se do senso comum e da noção de domínio sobre suas formas de expressão, pois deve ser compreendido como uma necessidade humana e uma dimensão humana integrante e não dissociada dos aspectos psicológicos e sociais.

Tratar sobre a sexualidade no ambiente escolar não é exatamente algo novo, mas a abordagem metodológica, até então utilizada, precisa ser modificada. Existem educadores que não conseguem ainda atribuir ao tema a naturalidade necessária. É preciso investir em capacitações para que docentes e equipe técnico-pedagógica possam romper com a expressão “ideologia de gênero” e passem a compreender a educação sexual como parte essencial da formação dos sujeitos, tornando, assim, imprescindível o envolvimento e a responsabilidade da escola no processo de desenvolvimento humano (BUENO et al., 2016; XAVIER, 2019).

A educação sexual está presente nos aspectos políticos, sociais e nos âmbitos de saúde, ao observar uma crescente discussão em torno deste tema, ao analisar historicamente o diálogo sobre sexo. Diante desse progresso, é necessária a inclusão dessa pauta nas agendas públicas e participação nos debates de Políticas Públicas de Saúde (GUIMARÃES, 2013).

Esta discussão sobre sexualidade pode ser iniciada na escola por meio do corpo docente. A construção prática do discente é uma forma de aprendizado significativo que valoriza a participação e a autonomia. Os alunos aprendem identificando e usando seus próprios conhecimentos, relacionando conceitos, criando conexões com outros saberes, bem como desenvolvendo habilidades, estratégias de pensamento e competências para a resolução de problemas. O professor deve desempenhar um papel importante para tornar possível que essa aprendizagem aconteça, proporcionando um ambiente seguro e estimulante com ferramentas e técnicas de comunicação e informação adequados. Os alunos desenvolvem o senso crítico e desenvolvem sua capacidade de exercer sua liberdade de pensamento (ALVES, 2016).

No entanto, em um estudo desenvolvido por Brasil (2017) sobre gênero e sexualidade na escola: da educação legal à educação real, observou-se que por mais que um/a professor/a possa educar um/a aluno/a sobre sexualidade, bem como incentivar a aceitação e o respeito pela diversidade existente, acredita que não é possível educar o aluno/a devido aos aprendizados familiares que antecedem os ensinamentos escolares (BRASIL, 2017).

Guimarães (2013) traz em seu discurso que professores sugerem que o assunto sexualidade não seja abordado com alunos do ensino fundamental, devido à falta de maturidade; no entanto, foi levantado que estes discentes tinham acesso a filme “pornô”, além da proximidade com adolescentes grávidas e pessoas que vivem com HIV, o que contribui para as curiosidades e interesse nos assuntos discutidos.

No estudo de Alves (2016) observou-se a falta do assunto sexualidade no cronograma das aulas de ciências e que possivelmente não tenha sido abordado o tema da saúde reprodutiva com a relevância e com os métodos adequados, o que é de sua responsabilidade segundo as sugestões das ementas escolares.

Não obstante o fato de se constituir como local específico da matriz curricular para a abordagem do tema, cabe ressaltar que, de modo geral, o campo da biologia (predominante) não reconhece a sexualidade como construção histórica, produzida socialmente. Ao contrário, propaga uma abordagem funcionalista, desconsiderando as diferentes identidades e/ou de expressão de gênero. Condicionada por este recorte epistemológico, exerce por quase uma década minhas atividades docentes (BRASIL, 2017 s./p).

Guimarães (2013) afirma que há uma deficiência ao se tratar de educação sexual nas escolas, por isso, sua pesquisa visa analisar como se dá a inserção desta temática nas escolas do ensino fundamental e foi constatado que as escolas de primeiro segmento não realizam atividade neste sentido, ao alegar que a sexualidade não é assunto para criança ou, para trabalhar sexualidade é preciso preencher um perfil adequado (GUIMARÃES, 2013).

Ainda sobre a relação entre sexualidade e faixa etária, foi observado, na pesquisa desenvolvida por Alves (2016), na construção de uma oficina de sexualidade na escola com foco nas infecções sexualmente transmissíveis (IST) e elaboração de materiais didáticos relacionados com o tema, no período de 2007 e de 2008, que houve a participação de discentes com diversidade de idade maior que em 2015, visto que no primeiro momento as oficinas eram abertas para todos os alunos dos 6º aos 9º anos de escolaridade e de forma voluntária.

Na perspectiva de Guimarães (2013), as séries iniciais do primeiro segmento (1º ao 5º ano) devem abordar conteúdos focados nas formas de comportamento responsável, na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e na saúde reprodutiva.

É de interesse dos alunos os temas sobre sexualidade na abordagem anatômica e fisiológica do aparelho reprodutor, seguido de perto pelo interesse nos assuntos relacionados ao comportamento (libido, homo afetividade, masturbação e violência sexual) (ALVES, 2016).

Ferreira (2020 p. 53)

esse grupo é considerado como um dos meios mais frequentes pelo qual os adolescentes descrevem ter tido as primeiras informações sobre sexualidade e com quem se sentiam mais confortáveis para dialogar, relatando que a conversa entre amigos traz alívio, sendo uma fonte considerada confiável e válida de informação.

Diante disso, cabe ao professor explicar aos alunos que determinadas manifestações não são apropriadas ou aceitas, mas isso não significa que os pais não devem ser informados. O diálogo junto a família é um dos meios mais eficazes de se trabalhar com a sexualidade das crianças, pois os pais podem transmitir orientações sobre o assunto. Além disso, o papel dos pais é necessário na socialização dos filhos, sendo a presença da família o caminho mais propício para a mudança de comportamentos sociais indesejáveis (GUIMARÃES, 2013).

O ambiente escolar é o local mais frequentado pelos jovens em seu cotidiano. Neste local é possível conhecer identidade para além da família, ampliar e qualificar as experiências de aprendizagem das crianças como forma de estimular a aquisição de conhecimento crítico, o desenvolvimento de competências e habilidades, bem como proporcionar o descobrimento de novas formas de pensar, agir e expressar. Esta dinâmica pode ocorrer através da integração de

estratégias lúdicas, observação de eventos simbólicos, participação em práticas artísticas, representativas e culturais, produção e troca de ideias entre outras formas de experiências construtivas (ALVES, 2016).

A influência da escola é inquestionável para a formação do indivíduo e indica que o seu papel não é o de compensar as lacunas provenientes da educação recebida no ambiente familiar. Além do acesso às informações e oportunidades de inserção em um contexto multicultural, a escola permite também diversas experiências distintas do grupo familiar, que prevê transformações em diferentes aspectos: social, cultural, cognitivo e afetivo (OLIVEIRA, 2010 apud FERREIRA, 2020 p. 27).

Os docentes devem assumir um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa. Eles devem utilizar sua posição como professores para influenciar as políticas educacionais, incentivar o diálogo entre os diversos atores envolvidos e construir pontes entre as diversas classes e grupos sociais. Além disso, os docentes devem assumir a responsabilidade de promover não somente a aquisição de conhecimento, mas também para desenvolver nos alunos habilidades e competências necessárias para a inserção na sociedade. Isso inclui desde iniciativas para desenvolver sensibilidade a questões socioeconômicas, políticas e culturais, até um conhecimento sólido das necessidades educacionais específicas de seu contexto (GUIMARÃES, 2013).

Segundo Alves (2016) o saber prévio dos alunos torna-se fundamental. Em seu estudo, a maioria acreditava ter razoável conhecimento sobre as IST, sempre acima dos 45%. Entretanto, chamou a atenção a considerável frequência de meninas que responderam acreditar ter um bom conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis (35,85%); especula-se que talvez isso esteja relacionado pelo maior interesse e curiosidade sobre o assunto, em busca de maior emancipação sexual feminina.

Logo, conota-se a crítica feita por Silva (2008) sobre as trajetórias escolares femininas de que é igualmente descontínua, numa situação em que a educação é uma questão nacional, com grandes disparidades de idade e de escolaridade, e interrupções antes da gravidez ou do parto que atinge somente mulheres.

O estudo de Brasil (2017), que teve como objetivo compreender como as percepções de gênero e sexualidade se imbricam nas relações sociais do cotidiano de uma instituição educacional, foi observado que nas escolas deveriam ter ações sobre os temas, como a cultura do estupro, o machismo, a autonomia da mulher sobre o próprio corpo, a relação entre vestimentas e saúde da mulher e a afirmação do feminismo como plataforma teórica e política de luta pela igualdade de gênero e pela participação democrática da mulher.

Silva (2008) desenvolveu estudo por meio de uma abordagem qualitativa e de cunho etnográfico; suas observações envolveram os comportamentos, movimentos e interações das meninas grávidas no espaço escolar. A autora afirma que tinha a sensação de que aquelas meninas teriam cometido um erro terrível; por outro lado, em nenhum momento notou essas meninas isoladas; pelo contrário, estavam sempre em grupos, ao que parece interagindo com os/as colegas/as e professores/as.

Ferreira (2020, p. 59) constatou em sua pesquisa que

Foi interessante perceber que, por meio das palestras, os envolvidos se conscientizaram sobre a possibilidade de gestação na primeira relação sexual. Tal propagação de informações deve ser incentivada cada vez mais nas instituições de ensino, na busca de desenvolver nos adolescentes a preocupação com o autocuidado, conscientização e planejamento do futuro, visando promover neles a capacidade de decisão sobre práticas sexuais seguras.

Silva (2008) salienta que esses esforços incluem construção de políticas públicas de inclusão de informações e cursos em escolas sobre segurança sexual, promoção de contracepção gratuita à população jovem, testes de HIV e outras IST para a prevenção de infecções e gravidez, além de programas de educação para permitir a autodeterminação do uso de camisinha. Além disso, muitos escritos e estudos procuram dar voz às necessidades e demandas específicas da população jovem, buscando entender melhor sua realidade e proporcionar maior autonomia e liberdade sobre questões sexuais e relacionais.

A oficina idealizada pela pesquisa de Alves (2016) promoveu resultados que culminaram na elaboração e aplicação de um Guia sobre as IST a partir de pesquisa junto aos discentes participantes das oficinas e outros discentes de etapas superiores de ensino (9º ano).

## **6 MÉTODO**

O método aplicado nesta pesquisa foi qualitativo, no estilo pesquisa-ação, com o intuito de realizar um processo de intervenção, desenvolvendo, de forma interativa e participativa, a descoberta e o processo de aprendizagem em parceria com os adolescentes que estiveram envolvidos no estudo. Foram usados materiais educativos e estratégias, gerando um espaço de construção do conhecimento acerca do tema sexualidade, IST, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos.

A pesquisa-ação é uma abordagem metodológica que combina a pesquisa e a ação prática, permitindo que os pesquisadores e os participantes da pesquisa colaborem na resolução de problemas práticos e na melhoria de situações reais. De acordo com Thiolent (2011), um dos principais teóricos dessa abordagem, a pesquisa-ação “consiste em um ciclo de diagnóstico, planejamento, ação e avaliação, realizado de forma participativa e que tem como objetivo principal a transformação da realidade científica”. Essa metodologia promove uma maior compreensão dos problemas enfrentados na prática e busca de soluções sustentáveis por meio da ação colaborativa.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa relaciona-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, relacionados com a compreensão e explicação da dinâmica sobre os relacionamentos sociais. Minayo (2004) diz que a pesquisa qualitativa está ligada a questões muito particulares. Dentro da pesquisa realizada, conforme entende Chizzotti (2005), todos os indivíduos que participam da intervenção são reconhecidos como sujeitos que elaboram e compartilham diversos conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam.

### **6.1 Participantes**

A adolescência é uma fase de transformações e descobertas, repleta de desafios que moldam o desenvolvimento e a identidade dos indivíduos. Nesse contexto, a pesquisa foi conduzida com um grupo de 28 participantes do 2º ano do ensino médio, entre eles 10 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, com idade variando entre 16 e 20 anos. Todos são alunos do CIEP Padre Salésio, escola situada na cidade de Vassouras. A escolha desses adolescentes surgiu de uma inquietação relacionada à sexualidade na adolescência, a fim de compreender como eles enfrentam e lidam com os desafios próprios das descobertas sexuais, físicas e também emocionais que permeiam essa fase. Muitos adolescentes se deparam com questionamentos sobre sua própria sexualidade, enquanto também lidam com pressões sociais e normativas.

## **6.2 Instrumento**

Levando em consideração a necessidade de avaliar a percepção dos adolescentes envolvidos na pesquisa sobre o tema proposto para levantamento dos dados, foi utilizado questionário contendo 5 perguntas fechadas e 10 perguntas abertas, baseadas na pesquisa realizada por Ferreira (2020) utilizando a técnica de Bardin (2016) para análise das respostas.

Esse instrumento foi utilizado na fase inicial (questionário pré-intervenção) e na fase final da pesquisa (questionário pós-intervenção). No primeiro momento, o principal objetivo era mensurar os conhecimentos já internalizados pelos alunos sobre o tema. O questionário pós-intervenção foi aplicado para aferir o nível de apropriação dos conteúdos abordados durante as ações realizadas.

Os dados das atividades realizadas foram obtidos pela observação participante e registrados em diário de campo, por meio de gravação de vídeo, áudio e fotografias.

Malheiros (2011), relata que a observação participante ocorre quando o observador se insere no ambiente natural do grupo o qual está observando, buscando envolvimento na comunidade para coleta e análise de sua realidade social.

Sendo assim, após observado o grupo e analisados os questionários respondidos, avaliou-se a importância de elaborar uma cartilha (APÊNDICE F) instrutiva para os alunos, com informações sobre diferentes aspectos da sexualidade, abordando as temáticas mais questionadas, pontuadas com mais dúvidas e/ou interesses. Através das respostas, a elaboração pode ser mais direta e lúdica, o que foi visto como fator contribuinte para que as consultas ao material fossem de fato realizadas pelos estudantes, de modo que não negligenciassem o material, garantindo a consolidação do que foi conversado ao longo da palestra.

Na cartilha, objetivou-se principalmente dar enfoque em questões que podem ser tabus em conversas com os responsáveis em casa, questões de saúde pública, como a utilização de preservativos, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Tais assuntos também compõem um quantitativo importante de dúvidas destes estudantes, uma vez que a fase da adolescência é marcada pelas novas experiências, indagações sobre as mudanças no próprio corpo e diversos pensamentos novos acerca da nova fase a ser vivida. Assim, após finalizada, a cartilha, que foi estruturada em material virtual, teve sua distribuição em arquivos de PDF feita à direção da escola, para que eles distribuissem aos alunos que compusessem o público-alvo da pesquisa. Nela envolvidos. Com isso, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Vassouras – RJ o qual obteve parecer favorável sob o nº 5.407.798

## **6.3 Procedimentos**

A pesquisa que envolve seres humanos necessita de uma análise específica e cautelosa dos procedimentos a serem utilizados, de modo a resguardar os direitos dos sujeitos (APÊNDICE D).

Os alunos envolvidos foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos do estudo, e somente incluídos após concordarem com a participação voluntária e apresentação do TCLE devidamente assinado pelo responsável, por serem menores de idade, e ainda, a assinatura do TALE pelos interessados. Vale ressaltar que os

alunos maiores de idade participantes desta pesquisa, responderam ao TALE, dispensando a necessidade de envolvimento de seus responsáveis legais, por conta da maioridade.

A pesquisa buscou respeitar os princípios da beneficência, não maleficência, a justiça e equidade sociais, como também da autonomia, além do que foi assegurada a liberdade de recusa ou desistência em participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum tipo de risco ou prejuízo aos participantes. Foram ainda garantidos o anonimato e o sigilo das informações fornecidas.

#### 6.4 Local da pesquisa

A escola alvo da pesquisa está sediada no município de Vassouras, que se localiza na região de governo intitulada de Centro-Sul Fluminense. Sua posição geográfica está intimamente relacionada aos primórdios da história do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. A origem do nome Vassouras, segundo a tradição, se deve à abundante quantia do arbusto popularmente chamado Tupeiçava, ou Vassourinha, utilizado em grande escala para fazer vassouras. Além disso, a cidade de Vassouras é conhecida também como "Princesinha do Café", "Cidade das Palmeiras" e "Terra dos Barões", uma vez que Vassouras exerceu um grande impacto econômico no período do ciclo do café, entre os séculos XVIII e XIX.

Historicamente, Vassouras é considerada uma das cidades mais importantes dos municípios pertencentes ao Vale do Paraíba, guardando em suas formas arquitetônicas o passado do período áureo do ciclo cafeeiro na região. O conjunto urbanístico e arquitetônico da área central da cidade é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), obtendo grande destaque pela singularidade das ruas, com praças e solares assobradados, apresentando ainda sedes de fazendas que mantém consigo a tradição da beleza arquitetônica colonial rural (Figura 1).



**Figura 1:** Vista da principal praça da Cidade, a praça Barão de Campo Belo

Vassouras é uma das cidades que compõem a região Centro-Sul Fluminense, que é constituída pelos municípios de Areal, Comendador Levy Gasparian, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paraíba do Sul, Paty do Alferes, Sapucaia, Três Rios, além de Vassouras. Na Figura 2 é possível observar a cidade de Vassouras e seus municípios adjacentes



**Figura 2:** Divisão por cidades do Estado do Rio de Janeiro

No momento, a população de Vassouras, estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 37.262 habitantes, distribuídos em área territorial de 536,073 km<sup>2</sup>. A cidade é composta por quatro (4) distritos: Vassouras, Andrade Pinto, São Sebastião dos Ferreiros e Sebastião de Lacerda. Além disso, Vassouras apresenta um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 26.624,86 (última informação em 2018).

A pesquisa foi desenvolvida no CIEP Padre Salésio, uma escola pertencente à rede pública, de porte Estadual, responsável por oferecer grande estrutura necessária para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, bem como seu conforto e ascendência educacional, como por exemplo a biblioteca, quadra poliesportiva coberta, laboratórios de Ciência e Informática, pátios cobertos e descobertos, área verde, acesso à internet contando com sala de projetos Maker, refeitório, auditório, sala de professores, entre outras instalações (Figuras 3, 4, 5 e 6).



**Figura 3:** Visibilidade do pátio de entrada ao CIEP



**Figura 4:** Vista panorâmica da estrutura escolar observada de cima.



**Figura 5:** Secretaria do CIEP Padre Salésio



**Figura 6:** Infraestrutura da sala de Maker da instituição.

A instituição de ensino CIEP fica situada no Município de Vassouras-RJ e a pesquisa foi realizada com 28 alunos, sendo 10 meninos e 18 meninas, todos devidamente matriculados no 2º ano do Ensino Médio. A escolha da amostra deu-se considerando que a

adolescência é um período de muitas descobertas e vulnerabilidades relacionadas à sexualidade dos indivíduos, além da relevância atual do tema abordado (Figura 7)



**Figura 7:** Alunos concentrados na temática abordada durante a palestra

Gil (2008, p. 94) nos aponta que a amostragem por tipicidade, julgamento ou intencional, “constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população”.

A escola oferece aulas de Ensino Fundamental II e Ensino médio. As aulas seguem duas modalidades, que ocorrem em horário regular e/ou integral, com cerca de 180 alunos matriculados no ensino médio.

## 6.5 Estratégia Pedagógica

Foi elaborado um planejamento estratégico para o desenvolvimento das atividades propostas que se desenvolveram em cinco fases:

**PRIMEIRA FASE:** O primeiro encontro com os alunos foi realizado no dia 14 de setembro de 2022, das 9:00h às 10:30h, em sala de aula, para explicação do tema e proposta da pesquisa. Após, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE A) foi entregue para aos alunos para que os pais e/ou responsáveis pudessem conhecer a intenção do estudo, que foi o conhecimento sobre a prevenção das IST e gravidez na adolescência, promoção à saúde sexual e reprodutiva. Assim, os envolvidos levaram para casa o TCLE para ciência dos responsáveis, assegurando que a participação dos discentes seria anônima, emitindo assim a autorização. Vale ressaltar que o mesmo procedimento foi feito aos alunos

maiores de idade. Foi também entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (APÊNDICE A e B), que o participante assinou após ciência do documento e da proposta da pesquisa . (Figura 8).

Nesta primeira fase foi possível observar uma gama de reações diante da abordagem do tema, evidenciando a sensibilidade e as diversas perspectivas que ele suscita. É importante ressaltar que, ao iniciar a explicação sobre o tema proposto na pesquisa com os alunos, era visível que muitos deles ficavam envergonhados. As faces ruborizadas e os olhares voltados para baixo denotavam a timidez que permeia a discussão desse tópico. Ainda que estivéssemos em um ambiente de confiança, a natureza íntima da sexualidade provocava uma reação natural de constrangimento.

Em contrapartida, alguns alunos demonstraram reações mais inesperadas. Enquanto alguns cochichavam e riam entre si, refletindo talvez uma forma de lidar com o desconforto, outros mantinham uma postura interessada e curiosa. Para eles, a oportunidade de debater sobre um tema muitas vezes relegado a segundo plano era encarado como uma abertura para explorar suas dúvidas e curiosidades mais íntimas.

Essas diferentes reações servem para ilustrar que, embora a sociedade tenha progredido em termos de aceitação e compreensão da sexualidade, ainda existem resquícios de tabus que persistem na mente e no comportamento dos adolescentes. Ou seja, a sexualidade continua sendo um tópico delicado, muitas vezes tratado como um segredo a ser mantido ou como fonte de risadas nervosas. Isso reforçou a necessidade contínua de educação e diálogo aberto nas escolas, assim como o intuito dessa pesquisa.

Em meio a essas reações manifestadas, uma constante se destacava: a importância de abordar a sexualidade de maneira respeitosa e inclusiva. Os alunos que se sentiram interessados, evidenciaram a vontade em participar da pesquisa e sinalizaram a sede por informações, discussões saudáveis, indicando que há espaço para promover uma mudança gradual na forma como a sexualidade é percebida e debatida entre os jovens nas escolas. A figura 8 ilustra o contato inicial com os alunos sobre o trabalho que seria realizado.



**Figura 8:** Primeiro contato com os alunos para explicação sobre o trabalho.

**SEGUNDA FASE:** No dia dezesseis de setembro de 2022, das 09:30h às 11h, ainda em sala de aula, foram recolhidos os TCLE e TALE e, após conferência das autorizações, foi aplicado o questionário, antes da intervenção (ANEXO A).

À medida que os formulários eram distribuídos e as perguntas eram lidas, uma série de reações aparecia, iluminando a delicadeza e a importância de discutir abertamente a sexualidade na adolescência nas escolas. Dentre os alunos participantes, muitos compartilharam uma reação inicial de timidez e até mesmo de desconforto. As expressões de nervosismo eram visíveis, e alguns mantinham olhares evasivos, como se estivessem invadindo territórios inexplorados de suas próprias mentes. Essa timidez era compreendida, dado o estigma e os tabus que muitas vezes cercam uma conversa sobre sexualidade.

Um aspecto notável foi a disposição de alguns alunos em compartilhar relatos pessoais relacionados às perguntas do questionário. Quando começavam a ler, alguns alunos lembravam de momentos pessoais e compartilhavam com os colegas da sala, criando uma rede de diálogo e escuta empática entre eles. Foram citados temas como uso incorreto de preservativo, falta de informação relacionada a saúde íntima da mulher e até mesmo a dificuldade na comunicação com a família. Este momento possibilitou o surgimento de narrativas sinceras e íntimas, proporcionando um vislumbre das experiências individuais.

Através da persistência e do apoio, todos os alunos concluíram esta fase. Mesmo diante da timidez, vergonha ou desconforto inicial, a dedicação em responder às perguntas reflete uma disposição para enfrentar desafios e contribuir para a pesquisa de maneira honesta. Essa conclusão é um testemunho da importância de uma escuta acolhedora, onde se oferta cuidado e conforto, onde podemos abordar sentimentos de maneira respeitosa e gradual, proporcionando um espaço para que os alunos se expressem conforme sua própria vivência.

O segundo encontro foi ministrado na sala de aula; os alunos foram colocados em fileiras a pedido da professora, pois iriam realizar uma prova após a aplicação do questionário. (Figura 9)



**Figura 9:** Alunos respondendo ao questionário pela primeira vez.

**TERCEIRA FASE:** No dia dezenove de setembro de 2022, um marco significativo foi alcançado na escola de Vassouras. Entre as 9:30h e 11:00h, ocorreu um evento crucial: a apresentação de slides abordando a anatomia e a fisiologia dos órgãos sexuais/reprodutivos masculinos e femininos, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e os efeitos da gravidez na adolescência (Figura 10).

Este evento foi seguido por uma roda de conversa aberta sobre os temas tratados. O resultado? Uma mudança notável na dinâmica da sala de aula, onde os alunos apreciavam-se menos envergonhados e mais participativos. O início da apresentação trouxe à tona algumas reações tímidas entre os alunos, compreensíveis dada a natureza delicada dos experimentos. No entanto, algo notável começou a acontecer à medida que a apresentação prosseguia. Os alunos estavam mais atentos, demonstrando interesse nas informações compartilhadas, o que indicava um progresso significativo em relação à abertura para discutir a saúde sexual de maneira mais franca e informativa.

A roda de conversa que se seguiu à apresentação foi um momento único. Os alunos, antes envergonhados, agora se mostravam dispostos a compartilhar seus pensamentos e fazer perguntas como: “Qual médico eu devo procurar quando sentir desconfortos menstruais?”, “É normal sentir dor na primeira relação?”, “Como utilizar a camisinha feminina?”.

Durante todas as indagações, eles responderam com confiança quando provocaram a participação, mostrando que estavam absorvendo o conhecimento apresentado. Com isso, foi observado que começamos, então, a construir um espaço seguro, acolhedor e confiável, onde os alunos podiam expressar suas dúvidas e preocupações sem julgamento.

O progresso observado nesse dia parecia refletir a diminuição da timidez e do medo que muitas vezes cercam a discussão de temas relacionados à sexualidade. Através da apresentação e da roda de conversa, a comunicação aberta e honesta começou a dissipar as barreiras emocionais. Os alunos sentiram que suas perguntas eram valorizadas e que suas preocupações eram compartilhadas por muitos de seus colegas. Assim, muitos dos participantes começaram a me fazer perguntas nos corredores do colégio e até questionavam

quando a pesquisa terminaria, pois queriam que essas atividades fossem frequentes no ambiente escolar.

Construir um espaço de confiança e empatia é um processo contínuo, mas os eventos daquele dia foram um passo importante nessa jornada. Ao investir no diálogo aberto, estamos abrindo caminho para uma geração menos ansiosa, mais confiante e consciente de sua própria saúde sexual e bem-estar. Ao finalizarmos as atividades, alguns alunos me convidaram para tirar foto; então nos reunimos para guardar a lembrança deste momento (Figura 11).



**Figura 10:** Momento da palestra em que era abordado o assunto sobre preservativos femininos.



**Figura 11:** Alunos reunidos após participarem ativamente da palestra.

**QUARTA FASE:** No dia vinte e um de setembro de 2022, entre 09h e 11:00h, foi aplicado o questionário aos envolvidos para avaliação do conhecimento pós-intervenção. Após a aplicação, os alunos foram orientados e estimulados a descrever, através de um pequeno texto, frase ou palavra, a experiência individual de participar da pesquisa. Para isso foi disponibilizado papel em branco, caneta e uma caixa para depósito das respostas. A

atmosfera durante esse processo foi notavelmente diferente das etapas anteriores, caracterizada por uma calma concentrada.

O ambiente estava permeado por uma sensação palpável de seriedade e compromisso. Enquanto os alunos preenchiam o questionário, sua atenção parecia estar voltada “para dentro”, buscando traduzir todas as suas vivências em palavras. A ausência de perguntas ou relatos nesse momento não era um sinal de timidez, como anteriormente observado, mas sim uma indicação de confiança. Os participantes demonstraram estar confiantes em suas respostas, cientes do que deveriam expressar, pois haviam passado por todas as atividades anteriores de forma engajada.

Ao observar essa transformação na dinâmica da sala de aula, fica claro que o ambiente de confiança e empatia que buscamos cultivar durante a intervenção estava florescendo. Os alunos perceberam que suas vozes eram valorizadas e que suas perspectivas eram fundamentais para o sucesso da pesquisa. Esse senso de propriedade e responsabilidade parece ter inspirado uma entrega mais profunda durante a etapa final, eles sabiam o que deveriam fazer naquele momento.

A experiência de permitir que os alunos compartilhassem seus pensamentos de maneira aberta e sincera acrescentou um novo nível de profundidade à pesquisa. Os textos, frases e palavras que foram depositados na caixa representam mais do que meras respostas - são fragmentos de jornadas individuais, impressões pessoais e pensamentos autônomos. Todas as respostas foram satisfatórias e alguns ainda sinalizavam a relevância do tema e pediam a continuidade do projeto.

Em última análise, este dia de avaliação pós-intervenção destacou não apenas o aumento do conhecimento dos participantes, mas também a construção de um ambiente de confiança e respeito mútuo. Através de uma série de atividades, os alunos passaram de um estado de timidez para um estado de confiança, reconhecendo a importância de suas vozes na pesquisa e na conversa sobre sexualidade.

**QUINTA FASE:** Entre os dias vinte e dois e vinte e Sete de Setembro de dois mil e vinte e dois, foi realizada a confecção de uma cartilha digital com os principais tópicos abordados durante a pesquisa. O material foi disponibilizado em arquivo PDF para a direção da escola e aos alunos. Tal material ficou sob a responsabilidade do CIEP.

A criação dessa cartilha representou um passo adiante na disseminação do conhecimento adquirido. Todos os alunos, independentemente de sua participação direta na pesquisa, tiveram acesso ao PDF da cartilha. Não apenas eles, mas também seus professores e funcionários da escola receberam o conteúdo para explorar, aprender e compartilhar. Essa atitude de ampla distribuição reflete o desejo de empoderar a comunidade escolar com informações cruciais sobre saúde sexual e sexualidade na adolescência.



**Figura 12:** Implementação da cartilha

O conteúdo da cartilha foi cuidadosamente moldado a partir das discussões que ocorreram durante as intervenções e das dúvidas levantadas durante os encontros. Cada pergunta, cada reflexão, e cada momento de troca foram cruciais para construção das informações abordadas na cartilha. Essa abordagem assegurou que o material seria relevante e pertinente para a realidade dos alunos e da escola.

Ao receberem a cartilha, os alunos expressaram uma onda de felicidade e satisfação. Eles perceberam que não eram apenas participantes passivos, mas sim agentes de mudança, pois participaram da criação de algo significativo. Sentiram que suas vozes foram ouvidas e suas preocupações foram reconhecidas, culminando em um sentimento de pertencimento.

Essa cartilha digital não é apenas um produto final, mas um legado duradouro da pesquisa. Ela representa uma ferramenta educacional poderosa, capaz de educar e capacitar não apenas os alunos, mas toda a comunidade escolar. Além disso, simboliza a importância do diálogo aberto e inclusivo sobre temas sensíveis, e a capacidade de criar recursos valiosos a partir dessas conversas.

## 6.6 Análise de Dados

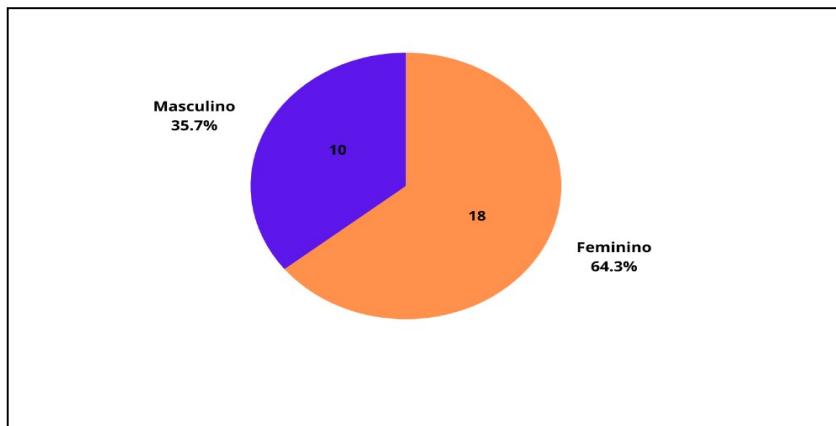
Os dados foram categorizados à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), uma vez que esta é uma técnica que se constitui no processo de apurar descrições de conteúdo muito subjetivas, aproximativas, colocando questões em evidência com objetividade, a natureza e as forças relativas dos estímulos aos quais o sujeito é submetido.

Pela Análise de Conteúdo de Bardin (2016), as respostas obtidas por meio dos questionários aplicados foram categorizadas *a posteriori*, constituindo numa investigação para descrever e interpretar as informações, em frequências simples e percentuais. Para análise dos registros de campo e respostas das questões abertas do pré e pós-questionários foi empregada à análise categorial de Bardin. Utilizou-se a estatística descritiva para análise das respostas às questões fechadas dos questionários pré e pós-intervenção.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

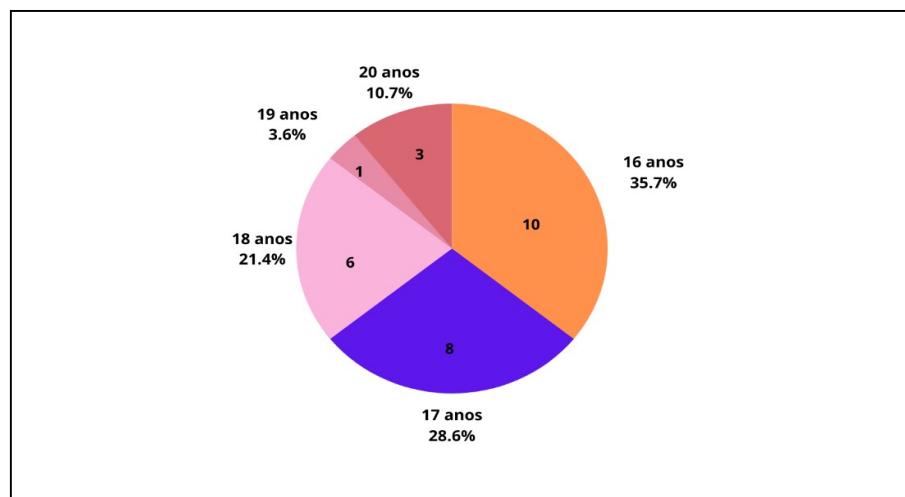
### 7.1 Perfil Sociodemográfico dos Participantes

As cinco primeiras informações solicitadas no questionário (no ANEXO) referiram-se aos dados sociodemográficos. A primeira questão indagava sobre o sexo dos alunos, evidenciando que 10 alunos eram do sexo masculino (35,07%) e 18, do sexo feminino (64,03%) conforme o Gráfico 1.



**Gráfico 1** - Análise percentual das respostas da pergunta 1

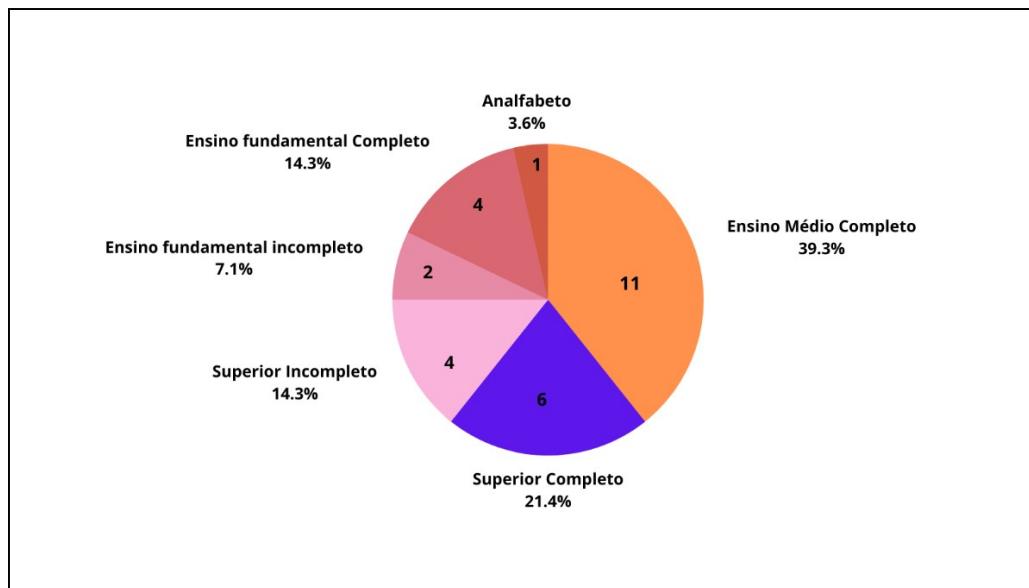
Em se tratando da idade, a segunda pergunta se deu a respeito da faixa etária dos discentes, sendo observada a idade entre 16 e 19 anos, conforme detalhado no Gráfico 2.



**Gráfico 2** - Análise da faixa etária dos participantes.

A pergunta de número três indagava sobre a escolaridade do chefe da família dos alunos estudados, observando-se que 11 participantes (39,03%) relataram que o chefe da

família possuía ensino médio completo, 6 participantes (21,04%) relataram que o responsável possui graduação, conforme apresentado no Gráfico 3.



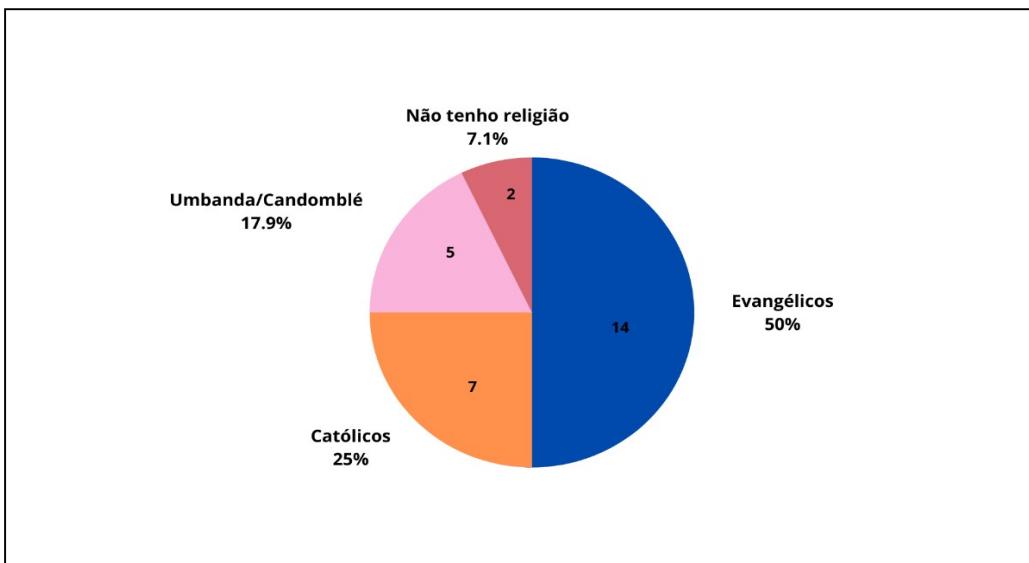
**Gráfico 3 – Índice de escolaridade dos chefes de família dos alunos estudados.**

Essa questão teve como objetivo observar e associar a escolaridade dos responsáveis ao nível de esclarecimento e diálogo entre os familiares quanto a diversidade de assuntos e incentivo dos pais à educação ampla dos filhos.

Segundo Dantas e Azzi (2015) a percepção de algum tipo de interferência provém do nível de escolaridade dos pais/responsáveis. Os autores afirmam em sua pesquisa que os alunos mais interessados e envolvidos no processo de ensino/aprendizagem são filhos de pais/responsáveis que cursaram o ensino superior completo.

Já os autores Longo e Vieira (2017), mencionam em seus estudos que adolescentes com pais que possuem baixa escolaridade tendem a ingressar mais tarde no sistema escolar, bem como podem deixá-lo precocemente e ou demonstram menos interesse e participação, pressupondo que tais adolescentes não têm estímulo e/ou apporte por parte dos responsáveis.

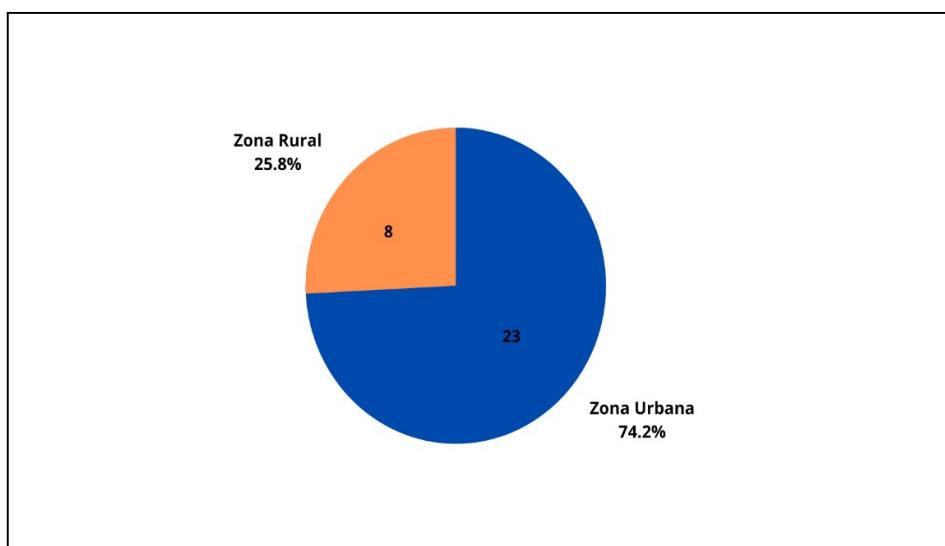
A questão de número quatro buscou identificar a religião dos participantes, percebendo que 14 participantes (50,00%) professaram ser evangélicos; 7 (25,00%) professaram ser católicos; 5 participantes (17,09%) professaram ser umbandistas ou do candomblé e 2 participantes (7,01%) afirmaram não ter religião alguma. O gráfico 4 apresenta os dados supracitados.



**Gráfico 4** - Religião dos participantes da pesquisa.

Esta questão teve como objetivo analisar uma possível dificuldade de participação na pesquisa por parte dos entrevistados, por impedimento dos responsáveis devido à religião, por recusa própria da pessoa, ou por valores e/ou princípios adotados pela família. De acordo com Carvalho e Sívori (2017), de um modo geral, pode acontecer uma recusa relacionada às abordagens de temas diversos no âmbito educacional, entre eles, a sexualidade, por questões de cunho religioso, de crenças ou valores conservadores.

Relacionado a caracterização dos envolvidos na pesquisa, buscou-se identificar a localidade da moradia dos alunos na questão número 5, observando que 23 (74,02%) dos entrevistados residem na zona urbana, e apenas 8 (25,08%) participantes vivem na zona rural, conforme demonstra o Gráfico 5.



**Gráfico 5** - identificação de moradia dos participantes

## 7.2 Questionário Aplicado Antes e Após a Intervenção

A segunda parte das perguntas do questionário, solicitava que os participantes descrevessem suas vivências e conhecimentos sobre o assunto, observando que nessa etapa pode-se perceber as respostas descritas no questionário antes e após a intervenção, considerando o trabalho desenvolvido nesse período da pesquisa com os alunos.

Foi questionado aos participantes na pergunta de número seis: “Você acha importante discutir sobre sexualidade? Por quê?”. Essa pergunta teve por finalidade investigar e entender como eles observam a relevância do tema sobre sexualidade no ambiente escolar.

Através da vivência com os adolescentes, percebeu-se que essa faixa etária possui muito interesse e anseios sobre o assunto. Notou-se que cerca de 90% dos envolvidos responderam sim, tanto no questionário aplicado antes quanto no após a intervenção, reforçando a importância da temática. Nas justificativas apresentadas percebem-se falas na questão 6 antes da intervenção como:

“... é algo normal... todo mundo passa por isso para se desenvolver”,

“... a escola precisa falar sobre sexualidade... a gente tem que ir adquirindo maior conhecimento para não cometer erros futuramente”.

“... existe muito preconceito e tabu sobre sexualidade”,

Após a intervenção evidenciou-se respostas referentes à questão 6 como:

“... muitos adolescentes têm vergonha de falar sobre o assunto”,

“... as pessoas precisam ter noção da importância da nossa sexualidade”,

“... eu aprendi muitas coisas que antes ficava em dúvida... Na verdade eu tinha vergonha de perguntar, pois não me sentia segura”,

“... eu sou um ser livre para expressar minha sexualidade e formas de amar”,

Na pergunta sete questionamos aos participantes “Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo?”. No questionário aplicado antes da intervenção, foram distribuídas as seguintes categorias: mãe/pai; colegas/amigos; namorada(o); irmã(o), profissional da área e ninguém. A Tabela 1 mostra a organização das respostas.

**Tabela 1** – Questionário: análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 7 antes da intervenção: “Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Amigos	18	64,28
MINHA MÃE/PAI	3	10,71
COM NINGUÉM	2	7,14
NAMORADO(A)	5	17,85
Total	28	100,

Através da Tabela 1, podemos identificar que 18 dos participantes da pesquisa (64,28%) sentem-se mais à vontade para conversar sobre vida sexual e sexualidade com os

seus amigos. Nos estudos de Araújo (2015), encontramos que existe um processo de ressignificação de sentimentos na adolescência, onde é comum que em que esses busquem aos seus semelhantes com ideias e interesses parecidos; dessa forma, criam grupos de convívio com quem apresentam afinidades para o diálogo.

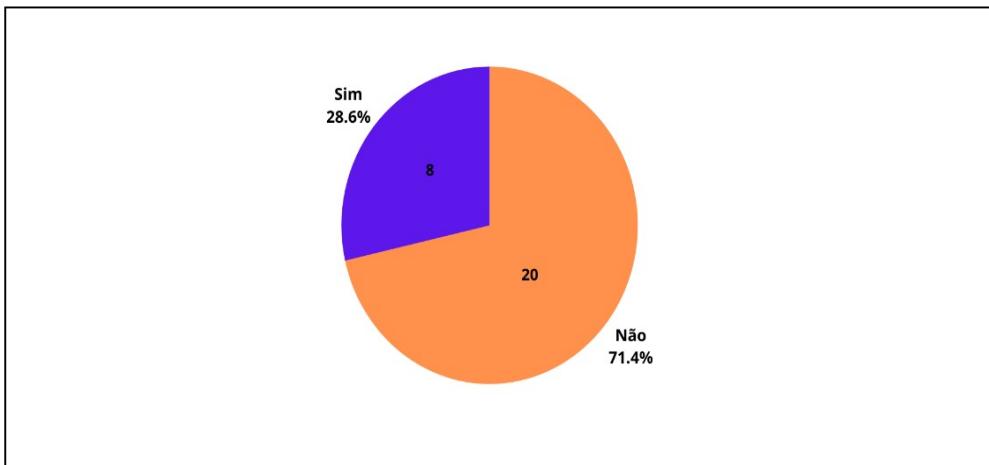
Observando o questionário aplicado após a intervenção, ficou evidenciada as seguintes categorias: mãe/pai; colegas/amigos; namorada(o); profissional da área e ninguém. A Tabela 2 retrata os dados.

**Tabela 2** – Questionário: análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 7 após a intervenção: “Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Amigos	14	50,00
MINHA MÃE/PAI	3	10,71
COM NINGUÉM	1	3,57
NAMORADO(A)	2	7,14
PROFISSIONAL DA ÁREA	8	28,57
Total	28	100,

Observamos através das Tabelas 1 e 2, que a família foi pouco apontada pelos participantes. Reforçando essa perspectiva, Nery et al (2015) diz que, apesar de a família apresentar o contexto ideal para a construção e formação psicossocial de base dos adolescentes, a conversa sobre questões sexuais e sexualidade vai depender das particularidades de cada núcleo familiar, onde alguns pais sentem-se despreparados para abordar o assunto sexualidade e outros se veem impotentes, pois ainda mantêm muitos tabus e indefinições, o que acaba resultando na delegação dessa função a terceiros, tais como profissionais de saúde, sociedade e a escola.

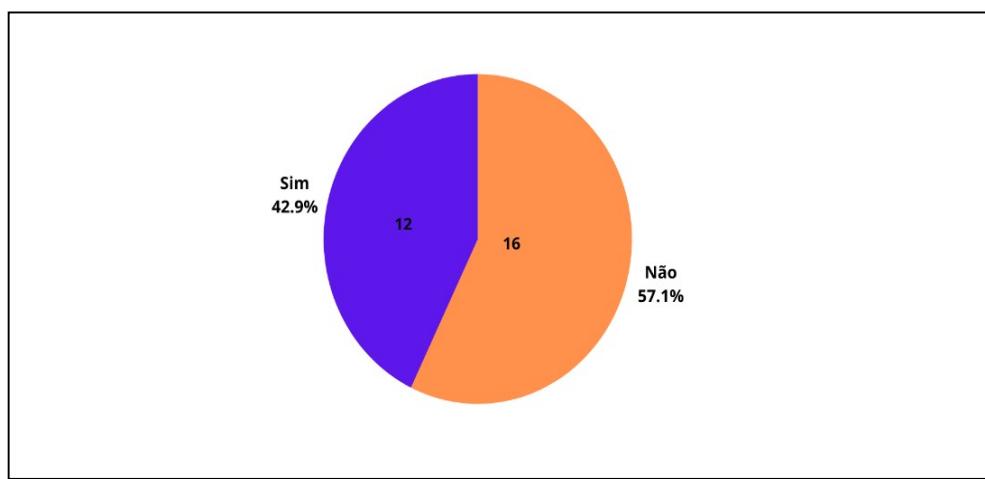
A pergunta de número oito do questionário tinha como foco a seguinte questão, “Você conversa com seus pais sobre gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?”. O Gráfico 6 retrata as respostas da pergunta 8 do questionário, antes da intervenção.



**Gráfico 6** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 8 antes da intervenção: “Você conversa com seus pais sobre gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?”

No questionário aplicado antes da intervenção, 8 dos discentes (28,6%) responderam que sim, conversam sobre o tema com seus pais, já 20 participantes (71,4%) responderam que não tinham confiança e liberdade para dialogar sobre o assunto com seus responsáveis.

O tema sexualidade e a forma de abordar este assunto nos lares e no diálogo entre pais e filhos ainda é insuficiente, falho e pouco preciso, não contemplando toda a temática, ocorrendo de forma superficial e não correspondente às necessidades dos adolescentes. Observa-se que esse estigma parte de crenças presentes em cada família e possui relação direta com a forma como os pais viveram a sua própria descoberta da sexualidade quando adolescentes. Percebe-se que os fatores religiosos, culturais e socioeconômicos influenciam fortemente nesse momento (SILVA, 2015). O Gráfico 7 apresenta as respostas da pergunta oito do questionário após a intervenção.



**Gráfico 7** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 8 após a intervenção: “Você conversa com seus pais sobre gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?”

O questionário aplicado após a intervenção informou que 12 entrevistados (42,09%) responderam positivamente, que conversavam com seus pais, e 16 entrevistados (57,1%) se mantiveram na negativa sobre discutir o assunto com seus genitores.

Notam-se nas respostas negativas falas como:

- “... esse assunto com pai e mãe não dá”,
- “... nunca conversei”,
- “... eles não são abertos pra esse tipo de assunto”,
- “... não é necessário, prefiro falar com meus amigos... tenho mais confiança”.

Kimmel et al. (2005), ressaltam que a falta de diálogo sobre a sexualidade nos lares pode contribuir para a perpetuação de estereótipos prejudiciais de gênero, homofobia e a falta de entendimento em relação às necessidades e experiências dos adolescentes. Enfatizam a importância de uma abordagem mais precisa e completa da educação sexual que aborde questões como consentimento, identidade de gênero, orientação sexual e relacionamentos saudáveis.

Ao destacar as deficiências na forma como a sexualidade é abordada na sociedade contemporânea, Kimmel et al. (2005) incentivam os pais e educadores a repensarem suas abordagens e a reconhecerem a necessidade de um diálogo mais aberto e informado sobre a sexualidade com os adolescentes. Suas obras são uma chamada à ação para que a educação sexual seja mais abrangente e eficaz, visando fornecer aos jovens as ferramentas necessárias para tomar decisões responsáveis e saudáveis em relação à sua sexualidade.

Na questão de número nove: “Onde você busca informações sobre sexo, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos?”, a Tabela 3 apresenta as fontes dessas informações apontadas pelos adolescentes estudados no questionário aplicado antes da intervenção.

**Tabela 3** – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 9 antes da intervenção: “Onde você busca informações sobre sexo, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
INTERNET	21	75,00
MEUS PAIS	4	14,28
NÃO BUSCO	2	7,14
MÉDICO	1	3,57
Total	28	100,

Em relação a questão número nove, antes da intervenção, observamos que 21 participantes (75,00%) buscam informações sobre sexo, infecções, gravidez e métodos contraceptivos através do acesso à internet. Orcasita et al. (2018) relatam que a internet é a fonte mais utilizada para este tipo de pesquisa, pois relaciona-se com a facilidade de acesso a informações e a confidencialidade, bem como a variedade de informações disponíveis nas

redes. Porém, essa variedade e facilidade oferece riscos aos adolescentes, como fontes de informações incompletas que não apresentam dados científicos ou uma real confiabilidade. Além disso, nas redes pode-se encontrar informações fora do contexto sociocultural destes jovens, levando-os a uma não compreensão ou a um equívoco, contribuindo para a prática sexual insegura e sem proteção.

Corroborando com isto, Furlanetto, Marin e Gonçalves (2019) trazem para reflexão o perigo da falta de supervisão dos pais ao acesso à internet, uma vez que o adolescente tem acesso a variadas informações distorcidas sobre sexo e sexualidade, a falta de limites nos acessos e a ausência do diálogo familiar e educação sexual escolar, favorecendo a exposição a riscos sexuais e emocionais.

A Tabela 4 revela as fontes de informações utilizadas pelos envolvidos no questionário aplicado após a intervenção.

**Tabela 4** – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 9 após a intervenção: “Onde você busca informações sobre sexo, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
INTERNET	8	28,57
MEUS PAIS	16	57,14
NÃO BUSCO	2	7,14
MÉDICO	2	7,14
Total	28	100,

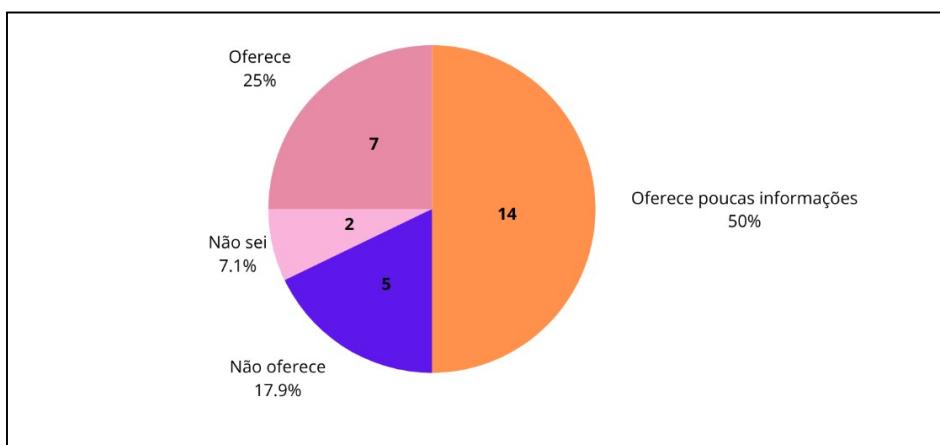
Nesta pesquisa, após a intervenção, observa-se que 16 dos participantes (57,14%) consideraram ter um ambiente familiar seguro e possível para falar sobre sua sexualidade. Para ter um ambiente de conhecimento adequado sobre o tema faz-se necessária a construção de espaços que promovam o diálogo, no intuito de oportunizar a troca de informações e orientações devidas referente a essa temática. E um dos espaços considerado relevante para que esse diálogo aconteça é o próprio ambiente familiar. A dificuldade familiar quanto a supervisão e ao diálogo sobre o tema em questão, geralmente ocorre porque os responsáveis consideram que as conversas sobre sexo incentivam a sua prática ou por existir uma resistência ao assunto, pois não receberam educação sexual suficiente em sua construção como sujeito e, desta forma, atribuem valor negativo ao mesmo. (GONÇALVES, 2006)

Estudos que abordaram a comunicação entre pais e adolescentes (NERY et al., 2015) discutem sobre a importância da construção do diálogo na formação subjetiva do adolescente e no cuidado com sua saúde, que quando não é discutido e orientado de forma correta, leva a práticas性uais precoces e de risco, trazendo consequências para o futuro deste adolescente. Em contrapartida, quando ocorre diálogo e confiabilidade no ambiente familiar, os adolescentes tornam-se mais reflexivos, cuidadosos e críticos na tomada de decisões.

Quanto aos recursos buscados pelos adolescentes como meio de obter informações sobre a temática sexualidade, no presente estudo observamos que os 8 estudantes (28,57%)

referiram preferencialmente buscar essas informações na internet, o que reforça o pensamento de Orcasita et al. (2018), em que o autor diz que a internet se relaciona com o acesso instantâneo e a variedade de informações disponíveis nas redes.

A pergunta de número dez dirigida aos discentes participantes: “A sua escola oferece informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?” teve o propósito de verificar a promoção de um espaço de troca de informações sobre o tema na vivência escolar. O Gráfico 8 revela as respostas do questionário antes da intervenção.

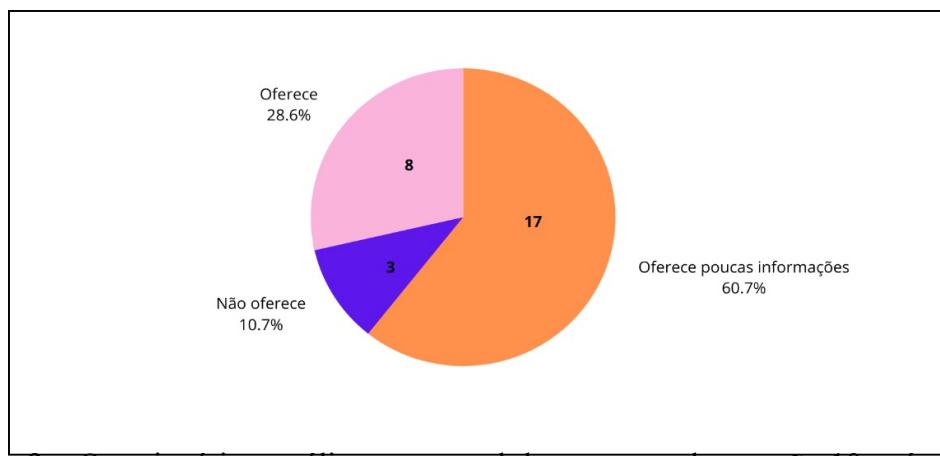


**Gráfico 8** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 10 antes da intervenção: “A sua escola oferece informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?”

O resultado obtido antes da intervenção nos mostra que 14 participantes (50,00%) relatam que a escola oferece poucas informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos. Assim como 5 participantes (17,09%) alegam que a escola não oferece essas informações.

A tríade sexualidade/adolescência/educação escolar nem sempre é fácil de ser abordada. Muitas vezes, temas relacionados à sexualidade são considerados tabus e enfrentam resistência por parte de pais, alunos e até mesmo dos próprios professores. Algumas escolas enfrentam dificuldades para implementar uma educação sexual abrangente, devido a questões culturais, religiosas ou políticas. Além disso, muitos professores também não se sentem preparados o suficiente para lidar com as demandas e questionamentos dos alunos nessa área. Para que a educação sexual seja eficaz, é fundamental que haja uma parceria entre a escola, a família e a comunidade. As escolas devem promover uma abordagem inclusiva e sem preconceitos, que respeite a diversidade e as diferentes experiências dos alunos. Os pais devem participar ativamente desse processo, dialogando abertamente com os filhos e apoiando as iniciativas da escola. Já a comunidade, incluindo profissionais de saúde e organizações não governamentais, pode contribuir com ações e projetos que promovam a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes (KERNTOPF et al., 2016).

O Gráfico 9 demonstra os achados da pergunta 10 do questionário posto após a intervenção.



**Gráfico 9 – Questionário - análise percentual das repostas da questão 10 após a intervenção: “A sua escola oferece informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?”**

De acordo com os dados coletados na pergunta 10, observa-se que tanto antes quanto após a intervenção, os resultados da pesquisa apontaram que as escolas oferecem poucas informações sobre sexo, gravidez, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, ou não oferecem informações. Onde 17 participantes (60,07%) continuaram a sinalizar que as informações ofertadas pela escola não são suficientes. Esses dados reforçam a importância da inclusão da educação sexual nas escolas, por serem locais de construção de ações educativas capazes de promover as mudanças de atitudes e valores socioculturais.

Os adolescentes em fase escolar, encontram-se, em grande parte do tempo, no ambiente escolar, que é o local adequado para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem e deveria ser também uma opção de espaço reflexivo e de orientação para a educação sexual, oferecendo diálogo em que se possam discutir sobre dúvidas e desenvolver palestras e ações relacionados à saúde. Dessa forma, o espaço da escola proporcionaria aprendizagem e orientações corretas sobre comportamentos sexuais, o que seria considerado uma atitude preventiva (OLIVEIRA, 2010)

Contini et al. (2002) descrevem a escola como um ambiente seguro para a prática de diálogo e de informações fidedignas sobre sexualidade aos adolescentes. Esse espaço é citado como o mais propício para se criar ações que possibilitem a aprendizagem sobre educação sexual com adolescentes, acreditando que é para a escola que eles carregam as suas dúvidas e esperam receber respostas sobre elas.

Desta forma, quando a escola oferta essa possibilidade de troca, confiabilidade, aproximação com os alunos e disseminação de informações corretas, acredita-se que este processo torna os adolescentes pessoas mais seguras, menos introvertidas, mais responsáveis e capazes de confiar em suas escolhas, tornando as práticas sexuais mais seguras e prazerosas.

A questão de número onze, vem com o intuito de fazer referência ao papel da escola. Interrogados sobre como a escola poderia favorecer a propagação de informações referente à sexualidade, foi lançada a seguinte indagação: “Como a escola deveria abordar temas como Infecções Sexualmente Transmissíveis, Gravidez e métodos anticoncepcionais?”. No questionário aplicado antes da intervenção, as respostas foram agrupadas nas seguintes

categorias: com palestras, nas aulas, abertamente e não sei. A Tabela 5 apresenta as respostas da questão 11 nas frequências simples e percentual.

**Tabela 5** – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 11 antes da intervenção: “Em sua opinião, como a escola deveria abordar temas como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez e métodos anticoncepcionais?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
COM PALESTRAS	21	75,00
ABERTAMENTE	5	17,85
NÃO SEI	3	10,71
Total	28	100,

Roffman e Tyksinski (1998) argumentam que a educação sexual é uma parte crucial do desenvolvimento dos adolescentes. Enfatizam que os adolescentes enfrentam uma série de desafios e decisões complexas relacionadas à sexualidade, e é responsabilidade dos adultos proporcionar informações precisas e um espaço seguro para discussão. Defendem, ainda, a ideia de que as palestras e programas de educação sexual para adolescentes devem ser inclusivos, abrangendo uma variedade de tópicos, desde anatomia e prevenção de doenças até relacionamentos saudáveis, consentimento e identidade de gênero. E argumentam que uma abordagem aberta e franca sobre a sexualidade em palestras ajuda os adolescentes a entenderem melhor seu próprio corpo, emoções e responsabilidades.

Além disso, Roffman e Tyksinski (1998), destacam a importância de envolver os pais e responsáveis nesse processo de educação sexual. E acreditam que os pais desempenham um papel fundamental como "pessoas de confiança" para os adolescentes quando se trata de discutir questões de sexualidade. Portanto, as palestras e programas de educação sexual também devem fornecer recursos e orientações para os pais, a fim de apoiar uma educação sexual contínua e aberta em casa.

O questionário aplicado após a intervenção foi categorizado em: palestras, roda de conversa, durante a aula e vídeos. A Tabela 6 apresenta as respostas da questão 11 em categorias, frequências simples e percentual.

**Tabela 6** – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 11 após a intervenção: “Em sua opinião, como a escola deveria abordar temas como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez e métodos anticoncepcionais?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
COM PALESTRAS	12	42,85
RODAS DE CONVERSA	5	17,85
DURANTE A AULA	8	28,57
VÍDEOS	3	10,71
Total	28	100,

O Ministério da Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) incluiu a orientação sexual entre os temas transversais nas diversas áreas do conhecimento, com a finalidade de envolver toda a prática educativa com as questões da orientação sexual nas escolas (BRASIL, 1997).

De acordo Nery et al. (2015), os temas relacionados à educação sexual ainda são tratados como incertos, que precisam ser evitados, porque ainda existem tabus em torno do tema, e pais e professores acreditam que essa abordagem, dentro do contexto escolar, pode estimular precocemente a sexualidade nos adolescentes.

Outro fator relevante é que ainda existem professores que, ao longo da sua formação, não conseguem dominar nem criar alternativas para trabalhar determinados temas na escola e são vários os fatores que os limitam nesse sentido, tais como seus valores, falta de domínio do tema e suas condutas consistentes que são construídas no seu dia a dia (GONÇALVES, 2006).

A função do professor, sem dúvidas é o de facilitador, mantendo o diálogo sobre os aspectos sociais, culturais, políticos e educacionais que envolvem a sexualidade dos adolescentes, pois isso remete ao exercício da cidadania. No entanto, o tema é abordado somente pelos professores da área de Biologia e ciências, justificando-se pelas habilidades e técnicas desenvolvidas em sua formação para trabalhar de forma correta os conteúdos propostos (ROSA 2011). De acordo com os PCN qualquer docente, independente da área de atuação, pode trabalhar assuntos relacionados à sexualidade, desde que ele seja capacitado para essa função (BRASIL, 2008).

No que se refere as instituições de ensino, a educação sexual deve ser estruturada e articulada de forma ética e coerente, propiciando aos adolescentes um desenvolvimento que inclua questionamento, conhecimento, reflexão, a concepção de uma sociedade atuante e reflexões que possam contribuir com o combate à homofobia e discriminação de gênero. Isso nos faz refletir sobre a importância da qualidade da formação continuada ao corpo docente da escola, uma vez que sua qualificação profissional garante a quebra de paradigmas e tabus sobre a sexualidade na escola, possibilitando novas formas de aprendizagem. (MAIA; SILVA; NORONHA; 2020)

Foi demandada a seguinte pergunta na questão doze aos participantes: “Quais os tipos de métodos contraceptivos que você conhece?”. No questionário aplicado antes da intervenção, as respostas foram agrupadas nas seguintes categorias: camisinha, anticoncepcional, pílula do dia seguinte e Dispositivo Intrauterino – DIU, cujas frequências simples e percentual estão apresentadas na Tabela 7.

**Tabela 7** – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 12 antes da intervenção: “Quais os tipos de métodos contraceptivos que você conhece?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
CAMISINHA	16	57,14
ANTICONCEPCIONAL	9	32,14
PÍLULA DO DIA SEGUINTE	2	7,14
DIU	1	3,57
Total	28	100,

Entre os dados obtidos a respeito do nível de conhecimento sobre os tipos métodos contraceptivos conhecido pelos participantes, percebemos que a principal lacuna de conhecimento é a camisinha, citada por 16 participantes (57,14%) e logo em seguida tivemos 9 participantes (32,14%) citando o anticoncepcional como método de prevenção. Este resultado reforça que, na atualidade, a camisinha e os métodos hormonais são os contraceptivos mais utilizados pelos adolescentes. (SANZ-MARTOS; LÓPEZ-MEDINA; ÁLVAREZ-GARCÍA; 2019).

Cavalcanti (2000) diz que independente do conhecimento adquirido pelos adolescentes sobre o uso dos contraceptivos, a literatura afirma que não existe associação entre o desenvolvimento da aprendizagem e taxas de utilização de métodos contraceptivos. O fator que poderia justificar essa conduta seria o desenvolvimento do córtex pré-frontal e a imaturidade psicoemocional, característica da adolescência.

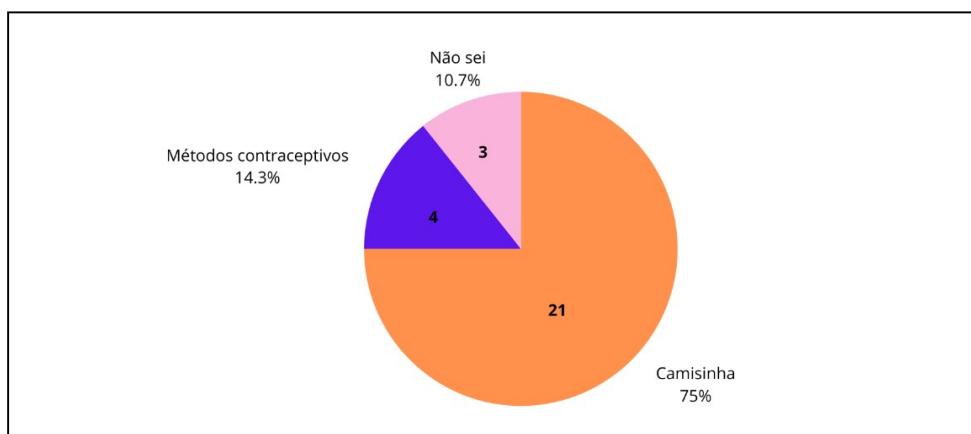
No questionário aplicado após a intervenção, as respostas referentes à pergunta doze dadas pelos participantes foram agrupadas nas seguintes categorias: camisinha, anticoncepcional, Dispositivo Intrauterino – DIU, injeção e implanom, conforme demonstrado pela Tabela 8.

**Tabela 8** – Questionário – análise das respostas distribuídas em categorias nas frequências simples e percentual da questão 12 após a intervenção: “Quais os tipos de métodos contraceptivos que você conhece?”

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
CAMISINHA	14	50,00
ANTICONCEPCIONAL	7	25,00
DIU	3	10,71
IMPLANOM	3	10,71
INJEÇÃO	1	3,57
Total	28	100,

No que se refere aos dados obtidos nessa questão, é considerável o conhecimento que os participantes demonstram sobre os métodos contraceptivos, onde 14 participantes (50,00%) citaram a camisinha, 7 (25,00%) citaram o Dispositivo Intrauterino – DIU, o implanom foi citado por 3 participantes (10,71%) e 1 discente (3,57%) citou o uso da injeção como método contraceptivo. Percebe-se que pós-intervenção ocorreu um aumento nos tipos de métodos conhecidos, o que nos leva a refletir sobre a importância da informação através de estratégias diversificadas, não somente sobre a diversidade dos métodos existentes na atualidade, mas também sobre a utilização de forma correta e as suas vantagens e desvantagens.

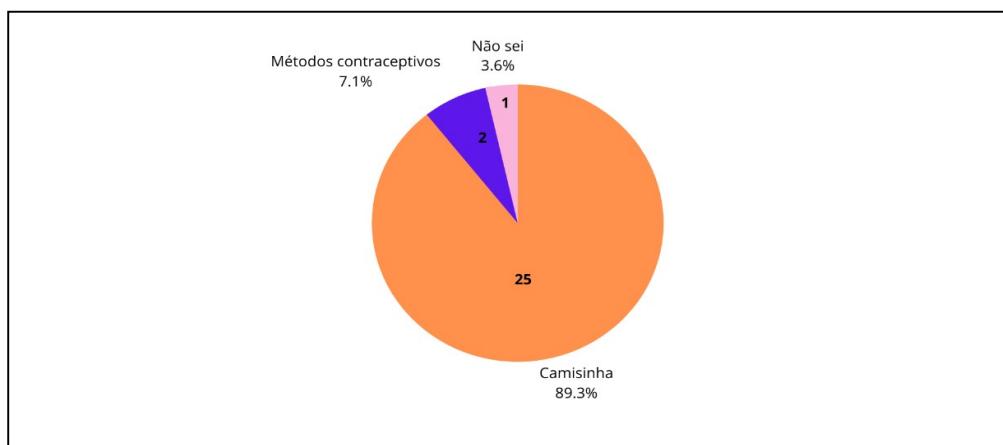
Foi demandada a seguinte questão de número treze: “Você sabe qual é a principal forma de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis?”. No Gráfico 10 podemos analisar a frequência percentual do questionário interpuesto antes da intervenção. Essa pergunta teve por objetivo dimensionar o processo de conscientização e de preservação da saúde sexual dos envolvidos.



**Gráfico 10** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 13 antes da intervenção: “Você sabe qual a principal forma de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis?”

Como resultado 21 participantes (75,00%) responderam que a camisinha é o principal método de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. O que nos leva a reflexão que, na contemporaneidade, muitos jovens optam pelo uso da camisinha como forma de contracepção e também de prevenção de infecções, reconhecendo a importância da prevenção e do cuidado com a saúde. (SANZ-MARTOS; LÓPEZ-MEDINA; ÁLVAREZ-GARCÍA; 2019).

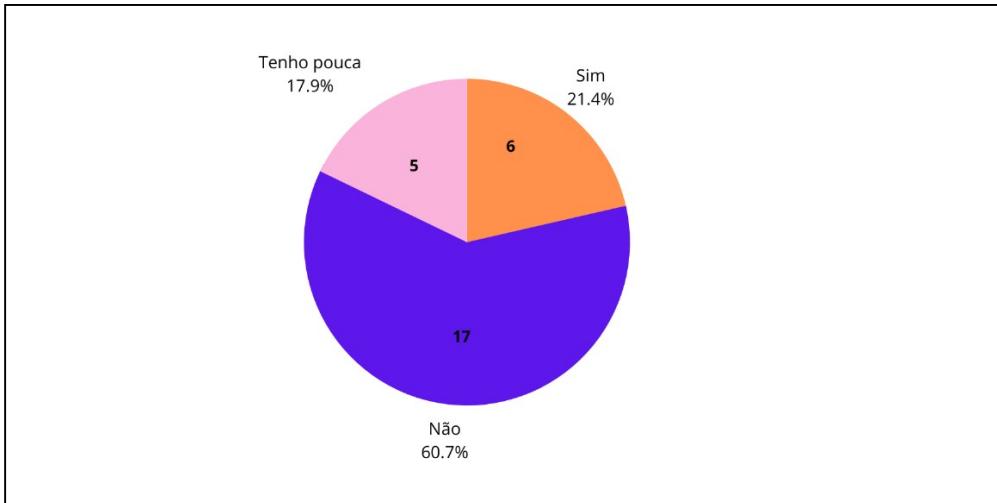
O Gráfico 11 apresenta as respostas da questão treze após a intervenção, observando que praticamente não houve diferenciação entre eles.



**Gráfico 11** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 13 após a intervenção: “Você sabe qual a principal forma de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis?”

O preservativo masculino, citado na resposta de 25 estudantes (89,03%), citado como “camisinha”, é o método mais conhecido contra IST entre os jovens. Apesar do aumento da frequência do uso de preservativo, principalmente o masculino, entre os jovens, o uso não é frequente, principalmente quando falamos em relações eventuais e não programadas, caracterizando, portanto, um comportamento de risco de contaminação (FREITAS et al., 2022). Segundo o autor, os adolescentes não são assíduos nos serviços de saúde; assim como os programas de saúde da família, as políticas públicas e as intervenções para este público são precárias, em sua maioria “curativistas,” pautadas em um modelo de saúde biomédico e não de prevenção e promoção de saúde. (FREITAS et al., 2022)

A pergunta quatorze, teve o objetivo de averiguar se os participantes têm informações suficientes sobre IST e gravidez e indagava: “Você acha que tem informações suficientes sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez?” No Gráfico 12 podemos analisar a frequência percentual do questionário interposto antes da intervenção.



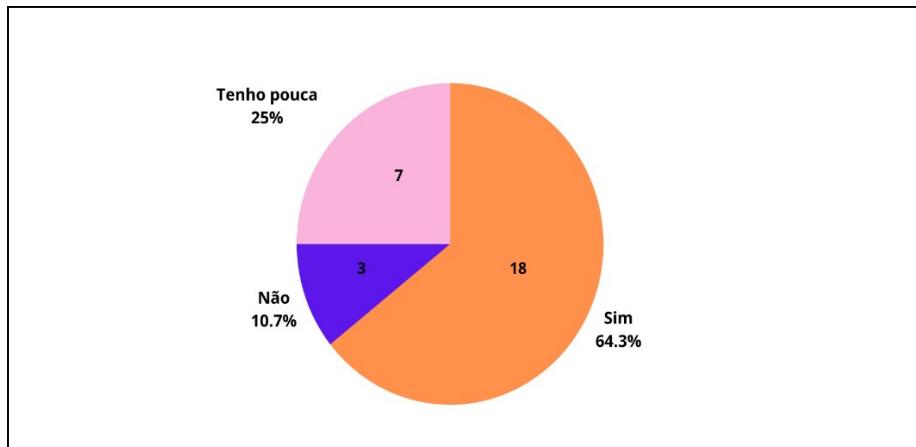
**Gráfico 12** – Questionário - análise percentual das respostas da questão 14 antes da intervenção: “Você acha que tem informações suficientes sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez?”

Nas respostas obtidas entre os 28 alunos envolvidos na pesquisa, observamos que 17 participantes (60,07%) relataram não receber informações suficientes sobre a prevenção de IST, outros 5 participantes (17,09%) citaram ter poucas informações sobre a temática e apenas 6 (21,04%) afirmaram receber informações suficientes sobre a temática.

Vale ressaltar que o período da adolescência é marcado pelo início da vida sexual dos jovens, que muitas vezes iniciam essa fase sem qualquer medida preventiva, onde os preservativos, como a camisinha, nesses momentos são esquecidos, o que torna esse adolescente vulnerável, pois todas as vezes em que ele se relaciona sexualmente com outras pessoas sem camisinha ele se expõe as infecções sexualmente transmissíveis, que são transmitidas no ato sexual. Além da grande chance de ocorrer uma gravidez indesejada. (MOURA; SOUZA; EVANGELISTA, 2009).

Neste cenário, percebe-se que muitos adolescentes não fazem o uso adequado dos preservativos, por incomodo, pelo argumento de que a sua utilização inibe o prazer sexual e muitos desconhecem a forma de utilizar os preservativos masculinos e, principalmente, o feminino, pouco explorado pelas mulheres. Outra situação pouco comentada é o não uso do preservativo, relacionado a desigualdade de gênero entre homens e mulheres. O quadro de IST é mais frequente em mulheres, pois dentro de uma construção social, a responsabilidade nas relações sexuais para evitar uma gravidez indesejada ou a contaminação por uma IST, fica atribuída somente a elas, assim como também acabam cedendo aos seus parceiros quando solicitado o não uso da camisinha (OLIVEIRA et al., 2009).

O Gráfico 13 demonstra os resultados da pergunta quatorze do questionário após a intervenção.



**Gráfico 13** – Questionário - análise percentual das respostas da questão 14 após a intervenção: “Você acha que tem informações suficientes sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez?”

O resultado da pesquisa após a intervenção nos aponta uma melhora no resultado se comparado com o resultado antes da intervenção. Percebe-se que 18 participantes (64,03%) relataram ter informações suficientes sobre IST e gravidez na adolescência. Martins, Moura e Bernardo (2018) relatam que a educação tem o papel de preparar o estudante, promovendo-o para a autonomia e tornando-o um cidadão crítico e construtor do seu conhecimento.

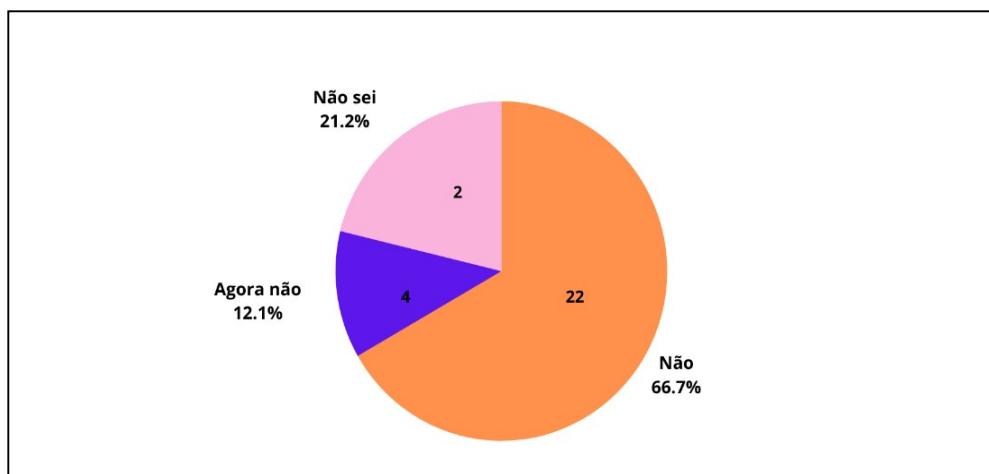
Após a aplicação da pesquisa e o momento da palestra, que ofereceu acolhida e um momento de descontração, os alunos sentiram-se seguros em afirmar conhecimento sobre o tema. Respostas como essas surgiram:

- “... foi um momento de grande aprendizado”;
- “... tivemos uma palestra que nos ajudou a entender sobre o assunto”;
- “... acho que sei o mínimo para prevenir uma gravidez”;
- “... aprendi muito”;

Segundo Silva (2015), o adolescente, ao iniciar a vida sexual, sem nenhuma base educativa, colabora para a gravidez não programada, sendo que os períodos da infância ou da adolescência não são apropriados para o corpo suportar uma gestação. Muitos adolescentes, principalmente os meninos, enxergam o sexo como uma competição e buscam por reconhecimento e masculinidade, enquanto as meninas, tratam as relações sexuais como uma forma de promover sua liberdade e independência; portanto, tais atos não têm ligação alguma com sentimentos afetivos, mas sim com uma ação da repressão sexual que permanece na sociedade

De acordo com os estudos de Tanferi (2013) a educação sexual traz para a realidade dos adolescentes uma prática sexual mais segura e consciente. Portanto, a inserção de uma didática sem tabus ou estigmas nas escolas é capaz de modificar os elevados índices de gravidez e o contágio de infecções na adolescência, permitindo que os adolescentes vivenciem a sua sexualidade de forma segura, adequada e saudável.

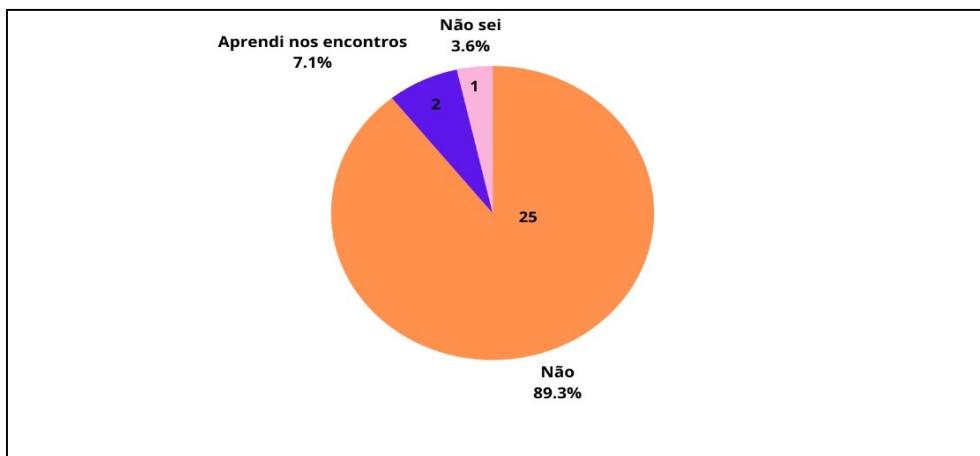
Com o intuito de identificar necessidades ainda residentes ou alguma dúvida sobre o tema, foi perguntado na questão quinze aos entrevistados: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?” O Gráfico 14 apresenta os dados das respostas da questão antes da intervenção.



**Gráfico 14** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 14 antes da intervenção: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?”

O intuito dessa questão é promover um momento de reflexão individual para cada participante, onde eles podem caminhar livres para a construção dos seus questionamentos ou dúvidas relacionadas à temática. O resultado encontrado, afirma que 22 participantes (66,07%) não apresentam interesse em contribuir ou expressar as suas dúvidas sobre o assunto.

O Gráfico 15 revela a análise percentual após a intervenção.



**Gráfico 15** – Questionário – análise percentual das respostas da questão 14 após a intervenção: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?”

Tanto nas respostas obtidas no questionário aplicado antes da intervenção, sendo o percentual de 22 participantes (66,07%), quanto após a intervenção, sendo 25 participantes (89,03%) foi observado que não houve nenhum acréscimo por parte dos alunos envolvidos na pesquisa.

Em suma, a tríade sexualidade/adolescência/educação escolar é essencial para garantir que os jovens tenham acesso a informações precisas, sejam capazes de tomar

decisões informadas e responsáveis, e desenvolvam uma atitude respeitosa em relação à sua própria sexualidade e à dos outros. É um desafio que precisa ser encarado com seriedade e comprometimento por todas as partes envolvidas (KERNTOPF et al., 2016).

Em virtude do impacto da temática da sexualidade no cotidiano dos estudantes, ao serem analisadas as respostas dos questionários, a elaboração de uma cartilha informativa fez-se necessária, para além dos questionários, como forma de consolidar o processo pedagógico do ensino-aprendizagem ao ser distribuída. Em um primeiro momento, foram analisadas as informações mais relevantes para a sua composição, visando a praticidade do material, bem como a ludicidade, de modo que fosse despertada no público-alvo a vontade de consultar um material bem embasado, prático e direto em momentos de dúvidas.

Principalmente sob o conhecimento de que conversas com pais e responsáveis ainda podem ser consideradas tabus, a abordagem da educação sexual é fundamental ser trabalhada, consolidando um melhor desenvolvimento pessoal e social entre os estudantes consigo, entre si e num âmbito de convívio geral. Sendo assim, foram selecionadas palavras-chave conforme maior interesse dos estudantes, separando-as de acordo com seu impacto e ligações com a temática. Nesse contexto, algumas das escolhidas foram “IST”, “preservativos”, “gravidez na adolescência”, “sexualidade e aceitação”. Sob essa ótica, a cartilha foi elaborada em material virtual e foi realizada a disponibilização desta à direção escolar para a devida propagação aos alunos.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A concretização desta pesquisa teve como principal objetivo alcançar a conscientização e prevenção de configurações associadas à temática de sexualidade no período da adolescência, despertando nos participantes envolvidos uma atmosfera de reflexão e abrangência de pensamentos em matérias, assuntos e conversas que não fazem parte necessariamente do componente básico curricular da escola. No decorrer do trabalho, foi observada a importância ascendente de criar espaços para diálogo sobre a sexualidade nos dias atuais, uma vez que ainda que não seja uma obrigação curricular da escola, é uma temática que refletirá durante toda a vida dos alunos e principalmente na fase atual, repleta de descobertas sobre seus próprios corpos e pensamentos.

Tem-se conhecimento que a ênfase na sexualidade em ambiente escolar é um grande desafio, visto que ainda há grande despreparo de muitos gestores, docentes e até mesmo acaba sendo um tabu entre os estudantes, tornando mais difícil a realização de conversas a respeito. Sendo assim, é nítida a necessidade de a escola procurar enquadrar em seu planejamento, de algum modo, estratégias e metodologias que fortaleçam este debate, trazendo para junto de si também os responsáveis pelos alunos e profissionais de saúde, garantindo a promoção de saúde, socialização e conscientização destes jovens.

Embora a sexualidade nas escolas seja um tema importante e complexo, este deve ser abordado de forma cuidadosa e inclusiva. É fundamental promover uma educação sexual adequada, que respeite a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, e que se baseie em informações científicas e respeito aos direitos humanos. As escolas desempenham um papel essencial no fornecimento de informações sobre saúde sexual, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, além de promover relações saudáveis e consentidas. O ensino sobre a diversidade sexual também é importante para combater o preconceito e a discriminação, promovendo o respeito e a igualdade.

No entanto, observa-se que essas questões devem ser abordadas de acordo com a faixa etária dos estudantes, respeitando os valores culturais e religiosos das famílias. É importante envolver os pais ou responsáveis nesses assuntos, garantindo que eles estejam informados sobre o conteúdo das lições e possam contribuir para a educação sexual de seus filhos. Além disso, é fundamental que os professores sejam capacitados para abordar esses temas de forma responsável e que sejam disponibilizados recursos educativos e materiais adequados para auxiliar nessa educação.

Devido à dificuldade de debates e informações nas residências e lares de alunos, foram identificadas grandes dúvidas por partes dos alunos nos seus questionários, sendo o resultado pós-intervenção bastante satisfatório, já que as orientações sobre sexualidade se mostraram sólidas e fluidas o suficiente para que fossem sanados questionamentos sobre o tema. Além disso, o contato e parceria com a escola escolhida foi repleto de êxito e boas conexões, com profissionais que aceitaram ceder seus espaços de aula e realizaram uma recepção entusiasta e solícita para que a pesquisa fosse feita, colaborando com cada necessidade. Além das divergências de opinião sobre a melhor forma de abordar a sexualidade nas escolas, é importante lembrar que uma educação sexual adequada contribui

para a formação de indivíduos informados, responsáveis e respeitosos, garantindo a promoção da saúde e dos direitos humanos.

Foi obtido um resultado positivo e satisfatório com a realização da palestra e através das conversas, pois possibilitaram o conforto por parte dos alunos, que participaram sem maiores receios de opinar, perguntar e dialogar abertamente sobre as temáticas, o que garantiu o fortalecimento de vínculos, troca de conhecimentos e experiências, além de suprir as dúvidas de cada participante. Nesse contexto, analisa-se a importância de, no ambiente familiar, encontrar confiança e segurança para um diálogo tão importante quanto o sobre sexualidade, de maneira que fortalece o vínculo afetivo-emocional do adolescente com a família, assim como expande o espaço de confiança encontrado pelo jovem em seus entes familiares.

A introdução da cartilha sobre sexualidade na escola estimulou as discussões entre alunos, professores e a equipe da direção. A abordagem franca e informativa do material proporcionou um ambiente propício para a troca de ideias e esclarecimentos de dúvidas. Os debates em sala de aula se tornaram mais abertos e inclusivos, permitindo que os alunos expressassem suas preocupações e perguntas de forma mais confortável. Os professores que utilizaram o material em sala de aula relataram um maior sucesso em suas aulas e nas atividades propostas. A cartilha se tornou uma ferramenta valiosa, que enriqueceu o currículo escolar de maneira transversal. Os alunos, ao perceberem que seus professores estavam comprometidos com seu bem-estar e educação sexual, tornaram-se mais participativos e engajados. Eles entenderam que faziam parte de um processo educacional significativo e que sua troca com o professor era fundamental para sua formação.

Além da utilização nas aulas regulares, a cartilha sobre sexualidade foi incorporada a projetos da escola, como na realização de trabalhos em sala de aula, palestras e encontros promovidos pelos alunos e a feira de conhecimentos. Assim, os alunos puderam explorar tópicos relacionados à sexualidade de forma criativa, desenvolvendo projetos que abordavam questões relevantes para sua idade e contexto social.

A cartilha serviu como ponto de partida para essas iniciativas, fornecendo informações e recursos necessários para sensibilizar a comunidade escolar, além de integrar o currículo escolar de forma transversal, enriquecendo a educação de maneira abrangente.

Importante sinalizar que a efetivação deste projeto e a criação da cartilha como recurso educacional não apenas enriqueceu as práticas pedagógicas da escola, mas também teve um impacto profundamente positivo na vivência dos alunos e na atmosfera da instituição, permitiu que os alunos compreendessem melhor não somente os aspectos biológicos, mas também os emocionais e sociais que perpassam a sexualidade.

A linguagem acessível proporcionou um ambiente acolhedor e inclusivo na escola, contribuindo para a formação de jovens mais conscientes e informados. Além disso, a pesquisa que embasou a criação da cartilha trouxe uma importante dimensão de responsabilidade aos alunos. Eles passaram a entender que a sexualidade é um tópico crucial que merece atenção, responsabilidade e reflexão. Isso não apenas os capacitou a tomar decisões conscientes em suas vidas pessoais, mas também os instigou a serem agentes de mudança em relação à compreensão e respeito pelas questões sexuais de todos. Desta forma, foram observados um aumento significativo na empatia, na tolerância e no respeito mútuo entre os alunos, à medida que a cartilha contribuiu para uma maior compreensão das diversas experiências sexuais, prevenção e identidade de gênero.

Em suma, a construção e introdução da cartilha sobre sexualidade na nossa escola foi uma iniciativa altamente positiva e transformadora. Ela não apenas enriqueceu práticas educacionais, mas também empoderou nossos alunos a se tornarem cidadãos responsáveis, informados e seguros de si em relação à sexualidade.

Torna-se relevante mencionar, que ao longo da pesquisa, pode-se notar que há um espaço com lacunas de distanciamento na comunicação entre a família e os adolescentes, o que se torna desconfortável quando há a comunicação, mas de maneira superficial ou, na maioria dos casos, este diálogo nem chega a existir.

Durante todo o estudo, observou-se que existe um distanciamento familiar na abordagem adequada do tema, dificultando a comunicação ou a fazendo de forma supérflua. Nesse contexto, é fundamental ressaltar que, ampliar os debates sobre o assunto o mais abertamente possível traz diversas contribuições e é determinante para a vivência de interpretações, condutas e reflexões de prática, escolha e identificação sexual em seu modo mais seguro possível na adolescência, refletindo por toda a vida.

Consolidando o objetivo do trabalho, foi notória a importância do projeto e a necessidade de trabalhar o tema da sexualidade na adolescência, pois embora constitua um assunto ainda tabu, o entusiasmo e a participação dos adolescentes demonstrou o grande interesse que têm pelo tema, além de colaborar para aumentar a iniciativa da escola em abordar esta temática. Como já citado, os resultados positivos foram inúmeros, e permitiram trocas ricas de diálogo, respeito e, principalmente, o compartilhamento de informações com embasamento científico para estes jovens, sanando dúvidas e esclarecendo sobre IST, sexualidade, contracepção, gravidez na adolescência e diversas outras pautas acerca da temática, melhorando os ideais, pautando a necessidade de expansão da valorização da saúde, propagação do conhecimento e noções sobre cuidados, riscos e benefícios que se integram acerca da própria sexualidade, transformando a vida destes jovens.

## **9 REFERÊNCIAS**

- ALVES, C. J. **Educação sexual – oficina de sexualidade e vida saudável na escola para o ensino fundamental.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro instituto de biofísica Carlos Chagas Filho Polo avançado de Xerém – PROFBIO III. 2016.
- AMARAL, A. M. S. et al. Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 62-67, 2017.
- AMORAS, B. C.; CAMPOS, A. R.; BESERRA, E. P. **Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis.** PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 8, n. 1, p. 163-171, 2015.
- ANDRADE, R. D.. **Conhecendo as práticas sexuais de adolescentes alunos de escolas públicas em município de Minas Gerais.** Revista Atenas Higeia, v. 1, n. 2, p. 46-53, 2019.
- ARATANGY, L. R. **Sexualidade: a difícil arte do encontro.** São Paulo: Ática, 1995.
- ARAUJO, A. V. S. et al. **O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa.** Revista da Universidade Vale do Rio Verde; V. 13, N. 2, P. 119, 2015.
- BARBOSA, L. U. et al. **O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência.** Ensino, Saúde e Ambiente, v. 12, n. 2, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016. p. 41.
- BARRETO, Raissa Mont'Alverne et al. **IST na adolescência: percepção de gestantes a luz do círculo de cultura de Paulo Freire.** Revista Contexto & Saúde, v. 16, n. 30, p. 116-125, 2016.
- BAUMAN, Z. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BERNI, V. L.; ROSO, A. **A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica.** Psicologia & Sociedade, v. 26, p. 126-136, 2014.
- BLANC. C. **Uma Breve História do Sexo:** fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidade mais interessantes de todas as eras. São Paulo: Gaia; 2010.
- BORGES, A. L. V. **Pressão social do grupo de pares na iniciação sexual de adolescentes.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 41, p. 782-786, 2007.
- BOUZAS, I.; MIRANDA, A. T. **Gravidez na adolescência.** Adoesc Saude, v. 1, n. 1, p. 27-30, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis.** Brasília: Ministério da Saúde. p. 9, 2006.

\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Saúde do adolescente: competências e habilidades.** Brasília: Ministério da Saúde, p. 23, 2008.

BRASIL, A.P. **Gênero e sexualidade na escola: da educação legal à educação real.** Dissertação de mestrado. Instituto federal do Espírito Santo. Pós-graduação em Educação em ciências e matemática. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DSAT, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira.** Brasília, DF, 2016. p. 95-100.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico: HIV/AIDS.** Brasília, DF. v. 49, n. 53, p.30, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITZMAN, D. **Curiosidade, sexualidade e currículo.** In: LOURO, G. L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 83-113.

BUENO, A. S.; ESTACHESKI, D. T.; CREMA, E. C. (orgs.). **Gênero, educação e sexualidade:** reconhecendo diferenças para superar (pre)conceitos. Uberlândia: Ed. dos Autores, 2016.

CARVALHO, O. et al. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **CEP**, v. 65600, p. 110, 2018.

CARVALHO, M. C.; SIVORI, H. F. **Ensino religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira.** Cad. Pagu, campinas, n. 50, 2017. Disponível em: &lt;[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s010483332017000200310&lng=en&nrm=iso&gt;](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s010483332017000200310&lng=en&nrm=iso&gt;); acesso em 15 jul. 2022.

CAVALCANTI, S. M. O C. **Fatores associados ao uso de anticoncepcionais na adolescência.** Recife [tese de mestrado]. Pernambuco: Instituto Materno-Infantil de Pernambuco, p. 63, 2000.

- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- COIMBRA, C.; BOCCO, F. NASCIMENTO, M. L. **Subvertendo o conceito de adolescência**. Arquivos brasileiros de psicologia, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.
- COLLING, A. M. **Inquietações sobre educação e gênero**. Revista Trilhas da História, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 33-48, jan./jun., 2015.
- CONTINI, C. M. L. J. et al. **Adolescência e Psicologia Concepções, práticas e reflexões críticas**. 2002.
- DANTAS, M. A. **Autoeficácia ocupacional e de decisão de carreira: análise de uma intervenção em estudantes do ensino médio público**- tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, (2015).
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 20, p. 123-131, 2010.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FERREIRA, A. G. S. **Vivendo e aprendendo**: fatores de risco, conhecimento e práticas de adolescentes do ensino médio relacionados à saúde sexual e reprodutiva – Dissertação de mestrado. *Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola*. Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro. Seropédica, 2020.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 151 p. Disponível em: [História da sexualidade I: A vontade de saber \(usp.br\)](#). Acesso em: 18 mar. 2021.
- FREITAS, C. A.; SOLDERA, A. G. S.; REZENDE, G. R.; MARTINS, A. T.; TROVÃO, A. C. G. B.; SOLON, S.; ALMEIDA, R. G. S. **Atenção primária à saúde no Brasil: adolescência, desinformação e infecções sexualmente transmissíveis**. HU Revista, v. 48, p. 1–6, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/37729>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- FREUD, S. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1976.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1905/1972.
- FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FURLANETTO, M. F.; MARIN, A. H.; GONÇALVES, T. R. **Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente**. Fortaleza: Rev. Psicologia em Desenvolvimento; v. 19, n. 3, 2019.

GENZ, N.; MEINCKE, S. M. K.; CARRET, M. L. V et al. **Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes**. Texto Contexto Enfermagem, v. 26, n. 2, 2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 94.

GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

GONÇALVES, S. M. M. **Mas, afinal, o que é felicidade? Ou, quão importantes são as relações interpessoais na concepção de felicidade entre adolescentes**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GUIMARÃES, E. A. **Educação sexual: uma análise da inserção do tema nas unidades escolares da 7ª coordenação regional de educação no município do Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação da Escola de Serviço Social. 2013.

GUIMARÃES NETO, F. R. et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 60, p. 279-285, 2007.

HEILBORN, M. L.; RODRIGUES, C. Gênero: breve história de um conceito. **Aprender – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, a. XII, n. 20, p. 9-21, 2018.

JERUSALINSKY, A. Adolescência e contemporaneidade. **Conversando sobre adolescência e contemporaneidade**, p. 54-65, 2004.

KERNTOPF, M. R. et al. Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. **Rev. Adolec. Saúde (Online)**, p. 106-113, 2016.

KIMMEL, M. S., HEARN, J.; CONNEL, R. W. (eds). **Handbook of studies on men and masculinities**. Thousand Oaks: Sage Pub., 2005.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 38-27

LONGO, F. V.; VIEIRA, J. M. **Educação de mãe para filho: fatores associados à Mobilidade educacional no brasil.** Educ. Soc., campinas, v. 38, n. 141, p. 1061-1062, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s010173302017000401051&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s010173302017000401051&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 jul. 2022.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade.** In: LOURO, G. L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-35

MAIA, A. P. O.; SILVA, N. da; NORONHA, W. S. **Educação sexual na escola: sob o olhar do gestor e professor.** Revista Brasileira de Desenvolvimento, v. 6, n. 3, p. 9864–9882, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/7309>. Acesso em: 4 jan. 2023.

MARTINS, E. D.; MOURA, A. A. ; BERNARDO, A. A. **O processo de construção do conhecimento e os desafios do ensino-aprendizagem.** Revista on line de Política e Gestão Educacional, [S.1], v.22, n.1, p. 418, jan. 2018.ISSN1519-9029. Disponível em: &lt;https://periódicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10731&gt;. Acesso em: 21 nov 2022.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação.** Rio de janeiro: LTC, P. 190, 2011.

MEDEIROS, Paola Cristine et al. Puberdade precoce e as consequências emocionais no desenvolvimento infantil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e7127-e7127, 2021.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 22.

MOURA, R. F.; SOUZA, C. B. J.; EVANGELISTA, D. R. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes de escolas públicas e privadas de fortaleza-ce, Brasil. **Reme- Revista Mineira Enfermagem**, v. 13 n. 2, p. 266-273, abr./jun., 2009.

NERY, I. S. et al. **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes.** São paulo: rev. Acta paulista de enfermagem; v. 28, n. 3, 288, 2015.

OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T.; PONTES, A. P. M.; RIBEIRO, M. C. M. **Conhecimentos e Práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. Escola Ana Nery Revista de enfermagem**, Rio de Janeiro-RJ, n. 13, v.4,p. 833-841, 2009.

OLIVEIRA, E. S. G.. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. **Educar em Revista**, p. 283-298, 2017.

OLIVEIRA, M. C. S. L. **Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica.** Psicologia em estudo, v. 11, p. 427-436, 2006.

OLIVEIRA, M. W. **Gravidez na adolescência: dimensões do problema.** Cadernos Cedes, v. 19, p. 48-70, 1998.

OLIVEIRA, T. A. . et al. In: MARTINS, D. T.; PEIXOTO, R. B. (Orgs). **Compreendendo o adolescente.** Curitiba: Secretaria de Estado da Criança e da Juventude, Ed. 2, p. 29, 2010.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Sexual and Reproductive Health.** WHO, 2006. Disponível em: [http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual\\_health/sh\\_definitions/en/index.html](http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en/index.html). Acesso em: 12 maio 2021.

ORCASITA, L.T. e tal .**Sexualidad en hombres adolescentes escolarizados: un análisis comparativo entre instituciones públicas y privadas en Colombia.** Revista Ciencias de la Salud, v. 16, n. 3, p. 424-443, 2018.

PERSON, E. S. **No girar da roda:** uma reflexão no centenário dos Três ensaios de Freud sobre a teoria da sexualidade. In: FERRO, A. et al. Psicanálise e sexualidade: tributo ao centenário do Três Ensaios sobre uma teoria da sexualidade 1905- 2005. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PISCITELLI, A. **Gênero:** a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (org.). Diferenças, igualdade. São Paulo: Bertrand & Vertecchia, 2009. p. 116-146. Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais.

RIBEIRO, P. R. C. **Introdução.** In: P. R. C. Ribeiro (org.). Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande: FURG. 2007. p. 8-9.

ROCHA, K. A. **Diversidade sexual e combate à homofobia no cenário das políticas públicas para a educação.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDICAÇÃO, 2011, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5958\\_2939.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5958_2939.pdf). Acesso em: 28 abr. 2021.

RODRIGUES, M. J. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na Adolescência. **Nascer e Crescer**, Porto, v. 19, n. 3, p. 200, set. 2010.

ROFFMAN, D. M.; TYKSINSKI, K. **Body Openings: A professional Development Program in Health and Human Sexuality Education for early childhood in an independent school setting.** Journal of sex education and therapy, 23:1, 73-82, 1998.

ROSA, L. C. D. A alteridade e a relação pedagógica no pensamento de Enrique Dussel. **Revista Diálogo**, Canoas, n. 19, p. 131-144, 2011.

RUSSO, K.; ARREGUY, M. E. Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 501-523, 2015.

SAFFIOTI, H. I. B. **Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero**. In: SILVA, M. A. M. (org.). Mulher em seis tempos. Araraquara: UNESP, 1991. p. 38

SANZ-MARTOS, S.; LÓPEZ-MEDINA, I. M.; ÁLVAREZ-GARCÍA, C. et al. Sexualidade e conhecimento contraceptivo em universitários: desenvolvimento de instrumento e análise psicométrica usando a teoria de resposta ao item. **Reprod Health** 16, 127, 2019.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, p. 107-115, 2003.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, p. 227-234, 2010.

SCOTT, J. **História das mulheres**. In: BURKE, P. (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, I.O. **Sexualidade, gênero e gravidez de jovens: um estudo em escola da baixada fluminense do Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

SILVA, K. L; MAIA, C. C.; DIAS, F. L. A.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. C. A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, p. 607-611, 2011.

SILVA, L F. **Estratégia educativa sobre a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência**. (Dissertação de Mestrado). Instituto de agronomia, universidade federal rural do rio de janeiro, Seropédica, p.74, 2015.

SILVA, M. M.; BARROS, L. S. A contribuição da escola para a promoção da saúde mental de adolescentes no combate a depressão e ao suicídio. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 21078-21095, 2021.

SNOEK, J. **Ensaio da ética sexual**: a sexualidade humana. São Paulo: Paulinas, 1981.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

TANFERI, J. A. **O papel da educação na sexualidade do indivíduo: a educação sexual na escola. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.** Secretaria de Estado de Londrina. Universidade Estadual de Londrina. v. 2, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

XAVIER, F. C. **Educação para as sexualidades e gêneros como direitos das crianças nas instituições educativas.** In: MACHADO, R. N. S.; SILVA, S. M. P. (orgs.). *Vozes epistêmicas e saberes plurais: gênero, afrodescendências e sexualidade na educação*. São Luís: EDUFMA, 2019.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.

## **10 ANEXO**

## QUESTIONÁRIO

Prezado aluno, gostaríamos da sua colaboração respondendo a este questionário. Sua participação é essencial para a realização deste estudo.

1. Sexo:  Feminino  Masculino
  2. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_ anos.
  3. Qual foi o curso mais elevado que o (a) chefe de sua família completou?  
 Analfabeto  Ensino médio completo  Ensino fundamental completo  
 Superior incompleto  Ensino fundamental incompleto  Superior completo
  4. Qual é a sua religião?  
 Católica  Evangélica  Espírita  Umbanda/Candomblé  Não tenho religião
  5. Localização do seu Domicílio:  
 Área Rural  Área Urbana
  6. Você acha importante discutir sobre sexualidade? Por quê?
  7. Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre os assuntos relacionados a sexualidade?
  8. Você conversa com seus pais sobre gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?
  9. Onde você busca informações sobre sexo e as Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos?
  10. A sua escola oferece informações sobre gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos?
  11. Como a escola deveria abordar temas como Infecções Sexualmente Transmissíveis, Gravidez e métodos anticoncepcionais?
  12. Quais os tipos de métodos contraceptivos que você conhece?
  13. Você sabe qual a principal forma de prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis?
  14. Você acha que tem informações suficientes sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez?
  15. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?
- Obrigada pela sua colaboração!

## **11 APÊNDICES**

## Apêndice A



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA- PPGEA

#### TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa ***“Para além dos muros da escola”: a importância das estratégias relacionadas à sexualidade em uma escola do Estado do Rio de Janeiro***. Seu responsável permitiu que você participe.

Para evitar possíveis riscos de ordem emocional e ou social, e de constrangimento durante a efetivação da pesquisa, as apresentações serão abordadas com naturalidade, valorizando as falas e a participação de cada aluno na dinâmica adotada no momento, para estimular o interesse pelo tema, considerando as colocações expostas perante o grupo e, se necessário, desmistificar tabus com esclarecimentos das dúvidas; utilizaremos termos técnicos sobre o tema, explicando seu significado diante dos nomes populares; não será apontado nominalmente nenhum aluno para manifestação ou participação nos momentos dos encontros, evitando sua exposição, deixando os envolvidos a vontade para sair durante as apresentações, caso se sintam desconfortáveis.

A pesquisa será realizada no ambiente escolar e os encontros se darão nos horários determinados pela direção escolar. Será mantido total sigilo dos participantes. Portanto, seu nome não será divulgado em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou na publicação dos resultados da pesquisa.

As atividades ocorrerão em cinco momentos, sendo: 1º – explicação do tema, proposta da pesquisa; entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorização dos responsáveis. 2º - recolhimento do TCLE e, após conferência das autorizações, aplicação do questionário pré-intervenção. 3º - Apresentação de slides em Power Point sobre anatomia e fisiologia dos órgãos masculino e feminino, IST (Infecção Sexualmente Transmissível), exposição dos materiais educativos sobre o tema e entrega de folhetos explicativos. 4º - aplicação do questionário aos envolvidos para avaliação do conhecimento pós-intervenção. 5º - Confecção de uma Cartilha educativa baseada nas informações coletadas durante a pesquisa.

Os benefícios esperados no estudo são o aumento do conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva, as Infecções Sexualmente Transmissíveis, prevenção, formas de contágio, tratamento, promoção do autocuidado e a reflexão referente às consequências do não uso dos métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.

Se o participante sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, poderá ser indenizado pela pesquisadora, conforme art. 9º da Resolução 510/2016.

Você não é obrigado a participar da pesquisa, mas, caso participe, é um direito seu desistir a qualquer momento. Os participantes poderão ter acesso aos resultados da pesquisa, conforme art.17 da Resolução 510/2016.

Para mais informações relacionadas ao estudo, por favor, entre em contato através do e-mail: psi.larissalasneau@gmail.com ou telefone: (24) 99831-3349.

Eu \_\_\_\_\_ aceito  
participar da pesquisa supracitada.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que não sofrerei constrangimentos por isso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e têm o consentimento do meu responsável.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Vassouras-RJ, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_. de \_\_\_\_\_. .

---

Assinatura do Aluno

---

Larissa Pereira Lasneau Bernardino  
CPF: 151.925.037-10

## Apêndice B



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA- PPGEA

#### TERMO DE ASSENTIMENTO (Maiores de 18 anos)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa ***“Para além dos muros da escola”: a importância das estratégias relacionadas à sexualidade em uma escola do Estado do Rio de Janeiro”***.

Para evitar possíveis riscos de ordem emocional e ou social, e de constrangimento durante a efetivação da pesquisa, as apresentações serão abordadas com naturalidade, valorizando as falas e a participação de cada aluno na dinâmica adotada no momento, para estimular o interesse pelo tema, considerando as colocações expostas perante o grupo e, se necessário, desmistificar tabus com esclarecimentos das dúvidas; utilizaremos termos técnicos sobre o tema, explicando seu significado diante dos nomes populares; não será apontado nominalmente nenhum aluno para manifestação ou participação nos momentos dos encontros, evitando sua exposição, deixando os envolvidos a vontade para sair durante as apresentações, caso se sintam desconfortáveis.

A pesquisa será realizada no ambiente escolar e os encontros se darão nos horários determinados pela direção escolar. Será mantido total sigilo dos participantes. Portanto, seu nome não será divulgado em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou na publicação dos resultados da pesquisa.

As atividades ocorrerão em cinco momentos, sendo: 1º – explicação do tema, proposta da pesquisa; entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorização dos responsáveis. 2º - recolhimento do TCLE e, após conferência das autorizações, aplicação do questionário pré-intervenção. 3º - Apresentação de slides em Power Point sobre anatomia e fisiologia dos órgãos masculino e feminino, IST (Infecção Sexualmente Transmissível), exposição dos materiais educativos sobre o tema e entrega de folhetos explicativos. 4º - aplicação do questionário aos envolvidos para avaliação do conhecimento pós-intervenção. 5º - Confecção de uma Cartilha educativa baseada nas informações coletadas durante a pesquisa.

Os benefícios esperados no estudo são o aumento do conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva, as Infecções Sexualmente Transmissíveis, prevenção, formas de contágio,

tratamento, promoção do autocuidado e a reflexão referente às consequências do não uso dos métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.

Se o participante sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, poderá ser indenizado pela pesquisadora, conforme art. 9º da Resolução 510/2016.

Você não é obrigado a participar da pesquisa, mas, caso participe, é um direito seu desistir a qualquer momento. Os participantes poderão ter acesso aos resultados da pesquisa, conforme art.17 da Resolução 510/2016.

Para mais informações relacionadas ao estudo, por favor, entre em contato através do e-mail: psi.larissalasneau@gmail.com ou telefone: (24) 99831-3349.

Eu \_\_\_\_\_ aceito  
participar da pesquisa supracitada.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que não sofrerei constrangimentos por isso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e têm o consentimento do meu responsável.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Vassouras-RJ, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Aluno

---

Larissa Pereira Lasneau Bernardino  
CPF: 151.925.037-10

## Apêndice C



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA- PPGEA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Responsáveis)

Senhor Responsável,

Seu (Sua) filho (a) está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa intitulada ***"PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA": A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS RELACIONADAS À SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO***, sob a responsabilidade da pesquisadora **Larissa Pereira Lasneau Bernardino**, aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) da UFRRJ e sob orientação da professora **Drª Sílvia Maria Melo Gonçalves**.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão implementadas estratégias de investigação, como aplicação de questionário e intervenções organizadas em oficinas, estimulando a reflexão nos adolescentes a respeito da sexualidade, fornecendo informações, escutando e esclarecendo dúvidas.

Para evitar possíveis riscos de ordem emocional e ou social, e de constrangimento durante a efetivação da pesquisa, as apresentações serão abordadas com naturalidade, proporcionando um ambiente favorável à adesão dos participantes; valorizarão as falas e a participação de cada aluno na dinâmica adotada no momento para estimular o interesse pelo tema, considerando as colocações expostas perante o grupo e, se necessário, desmistificar tabus com esclarecimentos das dúvidas; utilizarão termos técnicos sobre o tema, explicando seu significado diante dos nomes populares; não apontarão nominalmente os adolescentes para manifestação ou participação nos momentos dos encontros, evitando sua exposição; deixarão os envolvidos a vontade quanto sair durante as apresentações, caso se sintam desconfortáveis.

A pesquisa será realizada no ambiente escolar e os encontros se darão nos horários determinados pela direção da escola. Será mantido total sigilo dos participantes. Portanto, não serão divulgados seus nomes em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou publicação dos resultados da pesquisa.

As atividades ocorrerão em cinco momentos, sendo: **1º** – explicação do tema, proposta da pesquisa; entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorização dos responsáveis. **2º** - recolhimento do TCLE e, após conferência das autorizações, aplicação do questionário pré-intervenção. **3º** - Apresentação de slides em Power Point sobre anatomia e fisiologia dos órgãos masculino e feminino, IST (Infecção Sexualmente Transmissível), exposição dos materiais educativos sobre o tema e entrega de folhetos explicativos. **4º** - aplicação do questionário aos envolvidos para avaliação do conhecimento pós-intervenção. **5º** - Confecção de uma Cartilha educativa baseada nas informações coletadas durante a pesquisa.

Os benefícios esperados no estudo são o aumento do conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva, as Infecções Sexualmente Transmissíveis, prevenção, formas de contágio, tratamento, promoção do autocuidado e a reflexão referente às consequências do não uso dos métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.

Se o participante sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, poderá ser indenizado pela pesquisadora, conforme art. 9º da Resolução 510/2016.

Será possível, a qualquer tempo, retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional, o que não acarretará custo ao participante.

Não haverá compensação financeira pela participação do adolescente na pesquisa.

Os participantes poderão ter acesso aos resultados da pesquisa, conforme art.17 da Resolução 510/2016.

Tendo compreendido tudo que me foi informado neste documento e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que minha participação implica, e sabendo que receberei uma via deste documento, concordo com a participação do adolescente \_\_\_\_\_ sob minha responsabilidade nesta pesquisa e, para isso, **DOU O MEU CONSENTIMENTO, SEM QUE EU TENHA SIDO FORÇADO(A) OU OBRIGADO(A).**

Para mais informações relacionadas ao estudo, por favor, entre em contato através do e-mail: psi.larissalasneau@gmail.com ou pelo telefone: (24) 99831-3349.

Vassouras-RJ, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) responsável

Larissa Pereira Lasneau Bernardino

CPF: 151.925.037-10

## Apêndice D

### APRECIAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP) DA UNIVERSIDADE DE VASSOURAS – RJ

#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE SEVERINO  
SOMBRA-RJ



#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS RELACIONADAS À SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DO RIO DE JANEIRO

**Pesquisador:** LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 58394922.5.0000.5290

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.407.798

#### Apresentação do Projeto:

Retirados do arquivo “Informações Básicas da Pesquisa”:

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, no estilo pesquisa-ação, para a elaboração de dissertação de mestrado, com o intuito de realizar um processo de intervenção, desenvolvendo a aprendizagem de adolescentes acerca do tema sexualidade, mais especificamente IST, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos, de forma interativa e participativa, em oficinas. apresenta como hipótese que as ações realizadas junto aos alunos sobre sexualidade promoverão a aprendizagem quanto a promoção de saúde e autocuidado. A metodologia a ser aplicada nesta pesquisa terá uma abordagem qualitativa no estilo pesquisa-ação, com o intuito de realizar um processo de intervenção, desenvolvendo, de forma interativa e participativa, a descoberta e o processo de aprendizagem em parceria com os adolescentes que estarão envolvidos no estudo, através de materiais educativos e estratégias, gerando um espaço de construção do conhecimento acerca do tema sexualidade, IST, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos. A pesquisa será desenvolvida no CIEP Padre Salésio, situado no Município de Vassouras-RJ, com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, cujos alunos, em sua maioria, residem em áreas rurais da cidade. Será utilizado como instrumento de levantamento de dados um questionário com perguntas abertas, baseado no estudo desenvolvido por Ferreira (2020), que deverá ser aplicado nos participantes antes do início das intervenções e, novamente, após o término das intervenções. Ocorrerá um primeiro encontro com os alunos para a explicação do tema proposto. Após este primeiro momento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE será distribuído aos alunos para que os seus responsáveis possam saber que a intenção da pesquisa é estabelecer um diálogo com os alunos sobre os temas sexualidade, prevenção de IST, gravidez na adolescência e autocuidado. Os alunos envolvidos levarão para casa o TCLE para ciência dos responsáveis, assegurando que a participação dos alunos será voluntária e anônima, e estes poderão dar sua autorização para a participação do aluno no estudo. Também será entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, o qual o aluno participante poderá assinar após ciência do documento e da

proposta da pesquisa. O questionário será aplicado individualmente, pela própria pesquisadora. Após, serão realizadas as ações de intervenção organizadas em oficinas. A modalidade oficina é caracterizada como uma aprendizagem compartilhada, que utilizará atividades em grupos, possibilitando aos participantes um ambiente agradável e acolhedor, proporcionando uma aprendizagem mais estimulante. Além disso, as oficinas poderão propiciar o espaço adequado para reflexão em conjunto, tomando por base as experiências de cada participante. As atividades ocorrerão em seis oficinas, sendo: 1a – explicação do tema, proposta da pesquisa; entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorização dos responsáveis. 2a - recolhimento do TCLE e, após conferência das autorizações, aplicação do questionário pré- intervenção. 3a - realização da dinâmica “Mitos e Realidades” para buscar desmistificar assuntos sobre sexualidade que são tidos como verdades. Apresentação de slides em Power Point sobre anatomia e fisiologia dos órgãos masculino e feminino, IST (Infecção Sexualmente Transmissível), exposição dos materiais educativos sobre o tema e entrega de folhetos explicativos. 4a - Execução da dinâmica “Cuidando do Ninho”, que consiste em o facilitador instruir na formação de pares, na entrega de um ovo a cada par e na orientação para cuidarem desse ovo como um filho, levando-o aonde forem por dois dias. 5a - relato da experiência de cada participante com o “filho-ovo”. Após, realização da dinâmica “Batata Quente” ao som da música “Já sei Namorar”. Na interrupção da melodia, o adolescente que estiver com a bola em mãos deverá escolher uma carta com uma frase sobre métodos contraceptivos. Subsequentemente, serão apresentados slides em Power Point sobre métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e formas de prevenção. 6a - aplicação do questionário aos envolvidos para avaliação do conhecimento pós-intervenção e, em seguida, ofertado um lanche para confraternização. Após, os envolvidos serão orientados e estimulados a descrever resumidamente, através da escrita, como foi para eles a participação na pesquisa. Os cuidados referentes às questões éticas serão observados em todas as fases da pesquisa, seguindo as recomendações.

Continuação do Parecer: 5.407.798

Critério de Inclusão: Alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma Escola do interior do Estado do Rio d Janeiro.Já o Critério de Exclusão: Não acha-se evidenciado na pesquisa

**Objetivo da Pesquisa:**

Retirados do arquivo “Informações Básicas da Pesquisa”:

Objetivo Primário:

Implementar ações junto a alunos de Ensino Médio de uma escola visando a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, as consequências do não uso dos métodos contraceptivos e a gravidez indesejada na adolescência.

Objetivo Secundário:Levar os alunos a uma reflexão sobre a temática sexualidade numa abordagem que enfatize a promoção da saúde e do autocuidado.Analisar a percepção dos

alunos sobre a importância das intervenções sobre sexualidade na escola. Averiguar se os alunos participantes conversam com seus pais e responsáveis sobre a temática. Identificar as principais fontes de informações do adolescente sobre IST, gravidez e métodos contraceptivos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Retirados do arquivo “Informações Básicas da Pesquisa”:

Riscos - O aluno se sentir constrangido ao abordar o tema sexualidade. Benefícios:

A aprendizagem sobre promoção da saúde e autocuidado no âmbito da sexualidade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Baseados do arquivo “Informações Básicas da Pesquisa”:

A pesquisadora informa que pesquisas sobre IST e gravidez na adolescência tem escalonado por conta de diversos setores tem tentado buscar estratégias para o enfrentamento de problemas referentes a sexualidade nessa etapa da vida. Estabelece que a escola é local no qual o diálogo que permite entender esse processo como biopsicossocial.

Propõe, como desfecho primário, implementar a aprendizagem de adolescentes quanto a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, as consequências do não uso dos métodos contraceptivos, a gravidez indesejada na adolescência e a promoção da saúde e do autocuidado, realizável pela por um conjunto de ações composta por uma entrevista de pré-teste, um conjunto de ações educativas em uma perspectiva coletiva(dinâmicas e seus desdobramentos) e um pós-

intervenção com um total de 50 pesquisados.

O estudo será realizado localmente e não há dispensa ao TCLE, sendo necessário, inclusive ao TALE.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

**Recomendações:**

Recomenda solicitar também autorização de campo de pesquisa a SEEDUC, tendo em vista que é um colégio da rede estadual de ensino.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado com recomendações

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo “relatório”, para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI.2.d.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_1855536.pdf	25/04/2022 22:36:55		Aceito
Folha de Rosto	ROSTO.pdf	25/04/2022 22:36:26	LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	20/04/2022 10:23:43	LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU	Aceito
Outros	Assentimento.docx	20/04/2022 10:22:43	LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	20/04/2022 10:22:25	LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU	Aceito
Outros	autoricao.pdf	20/04/2022 10:21:44	LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU	Aceito

**Situação do Parecer:**

Continuação do Parecer: 5.407.798

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VASSOURAS, 13 de  
Maio de 2022

**Assinado por:**  
**Alan Gomes**  
de  
**Miranda**  
(Coordenad  
or(a)

## Apêndice E



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE AGRONOMIA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA- PPGEA

### CARTA DE ANUÊNCIA

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Eu, Gregson Barros da Silva, Diretor do CIEP Padre Salésio, situado no Município de Vassouras-RJ, aceito os pesquisadores LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU (mestranda) e Profa. Dra. Silvia Maria Melo Gonçalves (orientadora), sob responsabilidade do pesquisador principal LARISSA PRIMO PEREIRA LASNEAU, do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PPGEA/UFRRJ a realizarem a pesquisa intitulada "Para além dos muros da escola” : a importância das estratégias educativas relacionadas a sexualidade em uma escola do Estado do Rio de Janeiro." sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Maria Melo Gonçalves.

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para seu desenvolvimento desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas das Resoluções nº466/2012 e nº510/2016 do CNS/CONEP
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa.

No caso do não cumprimento dos itens acima, terei a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Vassouras, 30 de março de 2022.

Deferido (X)

Responsável pelo local do estágio.

*Gregson Barros da Silva*  
Diretor Geral  
CIEP 297 Padre Salésio Schimidt

# FALANDO SOBRE SEXUALIDADE, PREVENÇÃO E IST.

"PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA"

CARTILHA EDUCATIVA





## **ORGANIZAÇÃO**

LARISSA P. LASNEAU BERNARDINO

## **COORDENAÇÃO**

PROFA. DRA. SÍLVIA MARIA MELO GONÇALVES

## **COLABORADORES**

CIEP 297 PADRE SALÉSIO SCHIMID

## **APOIO**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
PPGEA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

# ***CARTILHA EDUCATIVA: SEXUALIDADE, PREVENÇÃO E IST.***

Vassouras, setembro de 2022

# AGRADECIMENTOS

Aos queridos alunos do CIEP Padre Salésio,

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos vocês pela oportunidade incrível que me foi concedida de realizar minha pesquisa de mestrado neste colégio que tem o meu coração. Foi uma jornada enriquecedora e inspiradora, e isso se deve em grande parte à participação ativa e colaborativa de cada um de vocês.

Quero estender meus agradecimentos à escola como um todo, à direção, aos professores e a todos os funcionários que desempenharam um papel fundamental na minha experiência de pesquisa. Seu caloroso acolhimento, orientação e apoio foram inestimáveis ao longo de todo o processo.

É com grande satisfação que compartilho com vocês o resultado de todo esse trabalho árduo. A cartilha que desenvolvi foi elaborada com muito carinho, pensando em ser um importante material de apoio educacional para todos os alunos e a escola como um todo. Espero sinceramente que ela seja útil e contribua de maneira significativa para o aprendizado e crescimento de cada um de vocês.

Novamente, quero enfatizar minha gratidão por esta experiência enriquecedora. Foi uma honra e um privilégio trabalhar com a turma do 2º ano do Padre Salésio, e estou profundamente grata por tudo o que aprendi durante este período.

Obrigado por sua dedicação, colaboração e apoio constante.

Desejo a todos vocês muito sucesso em suas jornadas educacionais .

Com amor,

Larissa Lasneau



**"A sexualidade é uma condição humana que é construída durante toda a vida do indivíduo, iniciando ainda na infância."**

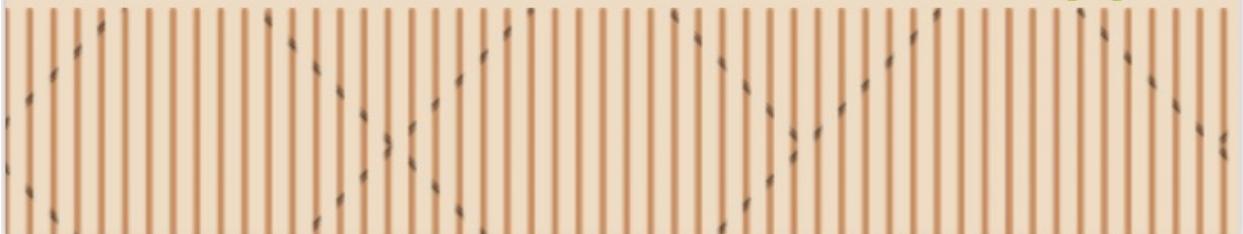
De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS):  
"Sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental"."

Elá é influenciada por diversos fatores, como biológicos, psicológicos, sociais, políticos, culturais, históricos, econômicos e religiosos."



**"Percebemos, portanto, que a sexualidade está relacionada com a qualidade de vida, logo, é fundamental uma vivência sexual saudável. Para isso, é importante tratar o assunto de forma que se evitem a disseminação de crenças errôneas, a desinformação e a discriminação."**

“



# Vamos compreender alguns fatores que levam a comportamentos sexuais de risco na adolescência?

**Os relatos abaixo são de alunos do Ensino Médio:**

**Influência de pares:** O grupo de amigos é muito importante na adolescência. Os adolescentes podem se engajar em comportamentos de risco por medo de serem excluídos do grupo ou considerados diferentes dos demais.

*"Acho que transar de preservativo é como comer bala com papel, é isso que dizem por ai"*

**Desinformação:** A falta de informação e a propagação de mitos sobre a sexualidade, como o entendimento de que o uso de preservativo impede o prazer sexual, que pode ser vivenciado de múltiplas formas, costuma levar ao engajamento em comportamentos de risco.

*"Uma aluna parou no hospital porque tomou remédio para abortar. Teve medo de conversar com os pais ou na escola."*

**Falta de diálogo:** O tabu que envolve falar sobre sexo e sexualidade nas famílias e nas escolas limita o acesso a informação e pode levar a consequências para a saúde física e mental dos envolvidos.

*"Algumas meninas não usam preservativo por medo de o menino ficar bravo e trocar elas por outras."*

**Construções sociais de gênero:** Em toda sociedade e cultura existem comportamentos, modos de se relacionar e se posicionar que são esperados para homens e mulheres. Esses padrões de comportamento também podem ser chamados de **papéis de gênero**. É importante conhecer, discutir e flexibilizar esses papéis a fim de estabelecer maior igualdade de direitos entre os gêneros.

# CONHECENDO O CORPO

A PALAVRA SEXO PODE TER VÁRIOS SENTIDOS,  
NO DICIONÁRIO ENCONTRAMOS:

“Diferença física e constitutiva do homem e da mulher, do macho e da fêmea: sexo masculino, feminino. Conformação que distingue o macho da fêmea nos animais e nos vegetais. Conjunto dos indivíduos que têm o mesmo sexo: reunião para os dois性os. Órgãos da reprodução. Órgãos sexuais externos.”

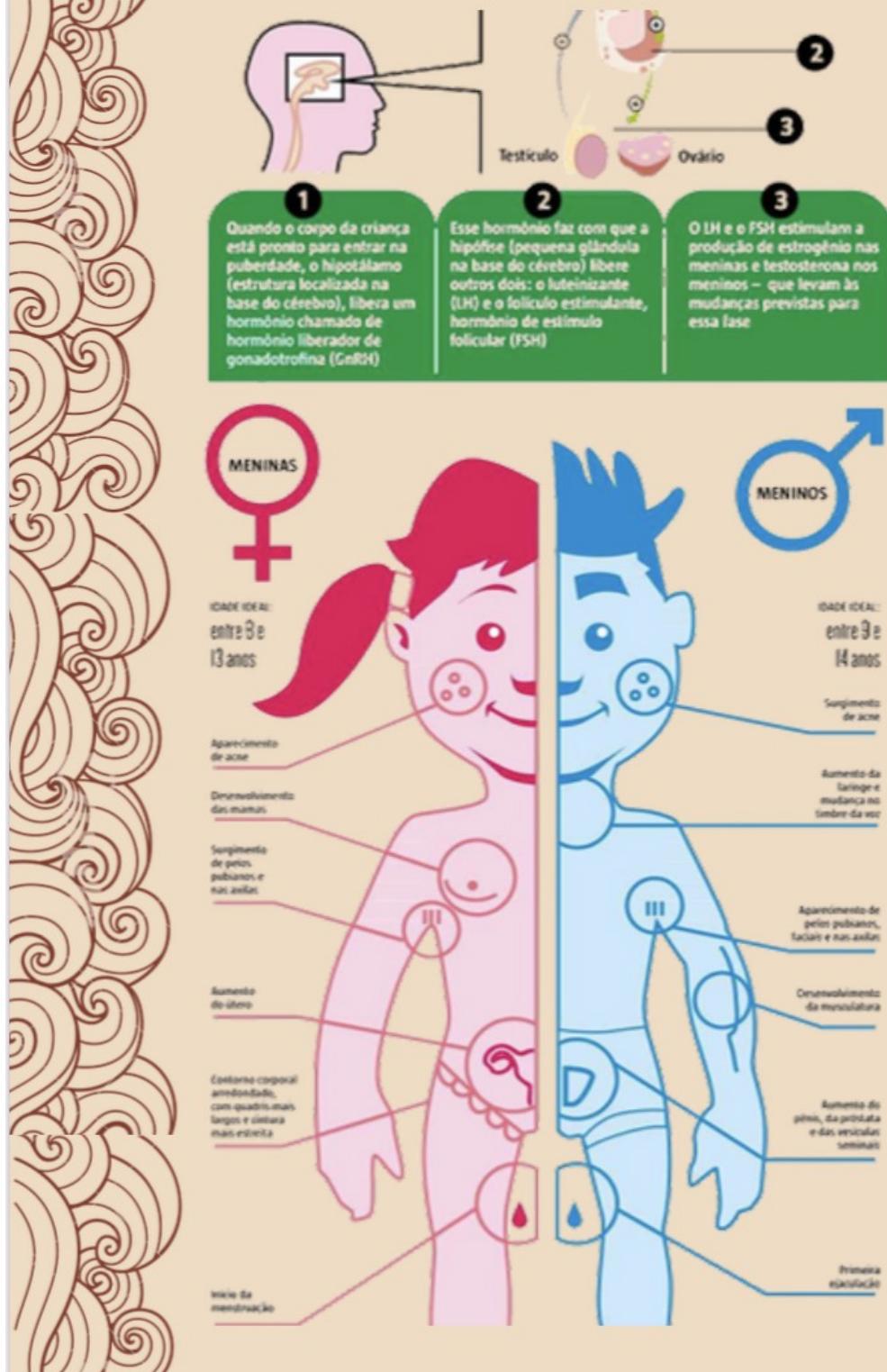
PARA SE TORNAR MAIS SIMPLES:



ANATOMIA



## AINDA SOBRE AS MUDANÇAS DO CORPO:



# PUBERDADE

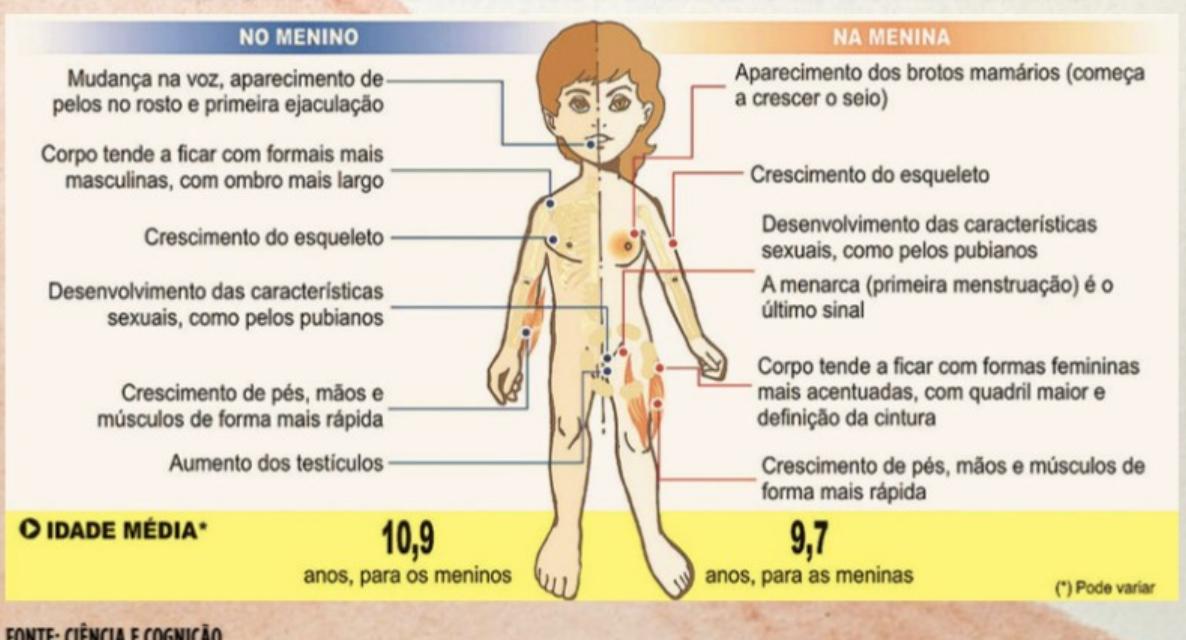
É o nome dado ao período de transição entre a infância e a fase adulta e acontece em meninas entre os 8 e 13 anos de idade e em meninos entre 9 e 14 anos.

Na puberdade, observa-se uma grande quantidade de mudanças biológicas e físicas nos seres humanos.

Essas transformações culminam na aquisição da nossa capacidade reprodutiva.

O corpo do indivíduo começa a mudar, e várias dúvidas e sentimentos começam a aflorar.

**POR ISSO, ESSA É UMA FASE DE GRANDES DESCOBERTAS.**



FONTE: CIÊNCIA E COGNIÇÃO

# SEXO E GÊNERO

## IDENTIDADE DE GÊNERO

Mulher ← → Homem



É como você, na sua cabeça, pensa sobre si mesmo, como se sente, como se enxerga.

## ORIENTAÇÃO SEXUAL

Heterossexual ← → Bissexual ← → Homossexual



Refere-se ao seu desejo, por quem você se sente atraído/atraída sexualmente.

## SEXO BIOLÓGICO

Feminino ← → Intersexual ← → Masculino



Refere-se ao orgão genital, cromossomos e hormônios. Pode ser predominantemente feminino, masculino ou intersexual (uma combinação dos dois).

## EXPRESSÃO DE GÊNERO

Mulher ← → Não-binário (Andrógeno) ← → Homem

É como você demonstra seu gênero pela forma de agir, se vestir, interagir e se expressar.

FONTE: INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

**“Enquanto sexo é uma categoria que demarca os campos do que é ser fêmea e do que é ser macho, gênero, por sua vez, é um conceito mais relacionado ao que é feminino, masculino ou uma mistura dos dois.**



# IDENTIDADE DE GÊNERO



IDENTIDADE DE GÊNERO REFERE-SE À IDENTIFICAÇÃO DO INDIVÍDUO COMO MULHER, HOMEM OU AINDA UMA MISTURA DE AMBOS.

ESSA IDENTIDADE É CONSTRUÍDA PELO PRÓPRIO INDIVÍDUO E INDEPENDE DO SEXO BIOLÓGICO E DA ORIENTAÇÃO SEXUAL (HOMOSSEXUAL, HETEROSSEXUAL OU BISSEXUAL).

"ALÉM DISSO, A IDENTIDADE DE GÊNERO DIZ RESPEITO À FORMA COMO O INDIVÍDUO SE VÊ E COMO DESEJA SER RECONHECIDO PELAS PESSOAS."



# ORIENTAÇÃO SEXUAL

A orientação sexual diz respeito à atração afetiva ou sexual de cada pessoa, ou seja, se uma pessoa apresenta atração pelo sexo oposto, por pessoas do mesmo sexo, por pessoas dos dois sexos, ou, ainda, por pessoas, independente do gênero ou orientação sexual..

## Curiosidade:



"O termo “orientação sexual” é utilizado na atualidade em substituição ao termo “opção sexual”, que dava uma falsa ideia de que a pessoa escolhia sentir desejo por determinado sexo."



# ALÉM DO ARCO ÍRIS

L	LÉSBICA - mulher cis que se relaciona com outras mulheres	
G	GAY - homem cis que se relaciona com outros homens	
B	BISSEXUAL - homem ou mulher cis que se relaciona com homens e mulheres	
T	TRANSGÊNERO - homens e mulheres cuja identidade de gênero difere do sexo biológico	
Q	QUEER - pessoas que não correspondem ao padrão cisheteronormativo	
Q	QUESTIONING - é pessoa curiosa, que está a explorar sua sexualidade e expressão de gênero	
I	INTERGÊNERO - pessoas cuja anatomia não segue padrões feminino ou masculino, como genitais ambíguos	
A	ASSEXUAL - indivíduos que não sentem atração por nenhum gênero ou pessoa	
P	PANSEXUAL E POLISSEXUAL - pessoas que se atraem por vários gêneros ou independentemente de gênero	
+	ALIADOS E OUTRAS DENOMINAÇÕES - a sigla segue a crescer e o + existe para não deixar ninguém de fora	

CELEBRESUAFORÇA #CELEBRESUAFORÇA #CELEBRESUAFORÇA #CELEBRESUAFORÇA

A bandeira **LGBT** representa  
muito mais do que um arco-íris!

Cada cor tem seu significado:

**Vermelho - Vida**

**Laranja - Saúde**

**Amarelo - Luz do sol**

**Verde - Natureza**

**Azul - Harmonia**

**Violeta - Espírito**

E, assim como a sigla **LGBT** foi crescendo  
para abrigar novas possibilidades,  
existem outras representações  
da bandeira também!

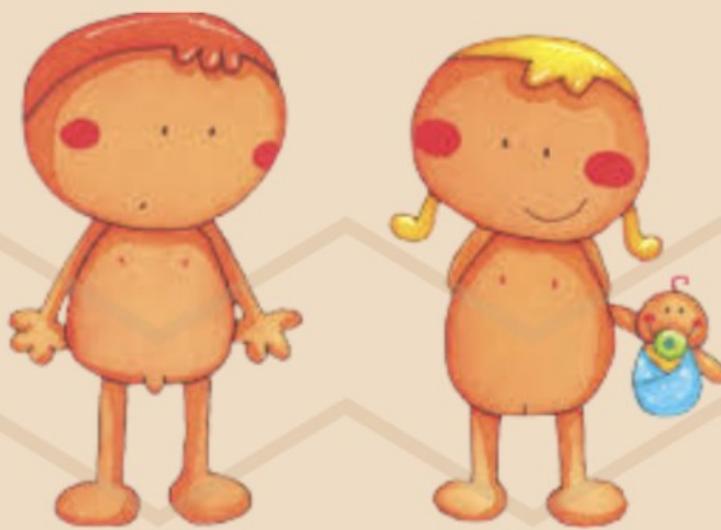
CELEBRESUAFORÇA #CELEBRESUAFORÇA #CELEBRESUAFORÇA #CELEBRESUAFORÇA

# **SEXO COMO RELAÇÃO SEXUAL E SEUS CUIDADOS!**

O SEXO É ALGO NATURAL, FAZ PARTE DA VIDA, PORÉM DEVE SER FEITO SEMPRE COM SEGURANÇA E CONSCIÊNCIA. CONTUDO , ALÉM DO RISCO DE UMA GRAVIDEZ PRECOCE PODE TAMBÉM CONTRAIR INFECÇÕES TRANSMISSÍVEIS SEXUALMENTE.

**POR ISSO É IMPORTANTE FRIZAR:**

## **TUDO TEM SUA HORA !**



# **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NÃO É BRINCADEIRA.**

**A gravidez na adolescência é considerada a que ocorre entre os 10 e 20 anos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS).**

**Apontada como uma gestação de alto risco decorrente das preocupações que traz à mãe e ao recém nascido, a gravidez nesta faixa etária pode acarretar problemas sociais e biológicos.**

# NÃO PODEMOS ESQUECER QUE:

A adolescência é um período da vida rico em manifestações emocionais, caracterizadas por ambiguidade de papéis, mudança de valores e dificuldades face à procura de independência pela vida.

A gravidez na adolescência é muitas vezes encarada de forma negativa do ponto de vista emocional e financeiro das adolescentes e suas famílias, alterando drasticamente suas rotinas.

**A gravidez na adolescência pode trazer consequências emocionais, sociais e econômicas para a saúde da mãe e do filho.**

# VOCÊ SABIA?

**Segundo a especialista, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera gravidez na adolescência a gestação que ocorre entre 10 e 20 anos de idade. A faixa etária dos 10 aos 15 anos é a que apresenta maior risco.**

**Para a menina gestante, existe maior risco de mortalidade materna, eclâmpsia, diabetes gestacional, hipertensão, anemia, infecções urinárias e infecções sexualmente transmissíveis (IST).**

**Para o bebê, existe maior probabilidade de parto prematuro, baixo peso ao nascer (menos de 2,5 kg), desnutrição fetal nos casos em que a mãe têm anemia, malformações e síndrome de Down.**



# **VAMOS FALAR SOBRE ...**

## **INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST).**

**As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos.**

**Elas são transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada.**

**A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação.**

**De maneira menos comum, as IST também podem ser transmitidas por meio não sexual, pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas.**

## **IMPORTANTE**

**A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.**

# IST

**Menos tabu,  
mais conhecimento**

CCS Medicina | UFMG



Aqui estão alguns exemplos IST:

- Clamídia: Uma infecção bacteriana que afeta os órgãos genitais e pode causar sintomas como dor ao urinar e corrimento. Muitas vezes, é assintomático.
- Sífilis: Uma infecção bacteriana que passa por melhorias e pode causar sintomas como feridas nos órgãos genitais, erupções problemáticas e complicações graves se não tratadas.
- Herpes Genital: Uma infecção viral que causa feridas dolorosas nos órgãos genitais e na boca. Ela pode recorrer ao longo da vida.
- HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana): Um vírus que ataca o sistema imunológico, enfraquecendo a capacidade do corpo de combater infecções. Pode levar à AIDS se não for tratado.

?  
**Tira  
Dúvidas**

Infecções Sexualmente  
Transmissíveis crescem entre  
jovens de 15 a 29 anos no Brasil.  
Saiba como se prevenir





**Os métodos contraceptivos têm a função de proteger homens e mulheres das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), bem como evitar uma gravidez indesejada. Existem os métodos de barreira, os hormonais, intrauterinos e cirúrgicos .**

**A escolha do método a ser adotado deve ser feita a partir do perfil da mulher e em comum acordo com o parceiro, além disso, é recomendada *SEMPRE* a orientação médica.**

## MÉTODOS CONTRACEPTIVOS



### Métodos eficazes



Camisinha



DIU



Espermicida



Esterilização

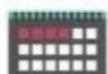


Hormonal



FONTE: TODA MATÉRIA

### Métodos ineficazes



Tabelinha



Emergencial



Coito interrompido



# Como escolher o mais adequado para você?

A escolha deve ser livre e informada - é importante procurar um serviço de saúde para ter informações sobre o método escolhido.



Todos os métodos apresentam vantagens e desvantagens e nenhum é 100% eficaz.

Os mais comuns e de fácil acesso são a camisinha masculina e a contracepção hormonal oral (pilulas anticoncepcionais).



Contudo, o melhor método é aquele que te deixa confortável e que melhor se adapta ao seu modo de vida e a sua condição de saúde.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação desta cartilha, que aborda temas relacionados à sexualidade na adolescência, representa a união dos alunos do 2º ano do ensino médio, que aceitaram participar dessa pesquisa sobre sexualidade nas escolas. Todas as dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa deram base para a produção dessa cartilha, com o intuito de fornecer informações e orientações cruciais aos jovens e seus educadores. Durante todo o processo de pesquisa e elaboração deste material, pudemos perceber a complexidade e a sensibilidade desses tópicos, que desempenham um papel vital na vida dos adolescentes.

É fundamental considerar que a adolescência é uma fase de descobertas e transições, na qual os jovens começam a explorar e entender melhor sua própria identidade e sexualidade. Dessa forma, essa cartilha foi concebida com o propósito de ser um recurso educacional acessível aos alunos do CIEP Padre Salésio, projetada para fornecer conhecimento e apoio a todos os adolescentes que estão passando por uma fase tão importante de suas vidas.

Essa produção também enfatiza a importância da comunicação aberta e saudável entre os jovens e seus pais, responsáveis e educadores. Encorajamos todos os adolescentes a buscar apoio e orientação quando necessário e a compartilhar suas preocupações e dúvidas com adultos de confiança.

Lembrando a todos que a sexualidade é uma parte natural e normal da vida, e o respeito pela diversidade é fundamental. Não importa qual seja sua orientação sexual, identidade de gênero ou implicações pessoais, todos merecem ser tratados com dignidade e respeito.

Concluímos, portanto, esta jornada com a esperança de que esta cartilha possa servir como um recurso específico para todos os adolescentes e educadores. Acreditamos que o conhecimento é uma ferramenta poderosa para capacitar os jovens a tomar decisões informadas e saudáveis em relação à sua sexualidade, promovendo assim uma adolescência mais segura, consciente e feliz.

Deixo aqui, o meu agradecimento mais uma vez a todos que fizeram parte deste projeto, vocês foram a minha maior inspiração.

# REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Manual de Comunicação LGBT. Curitiba: ABGLT, 2010.

ALENCAR, R. de A. et al. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. Ciênc. educ., Bauru , v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008 . Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132008000100011>. Acesso em: 13 NOV. 2022

ARRUDA, S.; RICARDO, C. , NASCIMENTO, M.; FONSECA et al. Adolescentes, Jovens e Educação em Sexualidade: um guia para ação.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 5 out. 1988. BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso em: 13 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). (Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos ; caderno n. 2).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva. 1. reimpr. Brasília : Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica, n. 26).

CARNEIRO, R. F. et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. SANARE-Revista de Políticas Públicas, Sobral-CE, v. 14, n. 1, 2015.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual no dia a dia. 2. ed. Londrina: Eduel, 2020.

FONSECA, S. J.; FILHO, J. F. A menarca e seu impacto nas qualidades físicas de escolares. Revista de Salud Publica, Bogotá-COL,v. 15, n. 2, p. 281-293, mar./abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v15n2/v15n2a11.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

GOMES, W. de A. et al. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro-RJ, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.



